

Ha capacitado en Competencias para el Liderazgo en Coca Cola FEMSA. Arcor Bagley, ANSES, Dirección Nacional de Adolescentes Ministerio Desarrollo Social y otros. Asesor del Ministerio de Justicia de Holanda y del Ministerio de Justicia de Chile, ha intervenido en la Tribal College and University Conference –un proyecto de la Casa Blanca y enseñado en Madrid, Beer Sheva (Israel), Milano, Roma, Padova y Bologna (Italia), Sion (Suiza), Asunción (Paraguay) Albuquerque (USA), Arica (Chile), Praga (Rep Checa), Caracas (Venezuela), D.F. Guadalajara y Cuautitlán Izcalli (México), Sao Paulo, Brasilia y Porto Alegre (Brasil) y en Cipolletti, Bariloche, Salta, Misiones, Córdoba, La Plata, Catamarca, Paraná y otros.

Tiene numerosas publicaciones en gestión de conflictos en español, inglés, portugués y holandés y editó tres libros de psicología clínica y psicoanálisis con otros autores.

Gusta de la ópera y canta en conciertos sinfónicos corales de música sacra. Tiene cuatro hijas adultas y nietos para cada día.

De nacionalidad argentina y alemana, ha dado cursos y conferencias en siete idiomas.

Gusta de viajar, más travesía y trabajo que turismo.

“Nunca sabes qué es suficiente a menos que sepas qué es más que suficiente” William Blake.

Andrés Oppenheimer, periodista del Miami Herald y CNN, y autor de "¡SÁLVASE QUIEN PUEDA!: El futuro del trabajo en la era de la automatización".

“Un libro repleto de excelentes ideas para mejorar la convivencia pacífica entre las personas, las familias y las naciones, escrito de una manera ágil y amena por un mediador de fama internacional. ¡Se los recomiendo!”.

Nancy Fatima Andrichi, ministra de la Corte Superior del Brasil. Inspiradora y referencia significativa del desarrollo de la mediación en su país.

“La obra es un divisor de aguas en la historia de toda la literatura y textos escritos acerca de la Mediación. (...) La obra encanta y nos conduce a tener siempre un diálogo asertivo delante de las más graves vicisitudes. La lectura les encantará, ¡es una lección de amor!”.

Genaceia da Silva Alberton, desembargadora aposentada (camarista retirada) do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Coordinadora do Núcleo de Estudos de Mediação da Escola Superior da Magistratura / AJURIS.

“La obra se presenta como una contribución a la Mediación, visión de largos años de experiencia profesional del autor como psicoanalista, mediador y docente.

En la profundidad de lo simple, el texto nos lleva a un verdadero encuentro con la complejidad del mediar”.

Gladys Stella Álvarez. Jueza y profesora universitaria es quien introduce, junto con su colega Elena Highton, a la mediación en Latinoamérica y en las Cortes de Justicia. Autora de varios libros en la materia, ha sido premiada y reconocida internacionalmente.

"El libro es una joyita, Los dibujos, los momentos históricos y las citas que remiten a y de quién aprendimos imperdibles, así como en general las notas, efectivamente hacen otro libro..."



Juan Tausk

Juan Tausk

La tenacidad del odio y la fiesta de la vida

Negociación y psicoanálisis para una convivencia posible



Juan Tausk. Graduado en psicología, ejerce como psicoanalista, negociador, gestor de conflictos y docente. Escritor.

Profesor Titular en Clínica Psicológica y Psicoterapias: Facultad de Psicología Universidad de Buenos Aires hasta 2016.

Director de la Maestría en Mediación y Negociación del Institut Universitaire Kurt Bösch, Valais, Suiza (IUKB), hoy incorporado a la Université de Genève y de la Asoc. Civil Programas de Estudios de Postgrado (APEP) hasta 2016.

Director de la Diplomatura Universitaria en Competencias para el Liderazgo. Universidad Tecnológica Nacional y APEP.

Ha presidido el World Mediation Forum en dos oportunidades y organizado los Congresos Internacionales en Cagliari (Cerdeña), Buenos Aires, Crans Montana (Valais, Suiza) y Jerusalem.



La tenacidad del odio y la fiesta de la vida



Psicolibro ediciones

Colección Inspire-ideas

A TENACIDADE DO ÓDIO E A FESTA DA VIDA

Negociação e psicanálise para uma convivência possível

Juan Tausk



Notas de Contracapa:

➔ **Andrés Oppenheimer**, periodista do Miami Herald e CNN, e autor de "SALVE-SE QUEM PUDER! O futuro do trabalho na era da automatização".

"Um livro repleto de excelentes ideias para melhorar a convivência pacífica entre as pessoas, as famílias e as nações, escrito de uma forma ágil e agradável por um mediador de fama internacional. Recomendo!"

➔ **Nancy Fátima Andrighi**, Ministra da Corte Suprema de Justiça do Brasil. Inspiradora e referência significativa do desenvolvimento da mediação no seu país.

"A obra é um divisor de águas na história de toda a literatura e textos escritos acerca da Mediação.

Faço essa afirmação, certa de que não é só porque foi escrita por um Mestre em Psicologia e um arguto e sensível mediador, mas essencialmente porque foi escrita com amorosidade!

A amorosidade é o fio condutor para a humanização das relações humanas e o Professor Juan Tausk mostra como se deve construir esse fio transformando o ódio dos conflitantes numa virtude!

A obra encanta e nos conduz a ter sempre um diálogo assertivo diante das mais graves vicissitudes!

Mas a leitura irá encantá-lo mesmo, lição de amorosidade! "

➔ **Negaceia da Silva Alberton**, Desembargadora aposentada (Camarista retirada) do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Núcleo de Estudos de Mediação da Escola Superior da Magistratura/ AJURIS

"La tenacidad del Odio y La Fiesta de la Vida" é resultado da mente curiosa e arguta do Dr. Juan Tausk, olhar de Mestre. A leitura é uma constante confrontação com o espelho. Quanto mais nos autoconhecemos, menos dolorido é perceber que temos em nós um pouco de cada um. Nem santos, nem anjos caídos, só homens. Ressalta o Autor a gravidade do trabalho na mediação: "lejos de la construcción del amor y del mediador como mensajero de la paz". ("longe da construção do amor e do mediador como mensageiro da paz").

A obra se apresenta como uma contribuição à Mediação, visão de longos anos de experiência profissional do Autor como psicanalista, mediador e docente.

Na profundidade do simples, o texto nos leva a um verdadeiro encontro com a complexidade do mediar. Sucesso, Dr. Juan Tausk."

Este livro é um retrabalho da Tese do autor para o Mestrado Latino-americano Europeu de Mediação e Negociação. Institut Universitaire Kurt Bösch (hoje Université de Geneve e Université de Laussane), com APEP Associação Civil Programas de Estudos de Pós-graduação (Argentina). Os Jurados: Dra. Maria Cristina Klein, Professor Jorge Helman e Professor Alejandro Nato.

Imagem da capa: Pierre-August Renoir. "Le Moulin de la Galette" 1876 Musée d'Orsay.

Dedicatórias

Aos meus pais, Charlotte e Ralph, cada vez mais amorosamente lembrados em suas virtudes e seus ensinoss. ל"ט ¹

A Karl Cahn, irmão de minha mãe, assassinado aos 19 anos no inferno do Campo de trabalho e extermínio de Mauthausen, Áustria. (1941) ל"ט

A Evelyn Weil, falecida em Kfar Saba, Israel, em inícios de 2017, uma pessoa preciosa e sábia. ל"ט

Aos meus estudantes da Faculdade de Psicologia UBA, de quem me despedi em finais de 2016.²

E acima de tudo a minhas filhas e meus netos, deles são as palavras para vir.³

Agradecimentos

A Laura Winikor (Niterói, Brasil). Convidada a dar sua opinião sobre o texto, fez por sua vez uma cuidadosa e exaustiva revisão conceitual, técnica e literária. Graças a ela, o libro pode-se ler melhor.

Finalmente, ela realizou a tradução para o português, preservando primorosamente o estilo de escrita e, sobretudo, a intenção do autor.

¹ Acrônimo de 'Zijronó le brajá', hebraico: 'Em sua bendita memória'.

² Ver "Bem-vinda Despedida": Ato de despedida como professor titular de Clínica Psicológica e Psicoterapias, realizado no transcurso do Congresso Internacional de Psicologia, UBA, 2016. Reúne exposições de Jorge Helman, Juan Tausk, leitura de poesias de Cecilia Urcola, Ricardo Costa Brizuela e Juan Tausk e uma apresentação de humor 'psi' de Rudy.
<https://www.dropbox.com/s/aprv280z446t129/2016%20Despedida%20Bienvenida%20%28%29.pdf?dl=0>

³ É, por sua vez o título do livro: "**A Palavra para vir. Conversações em Clínica Psicanalítica**".
Compiladores: Juan Tausk e Eduardo Duer. JCE Edições. Buenos Aires, 2016. Reúne trabalhos de docentes e estudantes de Clínica Psicológica e Psicoterapias: Adultos (Universidade de Buenos Aires, Faculdade de Psicologia), que o autor teve a cargo como professor titular durante 27 anos. A partir de deixar seu cargo e depois de 25.000 estudantes, o livro foi ciosamente censurado e gentilmente descartado para não ser lido pelas seguintes camadas de estudantes. Parece que, junto com a água da banheira saíram do programa textos de docentes e alunos da cátedra, incluso todos os escritos do autor deste livro. 'Washed out'. Algo mais fresco que Farhenheit 451, mas igual de canalha.

Índice

Prefácio	5
Propósito	8
1. Sofrer como Caim	11
2. A tenacidade do ódio	14
3. A confrontação no espelho	19
4. Cyprus for ever	22
5. Mississippi em chamas	26
6. A lógica das atribuições	31
7. Uma lógica totalitária	37
8. A tentação totalitária	40
9. A culpa é do causador	43
10. A saída é muito fácil	46
11. Nem monstros nem feras: gente comum	51
12. Rancor, meu velho rancor	56
13. Auto ajude-se, é uma ordem!	62
14. O obscuro objeto do desejo	73
15. Terceiridade. O poder do mediador	80
16. De perto ninguém é normal	83
17. A escuta inconsciente e um caso de mediação numa Empresa Familiar	94
Referências de leituras	105

Observação: Nas notas de rodapé se inclui a definição dos termos em ‘lunfardo’ do cidadão portenho, ou seja, o ‘slang’, ‘a gíria’ da Cidade de Buenos Aires, para facilitar a leitura em outros países de língua hispana ou portuguesa.

Advertência: Há dois livros em um, o texto e as notas de rodapé. Recomendo mais as segundas que o primeiro.

«Nenhum homem é uma ilha inteira por si mesmo:
Cada homem é um pedaço do Continente,
uma parte do principal.
Se uma porção de terra é levada pelo Mar,
toda a Europa diminui,
como se fosse um promontório,
como se fosse a Mansão dos teus amigos,
ou a tua própria.
A morte de todo homem me diminui, porque me encontro
implicado na humanidade.
E por isso, nunca averigues por quem dobram os sinos;
eles dobram por ti.»^{4 5}

"No man is an iland, intire of it selfe;
every man is a peece of the Continent, a part of the maine;
if a clod bee washed away by the Sea, Europe is the lesse,
as well as if a Promontorie were, as well as if a Mannor of thy friends
or of thine owne were;
any mans death diminishes me, because I am involved in Mankinde;
And therefore never send to know for whom the bell tolls;
It tolls for thee".

⁴ Ref. http://www.famousliteraryworks.com/donne_for_whom_the_bell_tolls.htm (9/1/2917) Tradução de J. Tausk. Ernest Hemingway inicia seu "For whom the bells toll" com essa citação. The Complete Poetry of John Donne, edited by John T. Shawcross (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1967).

⁵ O plural de 'sinos' é uma licença, no original está em singular, mas mantenho o uso comum, soam melhor.

Prefácio

“Fui um homem afortunado na vida,
nada me foi fácil”. Sigmund Freud

Este é um ensaio que imagina seu leitor e se propõe interessar os que habitam o território atrativo, criativo e desafiador de almejar contribuir para resolver a crescente conflitividade em nossas sociedades.

É possível

- Criar condições para uma convivência possível?
- Aportar a isso sem perpetrar um estilo/estado totalitário?
- Reduzir as aspirações messiânicas e manipuladoras?
- Se fazer ouvir além dos desleais representantes congressistas/executivos?
- Difundir os meios colaborativos de resolução de conflitos?
- E, sobretudo, poderemos participar da festa da vida?

Esse texto está escrito amavelmente e com a esperança de que, quem o ler, desfrute da leitura e sinta-se chamado a conversar comigo.

Padeci os mestres-predicadores que sabem gerar o horror à ignorância no seu público cativo, habitando o mais miserável do desprezo e a falta de generosidade.⁶ Sempre desconfiei das linguagens fechadas, cujo fim é um ‘guetto’ invertido ao construir uma borda, um muro⁷ para encerrar fora os ‘ignorantes’ e disfrutar a insossa tibieza de alguma endogamia, além de gozar pela submissão ao poder que gera a propriedade do ‘saber apropriado’⁸.

Saiba o leitor que o presente escrito está ordenado tematicamente, porém, no melhor estilo intertextual, os temas se enodam entre si, se antecipam, se derivam. Isso requer do leitor paciência, pois tento que nenhuma ideia fique só ou perdida, cada uma retorna construindo um pensamento que, aberto às ‘palavras par vir’, pretendem fazer sentido no conjunto. O saberá decidir o leitor.

Por sua vez escolho um modo coloquial e de intercâmbio com o leitor das ideias que pretendo dividir. Me interrogaram a respeito por uma escrita aparentemente leviana. Considerei, e o disse, que a escrita deve ser leve, pois os problemas para pensar e resolver são tão complexos, difíceis e carregados de ‘mistério’, que não faz sentido fazer um jogo de simulação: uma ‘ideia enorme’ esconder-se por trás de um discurso opaco e denso, para esperança dos iludidos com poder administra-la algum dia, que proclamam a

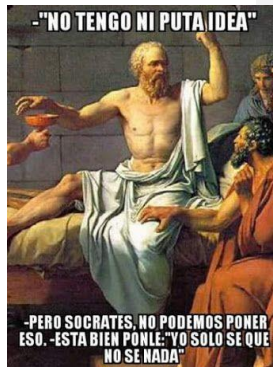
⁶ “Blooming sinagogues” de Juan Tausk, elogia um querido e alterado professor do seu ensino médio: o mestre Porter. Inédito. Ver em: <https://www.dropbox.com/s/tggupq59waddymi/Tausk%20Juan%20-%20Master%20Porter%20-%20Blooming%20Sinagogues.docx?dl=0>

⁷ Não se referido ao muro a ser construído entre México e USA, que sonoros ‘trumpetes’ pressagiam.

⁸ Interessante descobrir que ‘apropriado’ tem a mesma raiz que ‘propriedade’.

promessa 'é para se pensar', mas que não é mais do que um domínio circense do expositor.

Escritos difíceis de ler, como sinal de um saber além da compreensão do leitor motivado. Para isso vai uma anedota que lembrei com motivo da despedida de 30 anos de professor de grado na universidade. Um estudante, numa turma, é convidado a avaliar a experiência da disciplina. Elogia as aulas do professor como excelentes. Mas, acrescenta o fatídico, 'mas...', que nunca podemos deixar passar porque revela, se não a verdade, ao menos sua vacilação.



O docente lhe pergunta e vem a resposta: "Falta ao professor nível acadêmico." Os estudantes ficam impactados pela valentia em expor uma crua verdade. O docente, precavido talvez, pergunta por que diz isso.

"Porque o entendo". Fico intrigado com a ternura do relato. Comento com uma filha que estudava arquitetura e me diz que lá é igual. Se se o entende, as pessoas dizem: "Não disse nada novo". No entanto, se vem alguém com a suficiente dosagem de fechada especulação conceituosa, e abundam, o público, profissional ou estudantil, ao não entender, assente com a cabeça e promete aos seus vizinhos de plateia pensá-lo alguma vez, dizendo: "Mas, que nível!". Há quem entra em laicos transes místicos de exaltação com um saber supremo, outros afortunadamente, se incomodam pelo descuido à sua melhor inteligência.

Cada um sabe onde gosta de se instalar. No meu caso, prefiro que este livro possa ser lido por quem faz da curiosidade seu caldeirão, da construção de um mundo habitável seu anseio e do trabalho pela passagem da tenacidade do ódio à festa da vida, seu desejo vital.

Claro que penso em dois conjuntos de interlocutores por meus dois ofícios, a psicanálise e a gestão colaborativa de conflitos, ambos habitantes de contextos profundamente interdisciplinar e não obrigados à 'verdade definitiva'. Se bem que às vezes...

Sempre confiei na capacidade de "escuta" lúcida que nos habita a todos. E a generosidade. Depois de tudo, um texto é um encontro. Wilson, o protagonista de '1984' de George Orwell⁹, dizia ao encontrar um livro proibido, na verdade todos menos um eram proibidos:

["...os melhores livros são os que nos dizem o que já sabemos"¹⁰.](#)

O saber absoluto é sempre um saber projetado infinitamente, que tem intérpretes e representantes que, simulando que o possuem, terminam acreditando isso. Sócrates

⁹ Orwell, George: (1949) "1984" Edições Destino. Espanha 2007.

¹⁰ Galileu Galilei: "Não podes ensinar nada a um homem, mas podes ajuda-lo a descobri-lo por si mesmo."

sabia disso, se me permitirem uma versão irreverente. Por não dizer os ‘falsos messias’ que refere Gerard Haddad.¹¹

Por isso me apoiarei em leituras, experiências e casos sustentados desde um olhar crítico e não pensando no óbvio ou estabelecido.

Nada mais triste que outro livro sério que, variando sobre o mesmo, acabe entediando inclusive o próprio autor.

O único que pode sabe-lo é o leitor, a quem recomendo as notas de rodapé. Às vezes chego à ideia de que é o mais interessante num texto. Talvez, também não.

Sim excedo em dois aspectos: tento que um termo que tem por trás ideias que não necessariamente todos os leitores conhecem, seja explicado ou, ao menos se refira uma fonte de informação. Para isso Google resolve rápido a diferença de culturas acadêmicas ou profissionais. Aproveito da ideia de que todo o pensável é pensável por qualquer um que queira saber. O segundo aspecto das notas é explicar a língua coloquial argentina - ‘lunfardo’¹² - que utilizo e não é de uso dos leitores de outros países latino-americanos.

O último capítulo se propõe concluir o trabalho nos quinze capítulos anteriores e também apresentar a chave fundamental destas conversações em gestão de conflitos que, no meu entender, é a escuta que os psicanalistas denominamos inconsciente¹³, trabalhada com relação a um caso de mediação com diretores de uma empresa familiar.

Finalmente, leio e consulto, faço próprias ideias de outros autores, não deixo de referi-los e me conduzem a um asserto de Charly García que me parece tão original:

“Se roubas a um, eres um canalha, mas se roubas a muitos, eres um gênio”.

No entanto, era uma cita que toma de outro:

“Se roubas a um autor é plágio, se roubas a muitos é pesquisa”. Wilson Mizner, 1876 – 1933. Roteirista. Califórnia. USA.

¹¹ **Haddad, Gerard:** “Los biblioclastas. El mesías y el auto de fe.” (Os biblioclastas, O messias e o auto de fé) Editora Ariel. Buenos Aires 1993. Relacionar os messias com os autos de fé e a queima de livros, faz dela uma obra genial.

¹² Lunfardo: Jargão utilizado por imigrantes, marginais e malandros, que se introduziram na linguagem coloquial. Dicionário da fala dos Argentinos. Slang, gíria.

¹³ Escuta Ativa se diz no campo da gestão de conflitos. Converte, sim, mas é decididamente imprecisa.

Propósito

“Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana;
e não estou tão seguro sobre o universo.”
Albert Einstein

Penso em quatro temas que me motivam para este livro.

1. A construção de um conjunto de ideias mais ou menos coerente que dê suporte ao campo da resolução ou gestão de conflitos, a negociação, mediação, construção de consenso, facilitação de diálogos, competências para a construção de equipes de trabalho e liderança, e ‘coaching’¹⁴.

Preocupou-me a geração de ideias e argumentos a partir dos elementos ainda dispersos e de relativa precariedade conceitual, embora forneçam espessura e consistência ao trabalho de negociadores e mediadores formados, líderes talentosos, negociadores em temas de política local e internacional, gestores de funções governamentais, diretores de empresas e organizações. Reconhecem em sua prática o criativo e bem-sucedido, e não lhes virá mal dispor das ideias que lhes possibilitem entender por que as coisas funcionam ou deixam de funcionar¹⁵. Pretendo contribuir para um trabalho de muitos e em constante agitação: construir uma disciplina que se desenvolva e se faça motivo de pesquisa e academia. Percebi uma recorrência a ideias vagas e aceitas, a intuições com pouca substância, a preconceitos banais e, para pior, livros de autoajuda.

2. Fusão. O que a Psicologia e a psicanálise podem fornecer.

A descoberta de que posso contribuir com ideias fecundas e audazes desde minha disciplina de origem foi algo comovedor. Mas isso aconteceu também ao contrário. Minha prática como psicanalista com a de negociador e mediador, e como docente em ambas. O chamam de fusão. Gerry Mulligan com Astor Piazzola: onde começa e onde concluem tango e jazz? Modo de dizer que o mundo é mais amplo e que ainda há tanto por criar. Fusão e confusão. Não perco a possibilidade de brincar e este livro é um convite. Brinquemos juntos.

Não são tantos os psicanalistas que, na Argentina se interessaram neste campo, mas parece-me, acredito, que seja por certa inércia profissional e ideológica. Quero dizer, preconceitos e temor. Me o fizeram sentir: uma disciplina menor que não chega ao sopé do Monte Olimpo do inconsciente e ‘o real’.

Por outra parte, os psicanalistas brasileiros entram de pleno direito a este campo. Mas sabemos a diferença, o tiki tiki’ do samba não é a postura rígida dos torsos na milonga. São muitos e alguns esboçam até densas fumaceiras lacanianas. Não querem renunciar a

¹⁴ Impossível de traduzir, aceitando que tantas palavras cotidianas já vêm em inglês em nosso espanhol portenho.

¹⁵ A.A. Teoria é quando se sabe tudo mas nada funciona / Práxis é quando todo funciona pero não sabemos o porquê. / Nós reunimos teoria e prática: nada funciona e não sabemos o porquê.

nenhum dos dois campos. Neste sentido este livro pretende ser um convite franco e amável.

3. A formação do mediador e do negociador como profissional.

Preocupo-me em aprofundar e ampliar a formação do mediador além da brevidade da maioria dos cursos de formação no mundo. Quem se nutriu na vida de diversas disciplinas e práticas, e almeje ser um mediador lúcido e criativo, não o será por uma espécie de parábola afortunada na qual, por cair em pé, se acredita.

Não alcança a chamada ‘formação básica’, que não é mais do que uma pincelada leve, uma aquarela, mas nunca um óleo. Para gerar as competências e atitudes de um ‘saber agir’, em quem se qualificou em diversas disciplinas e pretende se-posicionar ou aceder a outras leituras, olhares e ações, deve trabalhar forte consigo mesmo e cumprir com a fórmula de Churchill: sangue, suor e lágrimas (há mais fluidos, não estamos em guerra).

Além disso, deve-se hierarquizar estes ofícios para fazer deles atividades que gerem ingressos: um legítimo meio de vida.

Como em todas as atividades vitais, se te interessam, ultrapassas as dificuldades e contribuis com generosidade.¹⁶

Os temas que deve resolver o vasto campo da gestão de conflitos são cruciais. Refira-se à negociação, mediação, facilitação de diálogos, *coaching*, diálogos apreciativos ou as negociações multipartes ou negociações internacionais. Cedo entendi a importância do intercâmbio e a fértil polinização¹⁷ que oferecem os congressos internacionais. Sobretudo pelo avanço do tema no mundo nos últimos 25 anos. Daí minha paixão pelo World Mediation Forum, que habitou setenta países em seu momento mais vital. O presidi em dois períodos e sim, viajamos. Congressos em Sardenha, El Escorial, Havana, Buenos Aires, Crans-Montana (Valais, Suíça), Jerusalém, Venezuela, Valência, Montreal. Viagens de estúdio, explicam os adolescentes. Foi bom enquanto durou. Mas verão, como as forças internas quebram os melhores projetos. Implosão lhe chamam ou, tomando uma ideia de Steve Stowell¹⁸: “Achamos o inimigo, e ele somos nós” com que legenda seu livro ‘*Teamwork*’.

Mas também pensei na importância da formação de pós-graduação e, para isso criamos o Mestrado Latino-americano Europeu em Mediação e Negociação, com o Institut Universitaire Kurt Bösch, de Sion, Suíça e a Associação Civil Programas de Estudos de Pós-graduação APEP, de Buenos Aires, Argentina, que culmina seus doze anos de atividade com a graduação de quase 130 *magisters* d e quase toda Latino-américa e alguns de Porto Rico, Itália, Holanda e Espanha¹⁹.

¹⁶ “Diz tua palavra e quebra-te” é a citação de Nietzsche que introduz a capa da gloriosa revista literária, fundada nos ‘70’s por Abelardo Castillo e Liliana Hecker: El Escarabajo de Ouro (O Besouro de Ouro).

¹⁷ Tão só uma metáfora apícola.

¹⁸ Stowell, Steve. “Teamwork” The Center for Management and Organizational Effectiveness, Sandy Utah, 1994. Organização com a qual o autor está associado.

¹⁹ Cumprimos um ideal de pós-graduação: mais de 50% dos que iniciaram o mestrado se graduaram.

Capacitamos líderes de organizações, empresas, governo e sindicatos em Programas de Pós-graduação em Competências para a Liderança e Negociação/Mediação²⁰.

Foram mais de 700 pessoas de

- **Empresas** como Coca-Cola, FEMSA, ARCOR, Hewlett Packard, Cargill, Meta Logística Farmacêutica; **Poder Judiciário e de Justiça**, como os Tribunais de Rio de Janeiro e Porto Alegre, Superior Tribunal de Justiça do Brasil e de Uruguai, Ministério de Justiça e Direitos Humanos (Argentina), Supremo Tribunal de Misiones, Argentina, Magistratura Corte de Justiça de São Paulo;
- **Universidades** como Universita degli Studii di Padova, Universidade de Tarapacá (Arica), Institut Universitaire Kurt Bosch, Ben Gurion University at Negev, Universidade de Buenos Aires, Univ. Católica de Asunción, Paraguay, Universidad Tecnológica Nacional e de Monterrey (México), New México Univ. (USA);
- **Entidades de Governo** como Ministério de Justiça de Holanda e de Chile, ANSES, Direção Nacional de Adolescentes em Conflito com a Lei, Ministério de Justiça Cidade de Buenos Aires e de Córdoba, Iniciativa de Universidades de Reservas Indígenas da Casa Blanca;
- **Associações ONG's**: Conselho de Ciências Econômicas de Misiones, La Pampa, Capital Federal; Federação de Mediadores de Holanda, Diretores de Laboratórios de Hospitais de CABA, Federação de Operários e Empregados de Telecomunicações da Rep. Argentina. Também a membros de associações vicinais de Vilas de emergência, participantes de paróquias, sinagogas, associações de Menonitas do Paraguai (Assunção e Loma Plata) e templos mórmones (Utah, EEUU).

Gostaria de poder compartilhar o que pensei, o que descobri. E, sobretudo, o que encontrou-me.

Entendi isso há alguns dias na preciosa livraria 'Las mil grullas' ('Os mil grou's'). Geralmente, ao ir a uma livraria devo encontrar um livro, devo buscá-lo. No entanto, nessa e em outra, Caleidoscópio²¹, os livros me encontram a mim.

Meu desejo é que este livro encontre seu leitor.

²⁰ Sempre com a ideia de que todos podem ter acesso se se oferece com respeito e generosidade. CEO's (Diretores Executivos) e Diretores, Juizes, Gerentes, Líderes de equipes, Mandos médios, Profissionais de várias disciplinas e Operários.

²¹ Seus nomes já o indicam.

1. Sofrer como Caim²²

“... há quem vive como se fosse imortal,
outros se cuidam como se valesse a pena”.
Juan Gelman²³

Um homem, em sua sétima década, solicita ao autor o que imagina impossível. Que seus filhos participem juntos na sua festa dos 70 anos. Pouco esperançoso, embora iluminado por alguns lampejos de mediações das que tinha escutado, não menos impossíveis, aposta que o recurso, ou seja, a construção de diálogos, possam contribuir para uma saída possível. O autor sente prazer em ajudá-los.

O convite é efetivo, aceitam ambos. O qual já é um passo maravilhoso. Decido falar com cada um deles antes de reuni-los. Devo evitar estar como ‘cachorro em quadra de bochas’²⁴, além do que, há uma decisão necessária: se é o momento de junta-los numa reunião e se sou a pessoa que convém.

O filho Julião tem 25 anos, estudante universitário. Já são 8 anos que não vê a irmã. Ela, Malena, tem 33 anos, é filha de um matrimônio anterior do pai. Com ele se encontra, mas nem pensar de ver o irmão. Oito anos são muitos para duas pessoas que, com pleno direito, são maiores de idade. A que atribuir essa raiva sustentada e sem concessões? Escuto isso quando os vejo. Ela, mais calma, mais velha, não compreende o aborrecimento de seu irmão, mas sabe sim do seu próprio fastio. O irmão a tratava mal, talvez amparado por ser o filho da esposa atual do pai. Ela, por sua vez, morava com sua mãe, de modo que jogava de visitante. Criativa, uma mulher que se sustentava bem, amável. Não acredita em conciliação alguma mas aceita reunir-se. É interessante, ambos escutam o pai e a seu maior desejo. São seus únicos filhos. Com uma dor complexa, como todas as dores, multideterminada, com sua face consciente e sua carga inconsciente.

Quando falo com Julião, vejo um jovem inspirado na música, talentoso, bom estudante. Vital. Mas um nó o aperta e deve trancar²⁵ as portas. Com efeito, num momento familiar denso, a irmã teria agido, segundo ele, de um modo inapropriado e ofensivo. Isso selou o destino. Só destrancaria se Malena ‘focinhara’²⁶ e rogara perdão reconhecendo suas faltas inqualificáveis e ainda assim... Nenhum pinga de implicação, orgulhoso em sua reivindicação, me deixa preocupado. Um ar propriamente juvenil que enfrenta o mundo. Me reconheço nele.

²² Passar as de Caim: A história bíblica conta que, após matar seu irmão mais novo, Abel, Caim foi condenado a vagar durante toda sua vida pela terra com uma marca na frente, sem poder falar com ninguém; então, figuradamente, 'passar as de Caim' significa passar muito mal, como esse personagem <https://www.google.com.ar/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=pasar%20las%20de%20caim>. (consulta: 19 de dezembro 2016)

²³ “Lamento pelo sapo de Stanley Hook” Tradução III. Os poemas de Stanley West em Obra Poética. Corregidor Editora. Buenos Aires. 1984

²⁴ Extraviado ou fora de lugar.

²⁵ Fechar as portas com passadores e trancas.

²⁶ Se rendera.

Só uma ideia erradico de meu alcance. A banal e frugal ideia de que o problema tem a ver com filhos privilegiados ou abandonados, consequência de um divórcio e uma nova família. O lugar comum e convencional de uma evidência pobre e padrão não serviria para chegar a lugar nenhum ao mais medíocre dos detetives das novelas negras. O que não é lugar comum, mas inevitável é que um pai ou uma mãe seja apropriado por um só, que os faça exclusivamente seus. Há um universo de pactos e leis. Há um outro, esse irmão que vem estragar o idílio. Isso é o aprendizado básico da fratria e um trabalho para toda a vida. Somente quando se pode ir além disso, se potência uma vida no mundo. Se ficas, em algum momento explode na própria cara.

Os reúno comigo. Poucas palavras e menos olhares. Não sou de impor silêncios pesados e mortificantes, os silêncios (há outros, como veremos) são cruéis e desnecessários, de modo que eu falo. Como não se viam por tanto tempo, lhes pergunto para que saibam sobre trabalhos, estudos, viagens, namoros. Claro que também falo sobre a mediação e, sobretudo, de conflitos de irmãos, no final das contas, quem não os habita? Conto como algumas confrontações entre irmãos nas que intervim foram tão dolorosas e injustas para todos como as que a gente deve ter tido. Como eu tive. Acontece com quase todos: isso tem um sentido bem definido. Nem imaginem que têm uma reivindicação e causa na vida da que são exclusivos afetados e privilegiados por um reclamo y uma ferida. Há que sair de uma posição de ser a exceção, o sofredor por excelência. Tentar reduzir a pretensão 'narcisista' de 'depois de mim, o dilúvio'. Falo eu, já que não podem tomar a iniciativa. Claro, estão à defensiva, prevenidos. E têm razão. Está em jogo algo muito importante, uma imensidade quase inominável.

Utilizo algo que me surpreende. Conto-lhes. Anos atrás atendia em clínica psicológica um profissional talentoso, muito bem sucedido, que se destacava na capacidade de criar estruturas inclusivas, uma generosidade incrível e, sem dúvida, uma inteligência tal que me foge a capacidade de medi-la. Um dia ele me explica e acredito nele, que para saber o que o outro pensa não necessitava escuta-lo. Era suficiente falar-lhe, enquanto deixava deslizar seu olhar. Sabia o que o outro pensava. O leitor dirá que é um absurdo, um truque 'psicopático' e manipulador, um falsário telepático, talvez. Mas o conseguia. A tal ponto que deixou a terapia, certamente quando soube o que eu estava pensando, enquanto ele falava... Retorno aos nossos dois irmãos, sim, enquanto eu falava os escutava pensar, suas expressões, suas posturas, o clima que flutuava no ar, suas emoções. Nada bom, lamentava-me de um fracasso certo e nos próximos minutos.

Subitamente, Julião diz:

“¡Quando tinha treze anos identificava-me ao velho e te tratava mal...!”

Malena: “¡Não posso acreditar no que estou escutando!”

Silêncio. Calmo, reflexivo, amável.

Fala-se um pouco mais e os acompanho descendo para abrir a porta de saída do prédio. No elevador, cubículo de proxêmia e confinamento, o clima é agradável. Ao saírem, ele

lhe pergunta se está de carro e que pode leva-la. Já não escuto se aceita, mas fico impactado.

Nos vemos um mês depois. Não por irresponsabilidade de seguir trabalhando em quente, os metais humanos o necessitamos, mas porque cada um dos três tinha viagens diversas e alternadas. Referem-me que foram jantar juntos, que ela conheceu a namorada dele e gostou. Jantaram os dois juntos com o pai. Ela, aliviada: “Entediava-me sozinha com o velho, você não imagina o chato que é...”²⁷

Quando eles se acertam, reduzem o ódio e podem seguir vivendo juntos, algo se junta também na minha alma e me repara dos erros que também eu cometi. A tarefa do mediador é como a do psicanalista nesse aspecto. Não só a gente aprende dos seus pacientes, ainda mais, o trabalho psíquico, emocional que realizam, também contribui conosco. Eles acreditam que não o necessitamos. Mas há que dizer para eles.

Final da história. A festa dos 70. Eles riem, fazem piadas, dançam juntos sorridentes e alegres. O pai, encantado, algo na sua alma²⁸ também se repara. E a culpa, de quem é? Não tem importância. E a culpa vivida por cada um? Acalma-se, esvai-se e deixa a dimensão mais vital desenrolar-se no mundo, o dano se liquidifica. Acaso não falarão disso? Já saberão se tem sentido.

Devo compartilhar que são momentos que umedecem os olhos e uma emoção se instala na garganta. São momentos importantes da vida. Na deles, na do mediador. Para dizer da beleza de um ofício, o nosso. O que se passou depois? Seguem suas vidas.

A raiva pregada na alma consome demais. Nos consome.

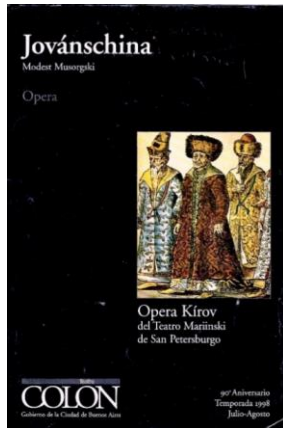
²⁷ É notável. Para mim parece uma pessoa tão divertida e criativamente transgressor.

²⁸ Permita-me o leitor utilizar o termo ‘alma’. Nada de ‘espiritualidade’ ou religião nele, ou sim... Tantos termos fatigados pelo excesso, que já ficamos com poucas palavras. É um termo que não termina de dizer, algo impreciso e que acho pode nomear bem.

2. A tenacidade do ódio.

“Talvez suas pobres vidas rudimentares não possuíam outro bem do que seu ódio e por isso foram acumulando-o. Sem suspeitá-lo, cada um dos dois converteu-se em escravo do outro”
Jorge Luis Borges²⁹

Há quem quererá objetar o termo ódio por considera-lo forte demais. É verdade, no nosso contexto dizer que alguém odeia é uma palavra forte. No entanto não é senão a palavra oposta de uma palavra bem considerada, amor, no sua enorme diversidade e vastidão. O mesmo se passa com o ódio, embora poderiam utilizar-se inúmeros equivalentes e gradações. Vale para isso chateação, incômodo, aborrecimento, desconforto, mal-estar, zanga, raiva, fúria, confrontação, luta, vontade de aniquilar o outro e finalmente, a noite de todas as tormentas, liquida-lo em ato e em variantes mais sutis (vamos falar mais à frente delas). Mas liquida-lo igualmente. Para entendermos, ódio será tomado aqui como um genérico que inclui todas as variantes.



Na ópera Jovanschina de Modest Musorgski da-se uma situação exemplar. Quando está culminando o último ato, em que o grupo dos 'Velhos Crentes' é perseguido pelo czar Pedro o Grande para de liquida-los. Antes de renunciar a suas crenças, preferem o martírio. Vão entrando na sua igreja, enquanto uma mulher e pergunta ao seu pastor:

“Por que a vida é um inferno?”

O pastor responde:

“O inferno foi criado para conter tanta ira”

Ambos entram na igreja que começa a incendiar-se de um modo tão vívido, que vários pensamos se não convêm ir saindo do Teatro Colón, 'mais rápido que ligeiro'. Nessa frase final há tanta sabedoria. Seja o inferno lá fora, na vida de todos os dias, seja dentro na nossa reflexão e angústia. Essa ideia permite compreender algo mais sobre por que é inevitável habitar a 'ira' e que encontre um lugar. Crava-se num lugar porque não pode ir para nenhum outro, a menos que aconteça um ato psíquico, tanto individual quanto coletivo - às vezes essa fronteira tende a esfumar-se ou confundir-se - que lhe dê saída. Uma saída que não seja violência em ato para fora, para os outros ou para adentro, contra si mesmo. (Essa última ideia a desenvolveremos mais à frente, se o leitor tem essa paciência).

Essa reflexão permite avançar para outra ideia. Um paciente consulta em psicoterapia. O que faz ou diz ou padece, aparecem fora de foco. Por que escolhe o pior quando o melhor é evidente? Por que não pode abandonar más práticas, pensamentos ou sentimentos?

²⁹ **Borges, Jorge Luis.** “El otro duelo” (“O outro luto”) em ‘El informe de Brodie’ (“O informe de Brodie”). Obras completas. Emecé. Sans Vicens del Hors. 1974.

Já aqui o leitor entende. As frases estão mal formuladas: O que é pior? O que é es mau? Um terapeuta sensato, o que não é o mais frequente, entende que cada um faz o melhor que pode, e se preferes tirar a conotação moral, deixemos só que faz o que pode. Para que? Para habitar este mundo, para salvar sua pele, para suportar a dor e a angústia.

Por isso partimos de entender que isso é o melhor que pode. Hoje. Que ele não é isso nem que o terá de habitar a vida. Toda. Pelo contrário, aposta às possibilidades do ser humano de crescer, entender, superar, fazer coisas que o satisfaçam e que satisfaçam os outros.

É por isso que não se o julga, não se o leva pelos narizes a nenhum paraíso recomendável. O trabalho deve fazê-lo ele. Essa é a base do tratamento psicanalítico. Freud já dizia que: “não te o direi eu, deves encontra-lo você mesmo”.³⁰

Mas a isso deve chegar e isso só pode ser feito por ele mesmo. Dando mais um passo, já vemos que o suporte conceitual da neutralidade é uma posição ética: não se deve impor nada, há que facilitar as saídas, se se quer ter êxito³¹. Está aí ancorada a base da neutralidade. Contudo, traslademos o conceito à mediação ou ao *'coaching'* e veremos o mesmo. O poder é do outro e o analista ou o mediador devem renunciar a ele. Se puderem. Pois isso é um trabalho consigo mesmo notável. Afinal das contas, o mediador ou o analista são como todos, sujeitos que 'não as têm todas consigo'. Nem saúde mental, nem saber suficiente: um sujeito como todos, com suas dificuldades, inibições, angústias, às quais tem que sobreviver como melhor puder. Isso já indica que para intervir deve-se adoptar uma posição ou função determinada que denominamos como 'Terceridade'. A veremos mais à frente.

Sigamos com uma frase incrível tomada de outra ópera: O Ocaso dos Deuses³² - 'Das Goterdämmerung', de Richard Wagner.



“A tenacidade do ódio”

Com efeito o ódio é tenaz, se sustenta no tempo, incólume e imutável. Tem seu 'objeto' definido e sustentado em argumentos que fazem 'sentido'. Até poderia dizer-se que, se não se escutasse a outra parte, a gente poderia inclusive subscrevê-lo com convicção e cumplicidade. O que se denomina 'tomar partido'. Isso devido a que se acompanha de uma convicção de ferro, a representação que o argumenta é absoluta e sem matizes. Sobretudo sem matizes e já aí há um indício de que algo não está certo. O ódio se repete a si mesmo e, como borbotões, pode ser revivido com as emoções que habitaram o sujeito desde sua origem. Ou seja, insiste, se repete, replica e multiplica. A repetição sem fim do mesmo. No Ocaso dos Deuses é a voz de Brunilda ao dizer:

³⁰ Galileu Galilei dizia uma frase bem similar.

³¹ Cruzando idiomas, a saída, em inglês: 'exit', é a base do êxito. Há que dizer que isso 'excita'.

³² Wagner, Richard. 1848. Última parte da Tetralogia: O Anel do Nibelungo.

“Uma angústia infinita nos devorava”

A qual, em sua precisão, voa por sobre os bronzes da orquestra. Isso é importante de explicitar. O ‘ódio’ em ebulição se espalha como a lava, queimando tudo. Destrói o próprio e o alheio, dá igual, num movimento de ‘escalada’. Sem pausa e sem piedade. É que, se tão só encontrasse o objeto que satisfaça tanta raiva... Pois não o há. A diferença do amor, que encontra seu objeto³³ e pode ir permutando-se em equivalências, o ódio não tem objeto que o detenha. É sempre o mesmo, é em si mesmo, pelo qual pode ser qualquer um, ainda mais, está em todos lados. ‘Impreca e vocifera contra todos e contra tudo...’ Como um vulcão, apazígua-se e fica fazendo fumarolas, até a próxima erupção, ou deriva para outros entornos da cordilheira.

As ideias que o acompanham parecem com as ideias paranoides: a causa do mal-estar está bem situada e trata-se de outra ou outras pessoas, a má fortuna e o mundo contra ele. Nesse sentido tem algo de alucinatório³⁴. O sujeito ‘vê’ a situação como real e presente. Quando escutamos e observamos esse tipo de cenas, pensamos que se trata de um louco. Bem, não necessariamente, mas que tem de ato ‘louco’, num sentido trivial, sim. Mas isso é totalmente outra coisa. Com isto quero tranquilizar, pois em primeiro lugar são cenas revividas que se impõem por momentos e que são disparadas por alguma frustração dolorosa, e se descontinham. Se detêm e o mediador deve poder tolerá-las sem censura, e oferecer-se a uma escuta amigável. Parte da dor se mitiga com uma atitude que sinceramente acolhe o outro sem escandalizar-se. Por outra parte, a todos nos acontecem esse tipo de fenômenos, só que não nos leva a vida toda.

Escutar e intervir nestas situações requer sabedoria. De nada serve colocar o ‘dedo na ferida’, nem apressar um relato doloroso e deixar o outro nu. Longe disso, as perguntas não podem ser uma artilharia pesada: há que saber seu ‘*kilagem*’³⁵ e o que podem gerar. Por isso considero que longas e minuciosas listas dos modos de perguntar servem como leves orientações, que abrem nossas mentes a uma diversidade que não se nos ocorreriam.

Ao meu entender, a pergunta serve para que o interlocutor pense sobre o que diz, mais do que para tratar de apreender as circunstâncias efetivas do conflito. Não acho tão importante que entendamos, mediadores e psicanalistas, do que se trata, pois isso o saberemos com o desenlace da conversa. E, para esse momento, os detalhes passam a ser triviais. “Te disse... você disse...fizeste, porque você... não vou a tolerar isso... mas antes aconteceu que...mas isso é porque...”. Mais ainda, até pode nunca chegar a saber-se como aconteceu o incidente desencadeante, nem os porquês históricos que o sustentam. No caso dos dois irmãos referido acima, concluímos sem falar demasiado, mas sim o suficiente. Disse-lhes:

³³ Permita-se utilizar essa palavra técnica. Na psicanálise se fala de ‘objeto de desejo’ ou ‘objeto do amor’. Isso inclui a todo objeto, mas especialmente o sujeito humano. Entende-se, não se trata de uma coisa, mas o que a tendência amorosa tem por objeto. Confunde um pouco, certamente.

³⁴ Toda vez que utilize um termo, será no uso corrente e, com isso, um u impreciso, como boa parte de nossa língua. De utilizar-se algo como termo técnico, será explicado.

³⁵ Seu peso.

“Talvez alguma vez queiram falar do que aconteceu, mas talvez já não tenha muita importância.”

A ‘arqueologia’ familiar, a construção da ‘história’ e a ‘política’ da família e empresa, as deixamos para os profissionais que se dedicam a isso. Devo comentar que,



frequentemente, essas construções teóricas parecem mais com as teorias que cada um sustenta, do que aos fatos ‘acontecidos’ efetivamente, reinterpretados para que encaixem bem, o que, como sempre, vai produzir um de dois efeitos: ou é incompleta e se excluem partes fundamentais; ou é inconsistente e algo é verdadeiro e falso ao mesmo tempo³⁶.

Observemos algo mais: a ‘tenacidade do ódio’ impede cuidar tanto o objeto como o outro, modo de dizer que também não se cuida a si mesmo, ainda pensando que está fazendo o melhor. O melhor é o único possível para essa pessoa nesse momento e nesse lugar. Quer dizer,

há duas razões contrapostas, mas que caminham lado a lado sem intersecar-se, sem encontrar-se. Modo de falar do sujeito ‘dividido’, onde há um saber num lado que não sabe do saber no outro lado. Como verão, não é outra coisa que a descoberta de Fischer, Ury y Patton³⁷: posição e interesse. Posição é onde cada um não pode evitar situar-se, por não dizer, inclusive, entrincheirar-se e são as histórias que, certas ou não, quem as relata termina acreditando nelas. Ou é o interlocutor quem as toma tal qual, sem deixar que seu desdobramento permita ‘pescar’ uma diversidade de sentidos com que se cruza o que poderíamos chamar o ‘relato único ou total’. Para isso é chamado o mediador e, qual canto de sereia, deve evitar identificar-se com o argumento.

Dito de outra forma, deverá entender-se a ira, o ódio, não como um dado constitutivo ou um atributo da personalidade, mas no entorno de um processo dinâmico, tanto das circunstâncias pessoais como do contexto. É evidente que ambas se compenetraram. No entanto há que entender que suas manifestações de desespero, angústia, depressão, inermidade e suas ações impulsivas estão marcadas pelo medo e expõem uma pessoa achar impossível construir e construir-se melhor.

Lembrará o leitor o filme “O submarino amarelo”³⁸ dos Beatles. Navegam os rapazes pelo oceano e aparece ali, uma e outra vez, um monstro com a boca de trompete, que absorve e traga tudo o que encontra. Uma vez que não há mais nada, traga o submarino. Olha ao seu redor, o mundo marino ficou devastado, não há mais nada. O trompete traga o fundo mesmo e a água. Só e no vazio, traga a si mesmo e a cena explode. Essa violência e ira

³⁶ Piñeiro, Gustavo. “Cantor, Georg: o Infinito em matemáticas. O incontável é o que conta” 2a. Edição. RBA, Buenos Aires 2015.

³⁷ Fisher, Roger; Ury, William y Patton, Bruce. (1981) “Sim ...de acordo. Como negociar sem ceder”. Editora Norma, Colômbia, 1995.

³⁸ Yellow Submarine é um filme de animação, de 1968, baseado na música de The Beatles. Foi dirigida pelo animador canadense George Dunning, e produzida por United Artists e King Features Syndicate. Ver secção aos 35 minutos, em <http://www.fulltv.com.ar/peliculas/yellow-submarine.html> ou http://www.tu.tv/videos/the-beatles-yellow-submarine-pelicula-co_1

não se detêm até não acabar consigo mesmo. Importa entender esta ideia, pois explica qual é o temor que está em jogo por trás da agressão e o ódio: 'Fazer-se desaparecer'.

Observe o leitor que isso é bem diferente do mistério que descobre a criança, que o adolescente profere e provavelmente o adulto murmura: "Poderia não estar!". Modo de desprender-se do outro e pronunciar-se como sujeito, desde um lugar que faz próprio.³⁹

Por isso a entrada do mediador pretende transformar esse momento em algo diferente, dar-lhe alguma saída para poder ter um interlocutor 'válido' para um processo de conversa.

Entenda-se, trata-se de equilibrar o poder - se verá no último capítulo sobre as duas irmãs - ao fazer que os interessados estejam em condições de conversar e portanto, negociar. Mas, devemos retornar.

³⁹ Sem poder achar a referência desse dito que dá color ao referido mais acima: "O que choram os filhos perante o túmulo de seus pais?" "Não ter satisfeito as expectativas e anelos que eles tinham para uno. Ou seja, fazer um caminho próprio.

3. A confrontação em espelho

“A Bíblia nos diz que amemos aos nossos próximos e também que amemos aos nossos inimigos; o mais provável é que seja porque geralmente são as mesmas pessoas”.

Gilbert Keith Chesterton

É conveniente uma compreensão estrutural do conflito. Esses são instáveis e tendem a potencializar-se. É notável observar que a gente tem tal nível de compromisso com a história que relata, que nos surpreende com a aparência de jogar a vida nisso. Mais ainda, sustentar a convicção de que não há mais do que duas possibilidades contrapostas de solução e que, sobre todas, deve prevalecer a própria.

Por isso a lucidez se reduz e prevalece a necessidade e a teimosia. Os relatos aparecem distorcidos, as histórias incompletas. O que são detalhes secundários para um, são as chaves fundamentais do argumento do outro. Por outra parte, seções inteiras do relato são cortadas descontroladamente: se esquecem, se relativizam e se observa um mecanismo defensivo muito interessante.

Se bem sei a questão e poderia lembrá-la, a separo na minha mente e a afasto de tal maneira que deixa de existir. Mais ainda, o sujeito se instala nessa operação. Na psicanálise denomina-se ‘desmentida’. Vale detalhá-la: a casa voa pelos ares por um vazamento de gás. Ao sair da casa o protagonista tem uma leve impressão de que tinha cheirado algo, mas desmentiu que tenha sido um dado a ter em conta e só o lembra quando vê os bombeiros apagando seu fogo.

Pode-se dizer mais, mas até não acontecer com a gente, não se sabe o prejudicial que pode ser esse mecanismo ‘distorcido’ da mente, que bem pode-se chamar mentir-se a si mesmo, e que todas as correntes psíquicas vão apagar os rastros e instalar o esquecimento mais crasso⁴⁰, que pode perdurar toda uma vida. Relato então: quarenta anos depois lembro dois pequenos acontecimentos dos anos 70’, plena repressão selvagem que, de não ter lhes dado valor naquele momento, ou seja, subestimados e desmentidos, poderiam ter-me custado a vida e a de muitos outros por arraste. Dar-se conta que a gente se salvou por um ‘triz’, não é senão voltar a olhar o abismo feroz que, para evitar cair nele, tínhamos evitado ver. Algo mais generoso, Jeffrey Rubin⁴¹ o denomina: percepção seletiva. Trata-se da exclusão radical do que não se quer, a distorção da informação em apoio às expectativas ou às ideias já definidas e inclusive ver que o sucesso próprio é pela própria virtude, enquanto o fracasso depende das circunstâncias, e especialmente do outro.

A ideia da confrontação em espelho é que o outro vai perdendo sua condição de sujeito para passar a ser reduzido a essa coisa, essa ‘porcaria’ que não merece nome, dignidade e, menos ainda, piedade. No entanto podemos observar um fenômeno curioso. Os

⁴⁰ Crasso: Em Argentina, erro enorme que não tem desculpa.

⁴¹ Rubin, Jeffrey: “Conflict from a psychological perspective” em “Negotiation: strategies for mutual gain”, Lavinia Hall editor. Sage Publications. U.S.A., 1993. Excelente e fundado análise da escalada do conflito.

opponentes se sustentam um no outro, como se fosse em espelho, ao tal ponto que se confundem um no outro e, deslocando-se a problemática do objeto em discussão à pessoa dos oponentes, é a identidade mesma a que está questionada.

Um pequeno comentário. Nessa situação as partes em pugna não são conscientes do que está acontecendo. Mas é possível, e se observa que es um 'dirty trick'⁴² quando se usa de modo calculado. Acontece todos os dias. 'Não é o tema mas como você me o diz', ou 'o que me fizeste', ou 'como você me expõe perante os outros'. O problema está, mas encontro minha causa ao me ofender de uma ação lateral do outro, para apagar a culpa, responsabilidade ou obrigação e impor-lhe o problema ('papa-caliente')⁴⁵ ao outro, se não adverte o truque.



Vejamos o tema desde dois ângulos. O primeiro é um esboço simples.

Detenha-se um instante o leitor em sua leitura, do modo que propõe Adrián Paenza nos seus livros de problemas e enigmas matemáticos,⁴³ y pense sobre esta imagem.

Parados e inclinados como estão, pareceriam sustentar-se um ao outro. Sua posição é quase a do tango 'salão', com a diferença que lá se apoia o busto da dama no peito do cavalheiro, face a face e em posição inclinada, única forma de não cair na 'milonga'. Colados um com o outro, as crianças, sua sinistra sombra obscura ameaça tormenta desde longe.⁴⁴ Aos seus pés jaz o objeto da disputa, o carrinho, sem uso, já um elemento secundário da cena, mas certamente motivo da briga. Mas qual o motivo? Aí cada um pode voar em sua imaginação: ciúmes das preferências do pai, a mãe atenciosa com sua ternura para um deles, a imperativa necessidade pelo carro, a inveja, etc. No entanto talvez acabem por pisá-lo e quebrá-lo. O leitor poderá pensar que isso é coisa de crianças e então o exemplo torna-se irrelevante para um mundo adulto como o nosso. Pois claro, da criança que nunca deixamos de ser.

Talvez se consiga 'aumentar o bolo', como se insiste em negociação, inclusive nesses casos 'menores' como sugere a imagem.

Por isso passamos ao segundo ângulo.

⁴² Truque sujo.

⁴³ Paenza, Adrián "Matemática siento (sic) por ciento". Edit. Página 12. Buenos Aires, 2014.

⁴⁴ A ideia de proximidade na confrontação, é trabalhada de modo impecável por Rab Menajem Mendel Schneersson (Lubavitcher Rebe) em Maamarim, quando trata da ideia da guerra. A luta é proximidade e ambas palavras tem, em hebraico, a mesma raiz: Krav, guerra y Karov, cerca: קרב

Um conto de Borges⁴⁵, que resumo pobremente aqui, mas recomendo ler, relata acerca de dois ‘malevos’⁴⁶ que se buscavam pelas ruas do velho Palermo. Uma dívida, uma ofensa, uma ‘naifa’⁴⁷ chamava aos dois facções. Encontram-se e um deles morre dessangrado. O outro, liberado de tanta carga, morre no dia seguinte e encontrasse-o jogado numa sarjeta. Morre pois a missão, a paixão se resumia na vingança. Sustentada sua vida no outro, no rival, não fica outra coisa que morrer também. A história culmina com um raro paradoxo, pois o autor observa os facções dos dois homens que repousam na vitrine de um museu, um ao lado do outro:

“No seu ferro dormia e espreitava um rancor humano, as coisas duram mais do que a gente. Quem sabe se a história termina aqui, quem sabe se não voltarão a se encontrar”

Há coisas que o autor compreendeu com uma profundidade incrível e acrescenta no conto “O outro duelo”:

“Talvez suas pobres vidas rudimentares não possuíam outro bem que seu ódio e por isso foram acumulando-o. Sem suspeitá-lo, cada um dos dois converteu-se em escravo do outro”.

Então, juntos ou separados? Parece um dilema significativo, mas é irrelevante. Se juntos se compactam numa só ‘massa’: apoiados pelo rosto, irão se transpassando até fazer-se um só. Separados pelo ódio ou unidos em ato pelo pensamento e o sentimento perpétuo. Um tema que não pode-se tirar de cima, ou pior, de dentro. O ‘tema’, como ‘leitmotiv’, repete-se uma e outra vez, mas, diferente de uma composição musical que mereça esse nome, não muda, é sempre o mesmo. É essa mesmice que dá, a um tempo, identidade e consistência, razão pela qual cotiza-se alto na motivação. Veremos mais adiante o que observa lucidamente Jean François Six.

Voltando às nossas duas crianças, o objeto da disputa já pouco importa, como se o vê, jogado aos pés. Mas é o ‘assunto’ em que ancora tanta paixão. Para essas crianças, talvez, é uma experiência educativa se seus pais podem intervir como quem separam e explicam. Educam quando podem. É tarefa de docentes que, desapaixonados da disputa, ajudam a compreender as diferenças e os anseios. Mais ainda, as crianças mediadoras nas escolas municipais da Cidade (de Buenos Aires), conseguem, nos ‘mediados’ e em si mesmos, notáveis ensinamentos de civilidade. Se o leitor pensa que é uma trivialidade de boas intenções ou um manual de autoajuda, lhe direi que a mensagem é uma: que não tudo é possível e que o outro é também alguém que tem suas dificuldades, como a gente⁴⁸.

⁴⁵ **Borges, Jorge Luis.** (1970) Obras completas. Emecé. Saint Vincenç dels Horts, 1984. Seção mais acima.

⁴⁶ Malevo: Homem capanga, bandido e/ou briguento que vivia no campo e nas favelas.

Dicionário da Fala dos Argentinos. Emecé edit. Buenos Aires. 2008

⁴⁷ Lunfardo: Mulher.

⁴⁸ Disso tratam os que pensam o tema laciano (Jacques Lacan) do final da análise. Ver: “A Experiência do Passe Livros I, II y III. Vários autores. Edit. Escola Freudiana de Buenos Aires. 2005, 2006 y 2010. Buenos Aires. Também Norberto Rabinovich: “O pecado original da psicanálise” Letra Viva. 2017 Buenos Aires. O desenvolve de modo original e inquietante.

A psicanálise, com sua intensa compreensão das profundidades⁴⁹ da alma, se propõe chegar a isso. Não muito mais.

⁴⁹ Inicia a ditadura de Onganía, 1967. Após a repartição de paus, chega à Faculdade de Filosofia e Letras o novo interventor do Curso de Psicologia, um capitão de navio. Os representantes estudantis nos reunimos com ele. Querendo confraternizar, nos disse que os de psicologia se interessam pelas profundidades da psique e que ele tem muito a ver porque, como submarinista, ocupava-se também das profundidades. Simpático, mas durou pouco.

Sem misturar as coisas, vai uma sincera homenagem aos marinheiros desaparecidos no submarino ARA San Juan e um abraço a suas famílias, que passaram tão mal.

4. Cyprus, for ever

Avançemos na mesma linha uns passos a mais. Hugo Gobbi⁵⁰ foi embaixador da Argentina no Egito, Arábia, Israel, Espanha, México e outros países, secretário de assuntos especiais da Chancelaria no período de Caputo – Alfonsín e, por um período foi Secretário Geral Adjunto das Nações Unidas⁵¹, no período de Kurt Waldheim e logo após, no de J. Pérez de Cuellar, para intervir como mediador na guerra turco grega em Chipre.

Sua intervenção permitiu suspender a guerra em plena mobilização e será lembrado por esse resultado tão auspicioso. Nos anos próximos ao seu falecimento (Nasceu no Chaco, 1928 e faleceu em Buenos Aires em 4 de julho de 2006), confessava-me que teria querido terminar a tarefa. Pois não conseguiu o que almejava, que ambas comunidades, em vez de ter migrado ao ‘seu’ lado da ilha, tivessem podido conviver como o tinham feito por séculos.



Eu me perguntava por que lhe interessava participar, já retirado de sua vida profissional como embaixador, do Centro de Mediação da Comunidade Bet El, junto comigo e Mario Roijzman, o Rabino. Concordará o leitor que há uma desproporção flagrante entre uma guerra em Chipre e as disputas econômicas, matrimoniais, vicinais ou de convivência dos fiéis do templo. A explicação era simples e, sem dúvida, surpreendente. Relata Gobbi:

“Quando me reuni, ao início de minha gestão, com o Primeiro Ministro Turco, não saía do meu assombro. Caminhando pelo pátio escuro e com o som fresco de uma fonte de água, o Ministro me dizia que não era possível falar com os gregos e que isso o iria poder confirmar com meus próprios olhos. Eles dizem uma coisa, se comprometem e logo depois fazem o que querem e pisoteiam o acordo. Assombra-me que a nível de alta política se pudesse falar com essa simplicidade, tão pouco consistente e banal.

Agora bem, quando conheço o Primeiro Ministro grego, fala-me com uma simpatia e facilidade não menos amigável e excessivamente confiada que seu par turco. Disse-me que com os turcos não se pode negociar. Eles fazem uma cara amigável e sorridente, dizem que sim ao correto e aceitável mas, assim que a gente se vira, ‘te espetam uma faca nas costas’.

Agora sim pude entender, desde as vísceras da realidade, que talvez não há tanta diferença, apesar de tratar-se de magnitudes tão variadas, pelas consequências nas vidas de milhares de pessoas. Por isso podia ‘descer’ desde a ONU para uma comunidade religiosa de um bairro. No entanto devo acrescentar, com o passo dos anos e muita mais experiência no tema, que a tela discursiva, que sustenta os sujeitos no seu ‘lugar’ e

⁵⁰ Gobbi, Hugo. “Rethinking Cyprus”. Edit. Aurora. Tel Aviv. s/ano.

Gobbi, Hugo: “A nova ordem internacional” Abeledo Perrot. Buenos Aires. 1998.

⁵¹ Único lugar para um pacifista e obstinado oponente das Juntas Militares e sua nova ordem.

argumenta suas razões, se apoia numa trama simbólica ‘não visível’, inconsciente, que toca

Embaixador de França, Gobbi com
sua esposa e seu filho

os fundamentos da civilização – na sua renovação geração após geração –, que marca a ‘idiosincrasia’ dos povos, constitui o argumento que unifica e concede ‘identidade’, determinando as convicções dos sujeitos. E se não os determina, cada sujeito sabe o que é ficar fora do consórcio ou família humana, com o custo do ridículo e o ostracismo⁵².

Se bem isto não fica ‘claro’ ainda, ou pelo menos não gera a convicção suficiente - que é o que permite sustentar a leitura de um texto - é porque, para isso deveremos atravessar os próximos capítulos. Um deles é para demonstrar, ou pelo menos intentá-lo, a ‘equivalência’ entre as duas crianças e os conflitos internacionais, não sua igualdade. O segundo será tratar as consequências da violência da confrontação e o ‘traumatismo’, para poder depois explicar que função cumpre a ‘terceridade’ para o nosso objetivo, o mediador.

Avancemos para as lúcidas reflexões de Hugo Gobbi, no seu livro “Rethinking Cyprus”, que vão além da anedota do enunciado ‘trivial’ da radical desconfiança no outro, porém mais para uma projeção potenciada da função do mediador, através de uma prática que deve inventar.

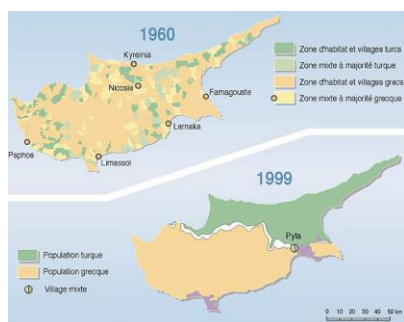
Dirá que as pessoas acreditam serem virtuosas enquanto que o inimigo é todo o mal... Para iniciar, as palavras do Dr. Tzvi Medin, da Universidade de Tel Aviv, no prólogo, que valorizam a rejeição das soluções absolutas e utópicas, para poder considerar os argumentos de ambos lados, entendendo que não pode haver uma verdade absoluta, desumanizada e por cima dos adversários. Considera isso a ‘paz dos mortos’ e que a leitura de Gobbi é de um humanismo básico: postulando e reclamando a diversidade de pontos de vista.

Por sua vez Gobbi enuncia que a “história está cheia de intervenções humanitárias, algumas das quais caracterizadas pelas mais cruas manifestações de poder e que foram enfeitadas com essa palavra, humanitárias”.

⁵² Assim como um cipriota grego não pode aceitar o argumento do outro lado, turco, também não pode um cidadão da cidade de Gualeguaychú questionar que a indústria papelreira Botnia, instalada no Uruguai, possa não contaminar o Rio Uruguai e, em consequência, deverá apoiar os cortes de rodovias e pontes internacionais. Anos mais tarde fica provado que não só o Brasil contamina esse rio mais do que a ‘pastera’ (modismo para ‘papeleira’), mas que, principalmente, é a própria Gualeguaychú que o contamina. (Conflito com Uruguai que inclui cortes de rodovias e pontes internacionais na primeira década do ano 2000), alentados pelo binômio presidencial. Isso entra num tema definido como “mortificação institucional”, tal como trabalhado por Fernando Ulloa.

Em Chipre implicou dramáticos deslocamentos de população, como pode apreciar-se na distribuição da população antes e depois do conflito. Considera, com efeito, que a lei e o poder coexistem no mundo e que o desafio é o de limitar, na medida do possível, “ a capacidade do mais forte de impor decisões”.

Gobbi considera que há que ter em conta as aspirações dos diferentes grupos e não impor soluções que aparentam ser teoricamente corretas, mas que na prática podem ‘empantandar qualquer esperança comunitária’.



Por isso enuncia que pode-se chegar a soluções quando há um olhar pragmático, que aceita fórmulas transacionais que satisfaçam os interesses mais significativos para cada grupo. Porém observa que, para entender o processo histórico, não se pode olhar o

“passado idílico e continuar prisioneiros do passado” ou das circunstâncias das recentes confrontações, pois a fenda divisória já está estabelecida e não faz sentido aprofundá-la cada vez mais. A desconfiança e a suspeita não cessarão por uma proposta ‘benigna e racional’ que soa razoável nos papéis, mas que na prática poderia resultar caótica. Destino dos planos mais ambiciosos.

No entanto, conclui no epílogo descrevendo o que denomina um ‘fenômeno psicológico’: que a maioria de ambas as comunidades só “se amam a si mesmas, numa espécie de introversão irreversível que faz com que os compromissos lhes sejam intoleráveis”. Isso não é tão só próprio de Chipre.

Referindo a Durkheim observa que, se um grupo toma a posição ‘funcionalista’ de busca racional e de atenção ao processo histórico em busca da unificação, o outro enfatizará os aspectos emocionais. Isso as torna incompatíveis, mas, por sua vez, são funções ou lugares permutáveis que asseguram o desencontro e tornam-se, por sua vez, na ‘dança’ própria das negociações, como descreve lucidamente Howard Raiffa.⁵³

Perguntara-se o leitor o porquê desta passagem por uma intervenção negociadora colaborativa num cenário mundial, quando estávamos tratando de um conflito ‘em

espelho’ entre duas crianças, por um objeto qualquer. Precisamente para pôr em extremo, uma situação que também faz à condição humana. Observamos que se disputam questões fundamentais para as suas vidas, embora surpreenda a trivialidade ou insignificância aparente do que está em jogo, proporcional



⁵³ Raiffa, Howard. “A arte e a ciência da negociação”. (1982) Fondo de Cultura Económica. México 1996 y Raiffa, Howard: The Neutral Analyst; helping parties to reach better solutions”, in Negotiation Strategies for better solutions, Lavinia Hall Editor, Sage Publications, USA, 1993.

aos esforços, ações e paixões realizados. Mais ainda, a força ou o forçamento de argumentos, a desesperação, a fúria, o ódio e a obcecação das partes, pareceriam mostrar que se jogam a vida⁵⁴. Estamos assim novamente com Borges e os dois ‘faqueiros’.

5. Mississippi em chamas

“Die juden sind unsere unglück”⁵⁵

Passamos por coisas de crianças e coisas de nações, entendendo que trata-se de equivalências, das que extraímos aprendizado, e não de igualdades. Por isso será pertinente incluir mais uma situação, que poderá ajudar a esclarecer a questão ou, pelo menos isso espera quem escreve.

‘Mississippi em chamas’⁵⁶ é um filme que carrega seus anos. É de 1982. Com toda a sordidez da discriminação racial e os operativos do Ku Klux Klan, um par de investigadores do FBI são enviados para resolver alguns linchamentos e incêndios de igrejas dos negros. Se bem relatarei o fato que me importa sublinhar, é muito conveniente ver, ao menos, o início do filme, de donde extraio esta narração (Link ao pé da página). Um dos investigadores era negro e interroga o outro acerca de por que estava ali, o que tinha ele a ver sendo branco.

Gene Hackman lhe relata que, quando pequeno, morava na região e que seu pai era um fazendeiro muito pobre. A fazenda de em frente era de uma família negra e tinham uma mula, com a que podiam incrementar os resultados de seu trabalho. Os outros ‘brancos’ se burlavam de seu pai dizendo que ele lhe ‘dava’⁵⁷ à mula. Um dia aparece morta e a família de negros emigra. Anos mais tarde pergunta ao seu pai se tinha sido ele. O pai reconhece que, com efeito, envenenou a água. ¿Por quê? Responde seu pai:

“Se não eres melhor que um negro, o que eres?”

Segue relatando que seu pai estava cheio de ódio e morrendo pela pobreza, e não o sabia. Não o sabia pelo nível de afetação, mas o realiza em ato, de modo que em algum lugar o sabia. Nesse sentido, não há ato ingênuo nem carência de responsabilidade do sujeito.

Interessante aceitação da dor do pai e, por sua vez, se compromete num empreendimento que tenta reparar essa história. Fico com a afirmação do pai, pois é aí, um fator essencial da causa de conflitos. A pergunta ingênua é se trata-se de algo

⁵⁴ **Tausk, Juan:** “O obscuro objeto do desejo”. Uma perspectiva psicanalítica. Exposição na 2ª Conferência Internacional do Foro Mundial de Mediação. La Habana, 1998. Publicado em Sección Psicología, *Jornal* Página 12. Buenos Aires, 1999. Secretaria de Publicações. Fac. de Psicología. Universidade de Buenos Aires. 2003.

⁵⁵ “Os Judeus são o nosso azar”

⁵⁶ **Mississippi Burning** (em português: Mississippi em chamas ou Arde Mississippi) é um filme americano, dramático, de 1988, dirigido por Alan Parker. Foi protagonizado por Gene Hackman, Willem Dafoe, Frances McDormand, Brad Dourif, Michael Rooker, Stephen Tobolowsky y R. Lee Ermey. Ver seção inicial.

<http://www.repelis.tv/7433/pelicula/mississippi-burning.html>

⁵⁷ Fornicar.

'pessoal', embora fenômeno de muitos, ou se trata-se de um fenômeno social, então enquadrado nas contingências do racismo e seu desdobramento.

Em outras palavras, o tema passa a ser definido se trata-se de um conflito intrapessoal ou de um conflito interpessoal. Tema caro à mediação, pois sempre define o conflito que lhe importa como interpessoal, para logo trabalhar nos interesses e os sentimentos, tanto das partes quanto de uma interrogação sustentada do mediador consigo mesmo. Porém, haverá oportunidade mais adiante para tratar esse tema, pois é de fundamental importância para o nosso campo de resolução de conflitos.

'Se não eres melhor que...' indica a importância do 'ter' injetado no 'ser'. Se é o que se tem e se é mais então de acordo com volumes e qualidades. O 'algo a mais que o outro' define as escalas de classificação nas sociedades, qualquer que seja. Se observa nas instituições, onde a hierarquia é determinante, como também nas forças da ordem e de segurança.



Mas se vê também nas castas múltiplas nas prisões ou nas favelas. Não todos são iguais, diferenças insignificantes, ou melhor, de ordem simbólica, marcam as castas ou classes. A questão está nas pequenas diferenças e não nos grandes fatos. Não em vão quem tem um novo celular, de última geração, sempre o são, ostenta essa 'pequena grande diferença' que é um nada, gerando mal-estar no interlocutor comum. Esse algo a mais, seja lá o que for, marca a diferença.

Isso foi denominado por Freud como o 'narcisismo das pequenas diferenças'.⁵⁸ Pequenas não quer dizer coisa de crianças. Observe a imagem, que, com tanto acerto ilustra o humorista Tuté. Cada um abre seu presente, mas antes olha o do outro. Desconcertante jogo no qual, o que importa é o do outro antes que o próprio. Enlaçados num olhar sem fim, como os espelhos paralelos dos elevadores, até que se esgota a vista ou advém o cansaço, o tema nunca fecha. 'Você mais do que eu'. Isto fala da criança em cada um de nós.

Mas, aonde leva isso? Talvez não seja possível chegar a ser a cabeça do rato, quem encabeça a casta, corporação ou comunidade, isso é para poucos. Mas sim deve evitar-se ser o último, o pior aquele que não tem nada que lhe permita ser mais do que alguém, pelo menos. Esse, descartado, está condenado e ninguém quer ocupar esse lugar, ou ao menos é o lugar temido. Por isso se necessita sempre de outro que o ocupe.

⁵⁸ Freud, Sigmund. "The taboo of virginity" (1918) Vol XI. The Standard Edition. Hogarth Press Lim. London, 1973. "...a hostilidade que vemos em cada uma das relações humanas, lutando Com sucesso contra os sentimentos de camaradagem e ultrapassando o mandamento de que os homens se amem uns aos outros."(tradução de J. Tausk).

Recalculando: Poder sustentar a diferença neste sentido, cria valor de um lado às custas de reduzi-lo ou tentar reduzi-lo no outro, implica feroz competência e uma relação de uso do outro. Seja tentando tirar dele o objeto disputado, seja tentando destruí-lo, como condição para que o outro não o tenha, mesmo que isso implique não tê-lo também.

Fácil é então deduzir que se trata de um sentimento, uma ideia e uma ação: a popularmente conhecida inveja. A mesma é bem generalizada, claro que em diversos graus. Não por acaso, um refrão popular reza assim: “Se a inveja fosse tinha, quantos tinhosos haveria.”⁵⁹

Pode-se observar novamente a enorme amarração de um no outro. Isto pode ser levado em outra direção, diretamente associada. As sutis diferenças, bem como as supostas debilidades ou carências, aparecem como estigmas no outro. Pré-conceitos acerca dos costumes, língua, aspecto, roupas, que levam à zombaria, ao desprezo e, decididamente, à exclusão do outro como ser inferior, estranho, repudiável ou desprezível.⁶⁰

O outro, seja uma pessoa, um grupo étnico ou religioso, ou racial, seja qual for, aparece como objeto do ódio e merece por isso o abandono, o fazer deles estranhos e inclusive persegui-los. Isso vale para o elementar terrificante *bullying*, destrutor de autoestimas e individualidades já na infância e na adolescência, para quem são objeto do mesmo, bem como para quem pertencem ao entorno que vê e cala, temendo chamar a atenção sobre si mesmos, num silenciado, desgarrado e assustado assentimento. Claro que com isso, procuram um lugar no mundo, uma identidade possível e escorregadia, bem como a pertença a um grupo ou classe. Permite salvar-se, no silêncio e a abnegação. É claro que o custo não é pouco, pois a submissão à imposição grupal cerceia as capacidades próprias, sem dúvida, mas um líder protege e ampara e impõe a regra. Em troca do silêncio. Mas tem também algumas vantagens aparentes. O afrouxamento da pressão ‘superegoica’, voz da consciência moral⁶¹ e, como consequência, nada mais do que um ato administrativo carente de responsabilidade, ao projetar o ‘mal’ sobre o outro: “não sou eu, é ele.”

Numa escala maior, mas da mesma espécie, temos a simples e rasa destruição de sujeitos ‘desprezíveis e inferiores’, ‘cujas vidas não merecem ser vividas’, como os judeus, negros, ciganos e homossexuais nos campos de concentração nazis, os armênios no ex império otomano, os prisioneiros ‘políticos’ dos *gulags*

soviéticos e inclusive os negros no sul dos Estados Unidos, como referimos mais acima. Os *rohingya* em Myanmar Mas há tantas mais experiências fatais na história

⁵⁹ Refrão totalmente anacrônico, não assim a inveja. Tinha refere-se a um conjunto de parasitas que se alojam na pele do crânio e produzem coceira. O termo ‘tinhoso’ subsiste no refrão e, em geral desconhece-se já seu significado. Por sua vez também quer dizer miserável, ruim e mesquinho. O refrão bate duas vezes. Ref.Dicionário da Língua espanhola. Real Academia Espanhola, Madri, 2014.

⁶⁰ Inclui-se o abuso infantil e a violência contra a mulher. ‘Nem uma a menos’ é a consigna contemporânea que chama a atenção para o maltrato às mulheres.

⁶¹ **Todorov, Tzvetan.** “Frente ao limite”. Século XXI, México, 1993. Esta ideia se apresenta de um modo memorável neste texto que estuda a psicologia dos campos de concentração.

contemporânea do mundo, inclusive nos séculos 19 e 20 no nosso país⁶² sem ir mais longe.

A destruição vai além da destruição física e a destruição de sua cultura. Trata-se da destruição da subjetividade. No seu extremo encontra-se o conceito de Giorgio Agamben⁶³ que denomina: “Muçulmano” (tomando a ideia da posição recolhida de reza dos islâmicos) embora bem dito, acredito tratar-se de “Musselman”, o homem tornado caracol, enrolado em si mesmo.

Em “O que fica de Auschwitz”, identifica a obra dos campos nazis. Destruí-los como sujeitos e torná-los objetos degradados, lixo. A redução do outro por fora da categoria da subjetividade é, por sua vez, uma ação; é leva-los a isso.



Campo de extermínio de Teresienstadt, República Checa

Novamente o leitor pensará que as coisas são tomadas desde os extremos e se ‘puxa’ desde aí. Pois não haja dúvida. Quero assim ressaltar a gravidade dos temas que são tratados nas mediações, longe da construção do amor e do mediador como mensageiro da paz. Por sua vez, identificar as partes de um conflito, ou seja, os interessados, como aqueles que erram por não terem entendido a mensagem de Isaías, enquanto se supõe um mediador com tudo claro e assumido... É importante insistir na envergadura e complexidade das situações que tomamos em nossas mãos como mediadores.

Mediadores formados com a pressa de cem horas que promete, olha só, uma mudança de ‘paradigma’⁶⁴ dele mesmo. O mediador lança-se inteiro na sua prática, com todo o que tem à sua disposição a partir do seu estudo, es claro, mas, basicamente, de sua vida. Não basta dizer mediador e tê-lo. E se avanço um passo mais, lembro das palavras da Ministra Elena Highton, que o disse em várias oportunidades. Pelo menos o disse na sua alocução para a inauguração do Mestrado Latino-americano Europeu em Mediação e Negociação em 2005:

“A mediação é um tema demasiado importante como para deixá-la só para os advogados”.

Uma frase ternamente provocativa, à qual acrescento a minha: “A mediação é um tema demasiado importante como para deixá-lo só para os mediadores.” Há temas da cultura,

⁶² Desde o extermínio dos índios na Conquista do Deserto do século XIX, aos Desaparecidos na Ditadura militar do século XX.

⁶³ Agamben, Giorgio. “O que resta de Auschwitz”. O arquivo e a testemunha. (1999) Guara Impressores, Valência, 2002.

⁶⁴ Esta palavra serve para tudo, menos para dizer alguma coisa.

a sociedade, a história, a antropologia, a sociologia e a psicologia que lhe dão espessura e perspectiva.

A lógica deste tema engaja-se em todas as negociações. Se não fosse assim, uma negociação, ou seja, salvar diferenças de apreciação, compreensão, atitudes, posições e interesses seria coisa fácil. Precisamente não o é. Para dizê-lo inversamente, é fácil quando se salvam, se superam, se escutam essas temáticas: então uma negociação torna-se fácil e rápida. E, sobretudo, eficaz. Mas deve acontecer e é a missão do mediador. É ali onde começa a operar a função da 'terceridade'.

Mas insistirei nesta lógica, dando ainda mais um passo. A lógica da violência, ou o ódio ou a raiva ou o rancor. Graus, para dizer, no modo freudiano, do par antitético da pulsão de vida e a pulsão de morte⁶⁵.

⁶⁵ **Freud, Sigmund:** (1920). "Além do princípio do prazer". *Obras Completas*. XVIII. Amorrortu, Buenos Aires, 1996. Mas sobretudo a tradução sutil, precisa e documentada de **Juan Carlos Cosentino**, numa versão bilíngue e comentada. "Além do princípio do prazer: Manuscritos inéditos e versões publicadas." Edit Mármol Izquierdo Buenos Aires 2015

6. Lógica das atribuições

“Há lógica na mina falta de razão e em minha loucura” Carta de Van Gogh ao seu irmão Theo⁶⁶

Certamente o homem padece duramente ao tempo que sua produção se incrementa e comoverá a humanidade por séculos. Um homem que preferia comprar óleos antes que ‘batatas’, como relata. Mas escreve uma verdade incrível. Como toda vez que um poema é conseguido, supera em clareza e compreensão o que não alcançam densos e extensos textos, tanto menos comovedores como convincentes.

Ainda mais, é uma frase de enorme valor para os que se comprometem com seus pacientes na clínica psicológica. Mas ao mesmo tempo, como veremos mais adiante, é fundamental para o mediador, que sabe abster-se de tirar conclusões antes de tempo, apoiadas nos preconceitos de época que o habitam ou as antecipações que parecem com seu próprio rosto, mas não albergam, o dizer e sentir do outro.

O dizer do outro não é puro caos ou indeterminação, arbitrário ou carente de sentido. Que não possamos vislumbrá-lo é outra coisa. Talvez o interlocutor também não pode dimensioná-lo para poder fazer, de uma ideia e um pensamento, uma decisão e uma ação. Não encontrei, na minha prática clínica de mais de 45 anos, fora duas exceções, pacientes que não puderam fazer algo melhor de suas vidas e construir um destino⁶⁷. Olhar esperançoso que deve encontrar, no dizer do outro, as chaves que o organizam ou desorganizam. Van Gogh anuncia, sem saber-lo totalmente, ou seja, conscientemente, que sua dor pode ser desconstruída, desarmada peça por peça, e que pode reconstruir-se numa vida habitável.

Ali não há ‘técnicas’ de aplicação estandardizadas nem interpretações ‘prêt-à-porter’, e de pouco servem as etiquetas diagnósticas,⁶⁸ que estigmatizam os condenados por elas, ou salvam a quem as emite.



⁶⁶ Van Gogh, Vincent: “Cartas a Theo”, Goncourt. Buenos Aires, 1980.

⁶⁷ Tausk, Juan: “¿Qué ha sido de Teresa Rodriguez?” (“O que foi de Teresa Rodriguez?”) em Tausk, Juan e Duer, Eduardo, compiladores. “La palabra por venir- Conversaciones en clínica Psicoanalítica” (“A palavra por vir - Conversações em clínica psicanalítica”). JCE Editores. Buenos Aires. 2016. Prêmio Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, 2015 - “Contribuciones y Aportes de Nuestra Disciplina a las Condiciones que la Época Propone” (“Contribuições de Nossa Disciplina às Condições que a Época propõe”). No 30 Aniversário da Criação da Faculdade de Psicologia. Acessível em: <https://www.dropbox.com/s/m92bma2s1kh83e6/Tausk%2C%20Juan%20Que%20fue%20de%20la%20vida%20de..%202015.doc?dl=0>

⁶⁸ O texto referido na nota anterior, se interroga sobre o destino e as vidas dos pacientes- no caso, uma mulher que consultou há 30 anos e só por três encontros - com atenção à etiquetagem, ‘little boxes’ engaveta-lo, se diz no texto, que impõe destinos, em defesa da corporação profissional, sua pobreza intelectual, sua falta de liberdade conceptual, sua maligna distância e, seguramente, seu temor mais cobarde: o medo à loucura.

Sem ir mais longe, mas indo mais longe, o Tratado Rosh Hashaná do Talmude Babli⁶⁹ traz uma caracterização da loucura que desafia os enquadramentos diagnósticos contemporâneos, por sua modernidade e abertura.

“Quem o obrigou? Se dizes que um demônio o obrigou, mas foi ensinado na baraita⁷⁰: se um homem às vezes está lúcido e às vezes transtornado: quando está lúcido, é como um indivíduo mentalmente competente, para todos seus assuntos, mas quando está transtornado, é como um indivíduo transtornado para todos seus assuntos...”

O argumento tem um valor necessário e não é um epifenômeno descartável, em busca de uma verdade que está em outro lado e que há que extrair. É precisamente uma verdade, não toda.

Há quem entendem que esse argumento - bem nomeada ‘posição’⁷¹ (em uma acertada



metáfora da guerra de posições da linha Marginot, da primeira guerra mundial) - é um disfarce ou encobrimento que esconde os verdadeiros interesses e as mais íntimas necessidades, escalonadas numa pirâmide com um esquema tripartite, decididamente simples, se bem ilustrativo e por isso tão citado: a Pirâmide PIN⁷².

Apresentada por Andrew F. Acland em 1993⁷³, propõe a ideia da diferença essencial do que se ‘afirma’, respeito do que se ‘deseja’ e do que ‘devemos ter’. Acland refere, por sua vez, para poder

explicar o mais difícil, no meu entender, as ‘necessidades’ e aponta a outra pirâmide prévia: a ‘Maslow’s Pyramid’, relativa a uma hierarquia das ‘necessidades’. Estabelece uma sequência de 5 níveis de necessidades com a qual a ilustração apresentada brinca, apresentando mais uma na sua base. Fisiológica, Segurança, Pertencimento, Reconhecimento e Auto realização.

⁶⁹ **Talmude:** Tratado de Rosh Hashaná, Talmude Babli .25 volumes. Edit Edaf. Jerusalém 2005. (Em espanhol) pág. 336 (pág. 28 a. no texto hebraico / aramaico original).

⁷⁰ **Baraita:** Ensinos não incluídos na compilação e compilados separadamente e, em parte, citados pelo Talmude. A tradução inclui palavras, aos efeitos da inteligibilidade do texto original.

⁷¹ **Fischer et al:** (op. cit.). A ideia de posição e interesse como ‘par de opostos’ tem sua inauguração no texto referido.

⁷² **Acland, Andrew Floyer:** “Cómo utilizar la mediación para resolver conflictos en las organizaciones” (“Como utilizar a mediação para resolver conflitos nas organizações”). (1990) Paidós, Barcelona. 1993.

⁷³ Provavelmente o primeiro livro editado na Argentina sobre mediação e referência fundamental nos desenvolvimentos posteriores. Acland realizou numerosas publicações e interveio em conflitos de enorme diversidade, inclusive de ordem internacional.

Essas então deveriam encaixar na pirâmide de Acland, em sua base: a categoria 'necessidades'. Acland refere também a outras escalas de necessidades, como a de D.C. McClelland (The achieving society, Van Nostrand, 1961) que inclui três níveis: afiliação, poder e obter conquistas. Mas é interessante que ressuma em dois pontos: que as pessoas têm necessidades e que o conflito pode pô-las em perigo.

Pode-se visitar as 480 variantes da pirâmide de Maslow,⁷⁴ sem necessidade de ir a Giza, que indicam sem dúvida sua forte marca no contexto da mediação. Não por isso deixa de padecer de uma certa simplificação, como as imagens dos hieroglíficos e ilustrações egípcias, sempre tomadas desde a lateral.

Voltando a Acland, ele afirma que, em geral se tem à 'vista' a ponta da pirâmide, a posição, e que o trabalho da mediação deverá incluir a parte dos interesses - porção do meio - entendendo que a base, necessidades, possa não ficar explorada embora se a presuma. Por isso se tem repetido a imagem do 'iceberg', levando a um titânico fracasso a substância do problema.

Além de oferecer um sentido comum compartilhado, explicam algo acerca da condição humana que leva ao conflito? explicam algo sobre a complexa e oculta relação entre o subsumido no oceano e o que se observa? O que se observa flutuando é um iceberg com sua parte oculta, não são duas coisas.



No entanto, talvez a riqueza maior da aventura de Giza e que Harrison Ford desespera por encontrar, é a relação de uma pirâmide com a outra ou as outras. A ideia⁷⁵ é a de articular duas pirâmides, representando a cada um dos protagonistas ou partes de uma situação conflitiva. Exclui obviamente toda interseção na ponta, pois isso define justamente as posições, mas entende que, no referente a interesses, pode haver espaços de interseção a serem explorados colaborativamente.

É interessante observar que este modelo de pensamento não requer definições muito precisas dos três termos e que essa vantagem é crucial pois, geralmente, essas definições enchem-se de lugares comuns, de uma psicologia de barricada ou de um somatório de preconceitos de época que, como se sabe, gostam de enclausurar-se no termo de idiosincrasia ou, mais elegantemente, de paradigma. Usualmente tomada por fora de

⁷⁴ Maslow, Abraham H. (1987). "Motivation and Personality". Harper & Row. New York, NY s/año. Ver: https://www.google.com.ar/search?q=maslow+pyramid&espv=2&biw=1024&bih=715&tbn=isch&imgil=qzHtofWIGOWqwm%253A%253BN4ZdidAMVxHgEM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.simp.lypsychology.org%25252Fmaslow.html&source=iu&pf=m&fir=qzHtofWIGOWqwm%253A%252CN4ZdidAMVxHgEM%252C_&usg=__Vb2BsucmoXCplYxqaQdAHHlzUSc%3D&ved=0ahUKewibuaqI5KbRAhWDDQyYKHWkTcfsQyjclMQ&ei=ewVsWNUKPKoOHmQHppqTYDw##imgcr=qzHtofWIGOWqwm%3A

⁷⁵ Proposto por **Gabriela Jablkowski**, em suas aulas no Mestrado e Diplomatura em Mediação e Negociação. Autora de "Configurando escenas colaborativas en la escuela: Aportes y Experiencias de Mediación y Diálogos facilitados." ("Configurando cenas colaborativas na escola: Contribuições e Experiências de Mediação e Diálogos facilitados"). Coautoria com Guillermo Gonzalez. 12ntes edit. Buenos Aires. 2011. Ver: <http://apep.com.ar/empresas-y-organizaciones/diploma-en-competencias-para-el-liderazgo-con-formacion-en-mediacion-y-negociacion/25-staff-docente.html>

seu sentido contemporâneo (proposto por Kuhn⁷⁶), essa forma de pensar é anunciada como absoluta ou indiscutível. Necessária. Eu me dou a liberdade de urdir um neologismo: “paradogma”⁷⁷.

O ‘todo para mim, nada para o outro’ é a operação em jogo na ‘guerra de posições’, com a que frequentemente se inicia uma tentativa de mediação. Como sabemos, somente poder sair desse lugar é o que permite desenvolver propriamente uma negociação.

Sempre se definiu a mediação como uma negociação ‘assistida’, o qual é uma definição mais descritiva do que fundamentada. De qualquer modo, é justamente porque as partes envolvidas não podem negociar sós, pois não saem de ‘suas’ posições. A tarefa do mediador é conseguir isso, é aí onde se dá sua maior eficácia, porque o resto do caminho está facilitado por uma boa conversaçãõ.

A mensagem da ‘posição’ não é prescindível. Há quem a define como mera enganação, simulação ou má intenção, descuidando seu valor de verdade e sua antecipação conectada com o que ainda não tomou forma material na realidade cotidiana e menos ainda na consciência do sujeito. O que usualmente denomina-se ‘larvado’, mas que pode registrar-se com uma precisão incrível.

O valor de verdade, e não digo ‘a’ verdade, é quando se articulam ‘posição’ e ‘interesse’, articulação tanto mais inconsciente do que consciente.

Sigamos com Van Gogh. O argumento então não é um erro de percepção ou de raciocínio que há que corrigir, também não é desprezível, pois tem sua razão de ser e é precisamente com o que se trabalha. Que engane, seduza, ‘enrole a serpente’,⁷⁸ se debulhe em lágrimas, se imponha ou vocifere qual Satanás desde as vísceras, não quer dizer outra coisa que devemos trabalhar com isso. Deixemos aos pastores de televisão que os exorcizem, que o fazem com tanto êxito. Nós, mediadores, os escutamos.

Escutar, como veremos mais adiante, tenta não assentar as imagens e ideias que nos têm tomados numa percepção e interpretação da realidade. Como com os consultantes em

⁷⁶ **Kuhn, Thomas S.:** (1970) “La estructura de las revoluciones científicas” (“A estrutura das revoluções científicas”), FCE, Madrid, 2006.

⁷⁷ **Uma breve travessia etimológica:** O termo ‘paradigma’ se origina na palavra grega παράδειγμα [parádeigma] que em grego antigo significa “modelo” ou “exemplo”. Por sua vez se divide em dois vocábulos παρά [pará] (“junto”) e δείγμα [deigma] (“exemplo”, “padrão”). Originariamente, significava padrão, modelo. <https://es.wikipedia.org/wiki/Paradigma> (10/12/2016) Se bem já utilizado por Platão, é Thomas S. Kuhn (ver nota seguinte) que a define como “um conjunto de saberes e práticas que comparte uma comunidade científica num período específico”. Inclusive o refere como “uma completa constelação de crenças, valores e técnicas compartilhados pelos membros de uma determinada comunidade”. Por sua vez, a palavra **dogma**: pensamento, princípio doutrinário, tem como verbo o vocábulo grego *dokein*: opinar, dar por certo. Desse vocábulo deriva **doxa**, que reitera o mesmo: parecer, opinião, crença. A palavra **ortodoxia**, implica doutrina e opinião correta, sendo seu antônimo **paradoxo**: estranheza, exclusão, contrário ao sentido comum. Esta breve travessia etimológica chega a um porto seguro: **dogmatismo**: as opiniões impossíveis de serem discutidas.

⁷⁸ (pop.) Em espanhol: A expressão ‘Enroscar la víbora’. Enrolar a outro com argumentos **falaciosos**/ enganar, fazer crer a outro algo que é falso. <http://que-significa.com/significado.php?termino=enroscar%20la%20v%C3%ADbora>.

mediação ou em psicanálise, também não administramos totalmente e à vontade nossa própria verdade, mas trabalhamos nela, a vida toda. Embora o outro a reclame.

A final de contas, entendo que a vida é esse trabalho de conhecer, conhecermo-nos e gozar quando é possível. A imperiosa necessidade de entender é, simplesmente, porque seria intolerável não fazê-lo. Quando carecemos de explicações ou razões, aí sim nos sentimos 'loucos', no entanto Van Gogh com sua frase (mais acima) nos diz justamente que não o está. Que briga por um lugar no mundo.

Essas atribuições que nos habitam são, também, as que nos orientam na vida. Essas atribuições de sentido são as que nos permitem preferir, escolher, estar com e decidir. Para bem ou para mal, é ali onde estamos. Mas o mediador não tem essa liberdade, ou, melhor dizendo, tem a liberdade de deixar isso entre parêntese, no que poderia denominar-se uma atitude desprovida de preconceitos ou intencionalidade e escutar onde o outro se situa. Em definitiva, essa é a única maneira de escutar. Psicanalítica.

Quais atribuições? Que sejam ditas ou somente pensadas, falam da civilidade de um protagonista e do jogo de simulações que ordenam os diálogos cotidianos. Tratam de atribuir ao outro - a quem a gente confronta, quem supostamente nos prejudica, nos desprovê, nos ofende, nos afeta nossa autoestima ou argumenta fora da própria medida, com três 'atribuições clássicas', como veremos.

A primeira: O 'outro' está tomado pela 'maldade absoluta', é 'o Mal' personificado, com seu inverso do lado oposto: inocência y bem-aventurança. O outro está, então, possuído por um ânimo destrutivo e uma intenção de fazer padecer e até fazer desaparecer e, tornando-se incompreensível, não nos permitiria habilitá-lo como um interlocutor possível. Nesse monstro ninguém se reconhece.

A segunda atribuição é de loucura. "É um louco, um psicótico, perdeu um parafuso, etc." Num impulso psicodiagnóstico incontrastável, peculiar paixão própria dos profissionais da 'saúde mental', e também de Dona Rosa⁷⁹, o outro está encerrado em sua caixa classificatória. Não há confusão, mal-estar, depressão ou angústia, é tudo isso. Pense-se que nas atribuições se trata sempre do Ser e não do Estar.

Diferença fundamental, que não só permite habilitar o outro em suas razões, mas, também interrogar-se a si mesmo. Vai se preferir que o outro seja o mau ou o demencial, como estado definitivo: Triste, solitário e final, como se chama uma novela de Osvaldo Soriano, mais do que pensa-lo numa temporalidade e situação determinada. Porque assim a gente estaria arriscando cair também na loucura e a maldade. Mas não, sempre é o outro.

No campo psi, psiquiatria, psicologia, psicanálise, nada se teme tanto como a loucura, a própria, pelo qual é mais apropriado classificar o outro num destino psicopatológico do qual a gente, quem o enuncia, está para sempre a salvo. Enquanto haja outros loucos... nesta atribuição, a gente bem pode vacilar. Para ser breve, si há algum temor no ofício, é o de 'ser louco' e que, não sabendo-o, o saibam os outros.

⁷⁹ Modo de dizer, vizinha de bairro que vá ao mercado e comenta.

A terceira atribuição é a de que o outro é 'um perverso', nos goza, busca fazer-nos 'morder a isca', enrola e administra nossas melhores intenções, temendo um secreto gozo sobre a gente e a gente se desconcerta, mas sabe que por algum lado vai cair. Posição vacilante pois converge com certas fantasias de origens precoces e recalçados, em que desponta um gozo enorme e 'perverso', do qual o sujeito assim chamado 'normal' se abstém. De todos modos, esta atribuição leva a uma postura paranoica: melhor cuidar-se e estar atento. É claro que são temas que requerem dar uns passos a mais, que não são necessários neste momento.⁸⁰

Como se vê, está louco, é maligno ou é perverso, atribuições que se oferecem com muita generosidade ao outro, sempre evitam poder pensar-se a si mesmo, menos ainda, pensar a lógica em que operam e habitam os outros. Por não dizer de um movimento tão simples como frequente, cuja ingenuidade comove: alguém atribui a outro uma intenção que decididamente não tem ou desconhece. Alguns se perguntam, será assim? Estamos bem, gente reflexiva y prudente. Mas, se registra com tanta frequência que, isso que alguém atribui ao outro, não deixa de dizer de si mesmo.

Continuemos: trata-se de movimentos que conseguem tirar o outro da dimensão de sujeito ou pessoa e, por tanto não são 'interlocutores válidos'. São, como costuma se dizer: "Com ele não se pode falar" e, se dois coincidem, já está feito o jogo.

Surge então a pergunta: não haveria algo mais em jogo que não está podendo ser dito?

A isso se acrescentará outra pergunta: qual é a lógica que está em jogo? Tem um nome.

⁸⁰ No entanto, uma referência clara encontra-se em Alicia no país das maravilhas, em sua primeira versão de Disney, numa cena do início, em que, na gruta se festeja o 'não-aniversário'. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=DgbizMflxms>

7. Uma lógica totalitária

“Os argentinos somos direitos e humanos”

Para iniciar este capítulo será conveniente ir diretamente a um caso que, me parece, permite entender com clareza, tanto a lógica como as atribuições. Para orientar, embora se explicará mais adiante, os mediadores sabemos que há quatro palavras que não se devem dizer, como na brincadeira infantil⁸¹. Não debes dizer ‘nem todo, nem nada, nem nunca, nem sempre’, prevenção iniciática nos recursos de comunicação, sobretudo no parafraseio, em todos os cursos de formação de mediadores.

Como tudo o que acontece em mediação, tem um nível mostrativo, de superfície, que parece mais com os bons modos, usos e costumes, corretos ou apropriados para seu objetivo. Tem também um nível mais profundo, que se articula com os conceitos da civilidade, a condição humana, os direitos humanos e a subjetividade.

Ou seja, deve haver um fundamento consistente para as decisões práticas e de reflexão sobre as mesmas. Em outras palavras, porque funcione e alegrem os bons resultados, não basta. Se faz necessário compreender as molas do que estamos fazendo.

Vamos ao caso. Em épocas da ditadura cívico militar denominada Processo de Reorganização Nacional da Argentina, que inicia em 1976, o governo de Rafael Videla contrata uma empresa para melhorar a deteriorada imagem da Argentina quanto às notícias de desaparecidos, torturados, exterminados e campos de detenção ou, numa linguagem apropriada, campos de extermínio. Queria promover-se uma ilusória imagem de normalidade, legalidade, para o qual se contrata à empresa experta na matéria. ⁸².



No Campeonato Mundial de Futebol Juvenil de Japão, em 1979, o locutor José María Muñoz lança ao mundo a frase: ‘Os argentinos somos direitos e humanos’. Com inocência ou não, não tem importância. O governo imprime 250.000 decalques com dita frase, especialmente no momento em que a Comissão Interamericana de Direitos humanos da Organização de Estados Americanos vai visitar a Argentina, em resposta ao clamor pela já

⁸¹ ‘Ni sí, ni no, ni blanco, ni negro’, que todos hemos jugado en la infancia.

⁸² En este sentido Hitler estaba, definitivamente, en mejores condiciones. Tenía a Goebbels como ministro de propaganda.

flagrante ruptura dos direitos humanos Por outra parte, é um fenômeno que se multiplica nas ditaduras militares da região. De diferentes tamanhos e modelos, todos os taxímetros a levam nos seus para-brisas, sobre um fundo de bandeira argentina.

Para iniciar a análise deste texto podemos dizer:



1. Todos os argentinos e uma bandeira de fundo indica um conjunto universal dos argentinos, ou seja todos e sem que falte nenhum, abraçados ao seu símbolo pátrio. Por não acrescentar que o decalque com forma de coração, lembra o patriotismo que, como diz um peronista a outro, 'é um sentimento', enquanto bate no peito.
2. A gente se pergunta o que significa 'todos', pois é evidente que já está excluindo os que não são. Já se enuncia que são Nada, o antônimo. É interessante ver como a ausência ocupa um lugar no esquema da totalidade, o que vai conforme às matemáticas modernas e a teoria de conjuntos, que sempre inclui o conjunto 'vazio' ou seja, a 'nada.' Isso produz um problema: que existência tem quem não é argentino, o que é ausência? Escute-se, já aí, a figura do 'desaparecido'.
3. Dizer 'todos os argentinos' sem especificar uma cláusula que o defina, é dizer pouco e nada. Portanto, de imediato se define 'direitos e humanos'. Isso, por sua vez, define aos não argentinos do conjunto de 'todos os argentinos'. Se entende? Os estrangeiros, franceses, tailandeses, não entram em questão aqui. É um tema 'local'.
4. As cláusulas que os definem são sempre pares antitéticos. Para o caso devemos ver, então, as conotações semânticas de ambos termos: 'direitos' e 'humanos'. É evidente, é uma burla à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA.
5. Direitos.
 - a. De direita, ou seja, não de esquerda. Os esquerdistas, comunistas, maoístas, guevaristas e toda essa mácula⁸³ que incluía os cristãos revolucionários não são então direitos, pelo qual ficam por fora da afirmação 'todos os argentinos'.
 - b. Direito remete a legalidade e constituição, de modo que os que não entram na categoria, são ilegais.
6. Direito é 'erguido' e 'correto' em seu desenvolvimento, mas os ilegais são 'torcidos', 'retorcidos' e necessitam um guia para endireitar-se, mas essa probabilidade tomaria demasiado tempo, coisa que a inquisição espanhola dispunha⁸⁴ e os 'gulags', rede de campos estalinistas de reeducação, o tentavam.⁸⁵ Convém, então, tira-lhes a influência sobre seus filhos, como foi feito tantas vezes na história humana, desde a antiguidade.

⁸³ Vício físico ou moral que marca a quem o tem. Pessoa depravada. Dicionário da Língua Espanhola. 23ª. Edição. Real Academia Espanhola. Buenos Aires. 2015.

⁸⁴ **Wachtel Nathan;** (2009) "La lógica de las hogueras" ("A lógica das fogueiras"). CFE edit. Argentina. 2014. Um escrito de excelente documentação, que permite entender os procedimentos da inquisição 'desde dentro', a partir do estudo de casos, na sua maioria em Brasil, no primeiro tercio do século XVIII.

⁸⁵ '1984', de George Orwell, o descreve.

Sendo uma versão, do século XIX na Austrália, a feroz caçada de crianças, filhos de aborígenes, para interna-los em escolas para torna-los 'gentlemen', ou seja, 'gente'. Heinrich Himmler sabia burlar-se dizendo que aos opositores não os tinham com eles, "mas somos donos de vossos filhos". Entende-se então que tira-lhes os filhos e deixá-los em mãos de gente 'direita', pretende fazer-lhes um bem, por 'seu' bem, mesmo que não o entendam assim.

7. Humanos.

Gozar da categoria de 'humano', não é pouco nas sociedades modernas e democráticas. Pois o humano iguala em direitos e obrigações. Ao invés, em sociedades como a da Alemanha nazi, há os arianos, portadores das virtudes da espécie e da raça, enquanto os cachorros, judeus, zingaros, etc., se não gozavam de cidadania era porque não eram humanos. O tráfico de crianças, a trata de 'brancas', a venda de escravos, a posse da mulher, os refugiados sem nacionalidade nem lar, que padece crescentemente o mundo contemporâneo, se apoiam nesse paradigma. Portanto, suas vidas valem pouco, se algo.

Colocados os elementos do dilema lógico, devemos tentar resolvê-lo.

Se no conjunto dos argentinos temos desses, inumanos e não legais, temos um conjunto que apresenta contradição. O que seria ser argentino se tudo dá igual? Essa incoerência é insustentável e o conjunto, então, fica



invalidado. Da no mesmo ser ou não ser argentino. Isso, obviamente, não satisfaz sequer a um poder militar ditatorial ignorante. Isso se denomina, em matemáticas, 'inconsistência' e inibe de operar. Pois algo pode ser falso e verdadeiro ao mesmo tempo e, na escola secundária se nos ensinava que não pode haver um teorema que seja verdadeiro e falso ao mesmo tempo.

Si no conjunto de todos os argentinos devemos excluir uma determinada quantidade que, aparentemente, em algum momento sim o eram, mas a partir da nova formação deixam de sê-lo, temos o conjunto que queríamos. Argentinos somente direitos e humanos. Mas então nosso conjunto é 'incompleto'. Onde vão todos esses que não são argentinos devido a esta definição? Ou melhor, onde são levados? Alguns saem de voo noturno, outros sucumbem à tortura, outros recebem seu tiro de misericórdia. Desaparecem. Com isso se resolve um problema de lógica. Sem excluir a responsabilidade e culpa da canalha, é difícil dizer deles que são loucos, perversos ou malditos, embora o sejam⁸⁶.

Como se verá e levado ao seu extremo, não falamos de outra coisa que a lógica do tudo ou nada⁸⁷ e, reduzindo a escala, aparece em discussões de divórcio, sucessões, relações

⁸⁶ Entendam minha vacilação. Diria tudo isso e mais, mas também quero ir além e entender o que leva a estas operações (in)humanas, para compreender seu sentido e sua lógica.

⁸⁷ Este tema apaixonou desde inícios do século XX aos matemáticos e ao autor. Lógica matemática

na comunidade, certamente na mediação penal e é o entrave nas relações de convivência social. Como veremos de imediato.

com Bertrand Russell, Gottlob Frege, Kurt Gödel, Georg Cantor. Trata-se da incompletude dos conjuntos universais, ou seja, a impossibilidade de construí-los. Nada pode conter a Tudo sem apresentar inconsistência ou incompletude. Mas não é o lugar nem a oportunidade para aprofundar nisso.

8. A tentação totalitária.

Só conheces alguém quando tem o poder absoluto ou quando está por morrer.
Ditado popular

O pensamento e o ato totalitário percorrem todas as escalas da vida social. Os temas mais graves não são, no meu entender, a corrupção e a insegurança, como nos fazem pensar todos os meios de difusão. São só a consequência. O problema mais árduo é a tendência ao totalitarismo, que surge quando alguém chega a administrar cotas relativas de poder que o autorizam a impor-se aos outros. Há uma tentação e uma aceitação de quem possui esse poder. Não se trata somente de armar grandes cenários de lealdade fascista ou de massacres massivas. Nisso se termina, às vezes, mas se inicia em coisas mais sutis, mais pequenas e absolutamente visíveis. Sobretudo, pensáveis.

Um exemplo trivial: uma cátedra universitária. O professor tem um poder regrado sobre seus auxiliares de trabalhos práticos (teachers). Eles são os que trabalham com grupos de estudantes. Quanto poder possui um auxiliar? Pouco. Mas é quem avalia e aprova. É ele que faz 'suar tinta' numa prova final que, às vezes, nem ele próprio aprovaria, exceto que repita as mesmas ideias que ele 'ensinou' a repetir ou as do professor.

Um concurso de professores. O júri entende que não só tem um poder completo sobre os candidatos e que para garantir a ocupação do seu cargo, devem não só serem 'superiores', senão que devem parecer severos, 'rigorosos'. Algumas seitas acadêmicas fazem dessa palavra seu talismã favorito. Ou seja, implacáveis. Não trataremos aqui da frequente corruptela, em que o 'comissário'⁸⁸ já tem seu 'flete' ganhador. E todos o sabemos.

Apagar o rosto de quem se opõe, silenciar a quem denuncia, impedir acesso aos meios, de outras versões que a verdade estabelecida, afogar financeiramente ou com demissão a quem 'tira os pés do prato'. Construir pequenas máfias empresarias, sindicais, de governo, escolares, universitárias⁸⁹. Pequenas máfias⁹⁰ em licitações e concursos públicos. Tudo se vê, mas se cala. Não poder falar nem com os amigos. Se é culpável de dizer a verdade nua e a gente fica 'em bolas'⁹¹ pelo atrevimento. Aliás, deve agradecer. Isso é o que Fernando Ulloa denomina 'mortificação institucional'.

Schreber era um juiz alemão de quem Freud analisa seus escritos. Psicose Paranoica. Seu pai era um educador na Alemanha, publica o Manual Popular de Ginástica de Sala (1891) e inventa todo tipo de aparelhos corretores de posições- sentar-se direito, caminhar de

⁸⁸ Comissário: chefe de polícia local. Flete: cavalo de corridas. Cavalo de montar, particularmente vistoso e ligeiro (Dicionário da fala dos argentinos. La Nación, Emecé edit. Buenos Aires 2008.)

⁸⁹ Eram denominadas 'tranças' na UBA do século passado.

⁹⁰ Máfia. Qualquer Organização criminal e secreta que trata de realizar seus delitos sem escrúpulo algum. Ou seja sem nojo.

⁹¹ Lunfardo: Nu e sem recursos. Inerme.

maneira correta, os ‘cotovelinhos’ sobre a mesa, etc. Incrivelmente tortuosos⁹². Cria uma associação que em 1958 tem dois milhões de seguidores. Ensinava que, quando a criança não cumpria ou fazia uma travessura proibida, devia-se bater-lhe (varas, cintos, látigos, pancadas, mordidas, calabouços obscuros). Isso era comum no século XIX na Europa. A novidade é que a criança, após a sessão de torturas, devia estreitar a mão do pai e dizer-lhe: ‘obrigado’. A gente prefere a surra do que a vergonha, digo.

O ‘bullying’ é a versão da máfia totalitária em escala menor, talvez porque se trate de coisas de crianças (Estas crianças!) Estraga vidas desde cedo. Não é só um tema de uma criança singular especialmente sádico ou outro especialmente fraco. É um tema de organização social. Ainda mais, por acaso não há docentes que são valentões e se organizam em máfias?

Alguém aponta o outro mais fraco e destrói, com ação física e psicológica, a autoestima e a identidade, devido à pobreza, a ser imigrante (‘bolita’, ‘paragua’, ‘gitano’), ao pertencimento nacional, de classe, cultural ou religioso. Inclusive à beleza ou à capacidade intelectual (o ‘nerd’). Ou por ser mulher. Desmerece a quem tem ‘defeitos visíveis’ - a expressão ‘necessidades especiais’ não é senão um artifício semântico para distrair. Silencia sua palavra e impede a possibilidade de denúncia com as ameaças mais terríveis. Enquanto isso, o grupinho trágico, as outras crianças, observam silenciosos e sofrem horrores. O único refúgio fácil é identificar-se com o agressor e fazer parte da patota, ou calar para sempre. Porque mais temem ser objeto da mesma crueldade virulenta do valentão⁹³ e correr o risco de precipitar-se numa degradação tal ante o olhar dos outros, de sua família e perante si mesmos. Saqueados de estima e atemorizados, tornam-se desprezíveis, sem preço e, com isso, excluídos das relações de intercâmbio. Tudo isso por sua ‘deficiência’, por ser quem é, e em consequência, é por sua culpa e a de seus pais. Isolamentos atrozes, depressões suicidas, mortificação de seus corpos, transtornos do sono e da alimentação, doenças multiplicadas. Assim se cria um “musselman”, uma criança não criança, o mesmo objetivo dos campos de concentração. Mas na escola, ou no bairro, ou no clube. Virando a esquina.

Os modos totalitários, inclusive em sociedades basicamente democráticas, se filtram desde as maiores autoridades para abaixo e não ao contrário. Se orquestram, se organizam. Por isso, como em tantas outras coisas, não se resolve com troca de palavras y vernizes de bem-aventurança. Somos esse grupinho testemunha e deveríamos não deixá-los passar nem no cenário mais pequeno nem em oportunidade alguma da vida social. Requer integridade e grupalidade. Juntar-se. Lembro-me da trilogia “A condição humana” de Masaki Kobayashi (1959)⁹⁴, em que o coronel japonês executa a vários internados chineses, decapitando-os com seu sabre que, cuidadosa e lentamente molha

⁹² Ver

https://www.google.com.br/search?q=daniel+gottlob+moritz+schreber&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=r7wyPWolL6bZAM%253A%252CMHisrxKgjHUDAM%252C_&usg=AI4_-kTwtTU9jCIHz77okSQEZ0Zu6Vq_vvQ&sa=X&ved=2ahUKewj2g7adwpffAhWfKpAKHTPMDsMQ9QEwCXoECAQQCg#imgsrc=I5vKSeTSEbkduM:

⁹³ ‘Bully’ é exactamente, valentão.

⁹⁴ Onde vê-la nos 70’s senão no cinema Arte e o templo Lorraine da Avenida Corrientes (Dois cinemas dessa época onde passavam ‘filmes-cabeça’.

para facilitar o corte. Enquanto os outros observam calados e furiosos. Um deles estampa um passo à frente, acompanham os outros, e outro passo e mais outro. Retumba a terra e o coronel escapa com seu guarda. Esse passo decisivo é um pronunciamento: Não passarão! ..⁹⁵

Construir cidadania⁹⁶ requer um trabalho. Sim, em **com** efeito trabalho de educação. Mas de imediato temos encima um problema, o que é educação? Dizer ‘de qualidade’ ou ainda mais, ‘de excelência’ é o anúncio de que se vá por mal caminho, empurrando as ideias com o nariz. Esse é o grito afogado e sem volume, sacrossanto, das universidades. Se o dizem é porque não o são. Parece-me, o tomaria assim, somente como expressão dirigida aos reis, prelados, a banca e os juizes. Ou seja, a algum amo. Se poderá ir mais longe? Claro que sim.

Dentro da séria preocupação que gera e, por momentos, franca desesperança, “o futuro do trabalho na era da automatização”, no livro “¡Salve-se quem puder!”⁹⁷, se adverte uma continuidade com o livro anterior de Oppenheimer sobre educação: “¡Basta de histórias!”, ao destacar a importância e necessidade da educação no desenvolvimento dos povos e suas sociedades. Enfatiza o significativo rol dos professores, pessoas humanas, não robôs, para gerar curiosidade e motivação nas crianças. Acho, sobretudo, vontade. Vontade de ir à escola, passar bem, sentir-se acolhido, cuidado, por o melhor de si. Falo das crianças ou dos professores? De ambos!

Acordo e tenho pela frente a perspectiva de um bom dia. Então, de quais conteúdos se compõe o currículo? Seguramente os usuais, que geralmente ficam esquecidos⁹⁸. Mas também, os mais importantes, que Oppenheimer denomina “habilidades brandas”: encontrar o que te entusiasma e possa constituir tua vocação; a capacidade de trabalhar em equipe⁹⁹, de confiar no outro e ser confiável; de sentir-se acolhido com teus colegas, os docentes e a escola; exercer a capacidade da empatia – de poder pôr-se no lugar do outro e de poder aceitar e procurar ser acompanhado; de criar projetos coletivos e investigar; de analisar juntos e decidir a norma que se deseja habitar cumpri-la e fazê-la cumprir; desenvolver a capacidade de persistência na direção que a gente decidiu qualquer que seja; resistir e tolerar o fracasso e aprender dele. Compreender a solidariedade como uma real identificação com o outro e uma entrega a uma causa. Sustentar com argumentos a denúncia de uma injustiça e não ceder. Aprender a assumir o conflito com capacidade de diálogo. Dar lugar ao desenvolvimento da fantasia criativa e legitimar as diferenças individuais. Amar a leitura. Ou seja, mais conversa e menos “caladinhos”, mais mover-se e menos “aos seus lugares”. Amar a leitura. Queremos uma

⁹⁵ Miles de guarda-chuvas na chuva pelo dilúvio do assassinato do fiscal, os lenços brancos das Mães de Plaza de Mayo, a movida de “Nem uma a menos” e, sem dúvida, os lenços verdes da despenalização e legalização do aborto.

⁹⁶ A grupalidade, o ‘nós’, os encontros e, sem dúvida, o que abriu as comunicações, mais democráticas e menos manipuladas: a difusão massiva de WhatsApp, Instagram, Tweeter, e-mails e outros.

⁹⁷ **Oppenheimer, Andrés:** ¡Salvese quien pueda! (Salve-se quem puder!) Edit. Debate. Buenos Aires, 2018

⁹⁸ “A educação é o que continua ficando quando se esqueceu todo o que se aprendeu na escola.” Albert Einstein. Não posso constatar esta citação de autoridade, mas ‘si non e vero e ben trovato’.

⁹⁹ Palavra já desprovida de sentido. É como chamar sede à Coca-Cola. Onde se juntam três e se sorriem, Eureka, temos uma equipe. Ao grito de “há equipe” aparece a aglomeração dismórfica do vôlei da praia. Construir equipes de trabalho, vendido hoje como ‘team building’, é outra coisa.

comunidade educativa de "mensen"¹⁰⁰. E se é gente quando cada um se aceita a si mesmo por quem é e valoriza a diferença que apresenta o outro.

Ainda longe de chegar a melhores portos, os recursos de gestão de conflitos, negociação e mediação, diálogos apreciativos, facilitação de diálogos, 'coaching', até negociações multipartes, diplomacia cidadã e, em especial, as negociações multilaterais entre países, que evitam guerras cruentas e misérias desgarradoras, vão aproximando a uma mudança de cultura. Aí sim diria cambio de paradigma.

Trata-se de deixar-se navegar. Como diz um ditado popular:

"A gente não pode controlar o vento, mas pode ajustar suas velas"

Seguem dois temas conexos. O capítulo 9, uma mediação de empresa familiar e o 10, um cartaz publicitário que percorre as ruas de Viena em 1932.

¹⁰⁰ Ser 'gente'. Vocábulo alemão, mas usado em yidisch para uma pessoa correta, inteligente, honesta, comprometida.

9. A culpa é do causador¹⁰¹

**“A mortalha não tem bolsos”¹⁰²
Ditado popular.**

O homem se dá um tiro. Se bem se o percebia deprimido, ninguém imaginou que chegaria a tanto, ou a tão pouco. Sua mulher atual, Alicia, com quem não tinha casado e teve dois filhos, um homem e uma mulher, ambos já adultos. Ela tem ofício, ele teve que interromper sua prolongada permanência no Havaí, onde gostava de surfar. No matrimônio anterior Jorge teve três filhas mulheres, as quais, por sua vez, têm suas famílias e filhos.

Elas vivem modestamente e sofrem necessidades várias. A herança lhes é importante nesse momento e, no entanto, levam seis anos disputando entre primeiras e segundas instâncias, um ramalhete de processos, para desesperação de seus advogados, que sugerem fortemente fazer uma mediação, pela qual me consultam.

As três irmãs, dispostas à renúncia, esperavam uma oferta da viúva, mas nunca chegava. O filho da viúva surpreende com um ‘Mami, nesta me jogo inteiro por você’. Sorriu para dentro, não por chamar a isso ‘flor de Édipo’, pois esse jardim não deixa de florescer em todas as almas masculinas e femininas. Surpreende a rapidez com que se oferece para substituir o ausente. Grito de guerra que anuncia um processo de luto incipiente e pouco madurado.

Como em todo falecimento, a morte surpreende e os números não estão bem esclarecidos: com o sócio do falecido, as divisas na caixa forte e o resumo de contas no exterior. ‘O que me diste’, ‘o que te deram’, ‘qual é minha parte’, ‘o que me corresponde’. Me- me- me balam as ovelhas.

Mas o processo sucessório se estende e complica. Têm uma vantagem, ambos advogados são ‘boa gente’ e pensam, também, nos interesses dos herdeiros do outro lado¹⁰³. A viúva padece de uma rara ambição: prolongar o processo o mais possível e seguir administrando o acervo familiar, sem dividi-lo.

Cabe a pergunta de por que, superando o lugar comum da avareza e do ódio às filhas anteriores do falecido. Entendi algo que me surpreendeu. O anseio de não concluir o processo permitiria reter o ‘todo’ da herança. Dessa maneira se retinha ao homem com quem continuava casada ‘tecnicamente’ e, com isso, retê-lo ‘todo’ para ela, numa ilusão: construir uma totalidade que desminta a morte. Tendo estudado manuais de direito sucessório, para saber do que estamos falando, tinha aprendido a lição. A resposta era

¹⁰¹ ‘Causador’ é o termo técnico para aludir ao defunto que ‘causa’ o inventário.

¹⁰² Mortalha: f. Vestidura com que se envolve o cadáver para enterrá-lo.

¹⁰³ Dois comentários para um mesmo efeito. Quando realizei meu curso de mediador, o fiz num ‘pool’ de advogados e descobri a quantos lhes importa o destino de seus clientes e também o do seu ‘adversário’, com generosidade e lucidez. Ali mudei um estereótipo algo infantil, que se reflete na piada que um deles conta e todos desfrutam: “Em que se diferencia um advogado de um corvo? Em que um é ávido, ladrão e traiçoeiro e, se pode, te arranca os olhos... e o outro é um inocente passarinho”.

técnica. De quem são os componentes hereditários? Do causador, ou seja, o falecido. Modo de retê-lo, puxando da mortalha e não deixando-o partir. É a substancia da sigla RIP: 'Requiescat in pace', ou QEPD: que em paz descanse. Não podia fazê-lo, havia demasiado tumulto nos seus sucessores. Neste caso entendi que o que imobilizava a Alicia e fixava numa posição, devia estar composto também por essas ideias.

Mas uma mediação não é uma psicoterapia, sobretudo porque não é a tarefa para a qual a gente se dispõe e entende que pode. Aliás, não se é convocado especificamente para isso, condição fundamental para o desempenho desta profissão, sem dúvida singular e arriscada.¹⁰⁴ Atolados após doze reuniões em diversas combinações de assistentes, aos trinta dias de iniciar a mediação, consigo fazer a Alicia duas perguntas.

Mediador: "Quanto tempo acredita que demorará ainda o processo até chegar a um final, para bem ou para mal?"

Alicia: "Calculamos uns seis anos"

Mediador: "Outros seis anos mais"

Silêncio

Silêncio, no melhor estilo do músico de chamamé Chango Pasiuk (suas entrevistas a músicos de toda a região criam e sustentam preciosos silêncios de reflexão)¹⁰⁵.

Mediador: "O que tem pensado fazer quando tudo isto termine?"

Minutos mais tarde se chega a um acordo entre todos os membros da família. Alicia raciocinava. Subsistem os 'chiquitajes'¹⁰⁶, é lógico: quem paga a taxa, o imposto que não representa mais do que 0,1 por mil do acervo hereditário, jogo de crianças, jogo de adultos, retorno limitado estreitado de uma confrontação radical. Isso se resolve fácil. Utilizei várias vezes um truque prático por meio do qual todos voltam ao seu bom senso: "Permitam-me o privilégio de pagá-lo eu e concluímos." Nunca o paguei, melhor ainda, as 'partes' disputam por fazê-lo.

A pergunta a ela era neutral, de senso comum, levemente do mal chamado 'advogado do diabo', não é mais do que lembrar que a vida segue e que o tempo pesa e passa. Mas a questão é se ela pensa o mesmo que eu estou pensando. Para isso a pergunta. Há pouco tempo pedi licença para dizer o que realmente pensava nesse momento, no contexto de uma Jornada num Tribunal de Justiça Estadual em Brasil e volto a pedi-la, dessa vez ao leitor.

"Pedaço de estúpida! Seis anos dedicados a este espetáculo decadente. Você tem 60 anos e em seis anos, terás 66. Ficas apegada ao defunto, ligada a todo o dinheiro e os bens, logo não só terás que soltá-lo, tanto a ele quanto aos objetos, e repartir os bens, além do que, terás seis anos a mais. De aproveitar a vida, esqueça."

¹⁰⁴ Inclusive ou justamente, o modo de atribuir significação interpretativa é do qual devem subtrair-se os que têm formação no amplo espectro das psicoterapias.

¹⁰⁵ Ao abrir o link <https://www.youtube.com/watch?v=GRpqrepvbr4>, abrem-se a série de entrevistas realizadas no Canal Encuentro, programa do Ministério de Educação da Nação. A administração do silêncio é fundamental nas conversações e, mediação. E em todas.

¹⁰⁶ 'Chiquitaje': M. lunfardo: "Operação miserável ou mesquinha" Dicionário da Fala dos Argentinos. Op. Cit. Também, "Conjunto de pequenezes, trivialidades. Conjunto de operações comerciais de pouca importância. || Conjunto de pequenezes, trivialidades." <http://www.geocities.ws/lunfa2000/aal2.htm>

Embora preguemos os lábios e abarrotemos de metáforas parafraseadas, salvíficas e ‘neutras’, a mensagem chega sempre ao seu destino. Notavelmente a gente mesmo talvez não sabe, ao todo, a mensagem que envia, nem sequer que inclui raiva pela dilação e o temor ao fracasso.

Ao outro lhe acontece igual, afinal somos todos da mesma ‘estofa’¹⁰⁷. Escuta e entende muito mais do que compreende de uma mensagem trivial. Ou seja, há um pensamento inconsciente que amarra as chaves de uma saída possível. Afinal das contas, é o que nos salva, e disso todos dispomos¹⁰⁸.

Mas há mais. Se não fosse que temos esses pensamentos, desatinados, cruentos, selvagens, não estaríamos pensando. E isso realmente está longe dos denominados ‘preconceitos’ ou ‘valores’ pessoais, pois esses são recursos conscientes que, com facilidade podem limitar-se e evitar a contaminação da ‘cena’. Isso é estar-se neutro e civilizado.

Mas são os outros pensamentos, intrusivos, de livre aparição, que deixamos fluir e que há que poder recolher, pensar, filtrar e escolher nosso modo de dizer. É o mais autêntico e criativo das intervenções do mediador. Por isso não é o mesmo dizer: “Quantos anos podem restar de processos, etc.?” do que a catilinária de pensamentos furiosos (poderiam ser amorosos também) que despertam o mediador da trivialidade dos argumentos para pôr luz a uma outra cena¹⁰⁹, que bem pode incluir o que os mediadores denominamos ‘interesses’.

Quero sublinhar, neste ponto, que a neutralidade não é passar a podadeira às nossas melhores ideias, as que vêm ‘sozinhas’, pelo contrário, neutralidade é que venham e lhes demos uma representabilidade que não fira, despreze, confunda, privilegie a um perante o outro, mas que ajude, a todos (isso é neutral) a ‘despertar’ de sua ilusão, sua ira, seus afetos, seu olhar ao umbigo.

Agora passemos a outra cena, tanto mais crua.

¹⁰⁷ Estofa: do francês estofe. Tecido de labores. A ideia: estamos feitos do mesmo pano de tecido comum.

¹⁰⁸ A psicanálise denomina a isso ‘escuta inconsciente’, e seu fundador insiste em que ninguém carece dela, mas devo desculpar-me o reenvio com a ampliação ou especificação de um tema para a frente. Chegarei de todos modos. Talvez não seja senão um recurso para suscitar uma expectativa e finalmente ajudar o leitor a sustentar a leitura. É o que o autor necessita em suas próprias leituras.

¹⁰⁹ Que Freud chama ‘die andere schauplatz’, a “outra cena”, ou seja, o inconsciente.

10. A saída é muito fácil

“A respeito das religiões, não gosto do sectarismo, que te faz pensar pela cabeça de outros.... tenho pensado muitos anos pela cabeça de Stalin, era meu ‘pai.’”

Jorge Amado¹¹⁰

Alguns anos antes da repressão mais sangrenta da história da humanidade, que as houve, um caminhão percorre as ruas de Viena, lá pelo ano 1932, com um cartaz ¹¹¹. Em nome do partido nazi apresenta imagem e texto. Cada um deles transmite significação (metonímia) ao outro criando um contexto à publicidade¹¹². Um explica o outro e o reforça (metáfora). Uma cabeça com chapéu coco de um homem polvo que esmaga todos com seus tentáculos. Homens, mulheres, crianças, trabalhadores, soldados, cidadãos comuns. É o ‘judeu capitalista internacional’, quando não o ‘infecto comunista’ que se apropria de suas vidas, suas ganâncias e seus postos de trabalho. Suas mulheres. Agora vejamos o cartaz:



“500.000 desocupados”, “400.000 judeus”

“Faça suas contas. A saída é muito fácil. ¡Escolha!”

Faz-se uma simples conta e resolve-se o problema da desocupação com uma boa subtração e sua solução, final.

A proposta é de uma lógica precisa, embora tão somente enunciativa. Mas um pensamento paranoico, Dalí, Freud, Lacan e soma-se o autor, reconheciam-no como próprio. Indica que o que se enuncia pode ser pensado, se pode ser pensado, alguém pode pensá-lo, se pode fazer-se, alguém poderá fazê-lo e, dadas as circunstâncias adequadas, poderia perpetrar-se. De novo a tentativa de um conjunto universal de ‘todos os...’. Como é incompleto, porque ficam não poucos fora, pode-se bem resolver fazendo-os fumaça. A conjuntura e a canalhice puderam fazê-lo. Por isso, a conhecida frase:

¹¹⁰ Entrevista de Página 12. “Amado cansado de guerra” 6 de agosto de 1992.

¹¹¹ Salamander, Rachel (1990) “The Jewish world of yesterday”. 1880-1938” Rizzoli Int. Publication. New York, s/ano.

¹¹² Em termos apropriados é chamado de propaganda política e seu artífice mais lúcido e iniciador em escala e como ‘arte’ foi o tristemente célebre Joseph Goebbels. Ver: Reiss Kurt. “Joseph Goebbels” Doubleday New York 1948.

'cachorro que late não morde' não é mais que uma bagatela de uma suposta sabedoria popular. Mordem e te devoram se você se descuida.

É o caso de "Minha Luta"¹¹³, de Adolf Hitler¹¹⁴. Uma verdadeira plataforma política que antecipa e enuncia, de modo detalhado, o que realiza anos mais tarde, em todas as frentes. Refiro-me aqui em particular ao que consolida, a partir da Kristallnacht, a 'Noite dos Cristais' em 1938. Resulta impressionante o capítulo intitulado "O Estado" onde exhibe suas teorias raciais para um Estado Racista (sic)¹¹⁵

Uma vez mais apresento a relação interna entre o anseio de construir um 'todo' ou possuir todo, com o pensamento e a prática totalitária. É claro que alguém dirá que entre a briga das duas crianças páginas acima e a repressão ou o holocausto totalitário há uma distância intransponível. Sim, guardam muita distância mas são da mesma espécie: a eliminação do 'outro' como condição de existência e de preservação do 'um'. Portanto é uma luta à morte. Os motivos



¹¹³ Instituto de História Contemporânea de Munich "Mein Kampf. Eine kritische Edition" foi publicado recentemente na Alemanha por primeira vez, pelo Instituto de História Contemporânea de Munich (IFZ), em dois volumes, de 1948 páginas (o original tem 500. Tem 3.700 notas "que questionam e contextualizam suas afirmações...") Foram editados 4.000 exemplares que, em pouco tempo, elevaram-se a 20 edições e 85.000 exemplares. O jornal Der Spiegel registra que, em abril de 2016 foi o best-seller número 1 em obras de não ficção. Trouxe uma discussão acerca da conveniência ou não de publicar essa e outras obras mais, como os já editados: "Os Discursos, escritos e diretrizes de Hitler", "O segundo livro de Hitler" e os diários de Goebbels e de Rosenberg. IFZ teve uma demanda de tradução para 70 idiomas. Fonte: Jornal Página 12. 12 de janeiro de 2017. <https://www.pagina12.com.ar/13714-deconstruyendo-la-biblia-del-mal>. (= desconstruindo a bíblia do mal)

¹¹⁴ Hitler, Adolf. (1924) "Minha luta". Edições. Transandinas. Chile 2002. Este livro, proibido mundialmente desde muitas décadas, começa a ser editado novamente com comentários acadêmicos em vários países da Europa. É interessante a compra do exemplar pois, numa feira de livros, num parque de Buenos Aires, a vendedora insiste em que o leve numa sacola opaca. Entendi a mensagem, pois trata-se de um dos bairros com muita presença judia, ela estava me cuidando de algum ofuscado. Afinal de contas, o parque conta com um baixo-relevo que relembra a epopeia do levantamento do guetto de Varsóvia. Sobre o texto pesa um tabu já desnecessário, nos tempos de investigação da temática do holocausto, que tem uma nutrida produção e pesquisas consistentes. Convém incluir a hipótese de que há outros que a acolhem: Hitler disse ter escrito esse trabalho na prisão de Landsberg, em 1924, o qual é uma boa construção mítica, mas acho improvável sem muita ajuda. De fato o trabalhou com Emil Maurice, seu motorista, depois Rudolf Hess, seu secretário pessoal e Ilse Pröhl, esposa de Hess. A extensão do texto - 513 páginas e os detalhes históricos situados - e a construção lógica do texto, em prosa repetitiva até o cansaço, o teriam requerido. Ver texto completo em

<https://www.radioislam.org/historia/hitler/mkcampf/pdf/spa.pdf>

¹¹⁵ Ver referências bibliográficas acerca do tema.

El-Hai, Jack. (2013) "O nazi e o psiquiatra" Edit. Ariel Buenos Aires 2015.

Feierstein, Daniel. "O genocídio como prática social-Entre o nazismo e a experiência argentina-Fundo de Cultura Econômica. Buenos Aires 2007.

Fuchs, Jack. "Dilemas da memória- A vida depois de Auschwitz. Norma Buenos Aires 2006.

Navarro, Daniel. "Psiquiatria e nazismo". Edic. Madres de Plaza de Mayo. Buenos Aires 2010.

Rafecas, Daniel. "História da solução final" Século XXI. Buenos Aires. 2012.

Semprún, Jorge. (1963) "El largo viaje" ("A longa viagem"). Tusquets. Buenos Aires. 2004

Shirer, William "Rise and fall of the Third Reich Simon and Schuster. New York 1960

Wachsmann, Nikolaus. (2015) "Una historia de los campos de concentración nazis." ("Uma história dos campos de concentração nazis") Edit. Planeta. Buenos Aires, 2016.

podem ligar-se com as diversas propostas 'ideológicas', afinal são sempre racionais, mas com o defeito de sua inconsistência. Pego um par de parágrafos de um texto que inicia como uma autobiografia e justificativa pessoal, mas seu caráter de plano de governo excede o que pode se considerar um livro popular.¹¹⁶ Chama a atenção porque os livros populares que enviam todos os anteriores para a fogueira, são breves, declarativos e definitivos: o livro vermelho de Mao, o livro verde de Gaddafi, se o tivesse conseguido, A razão de minha vida, de Evita Duarte e, de qual cor o de Chávez?

"O ariano sacrificou a pureza do seu sangue, perdendo assim o lugar no Paraíso...até que começou a parecer-se mais com os indígenas submetidos, do que aos seus antepassados." Pág.221

"Na vida parasita que leva o judeu, incrustado no corpo das nações e estados..." Pág. 228

"...até o dia em que uma campanha enorme em pro do esclarecimento das massas populares se exerça...ou até que o estado aniquile tanto o judeu quanto sua obra." Pág.240

Nas palavras está o anúncio do que pode acontecer e, por isso, não são meros 'modos de dizer'.¹¹⁷

O sequestro de livros 'proibidos' (imaginamos perceber uma cara de satisfação, de dever



cumprido ou de alegre passar na fotografia) leva à celebração de sua queima.

Sobre isso ironiza Freud quando escreve:

"Pequeno progresso temos conseguido! Na Idade Média, teriam me queimado. Agora se satisfazem queimando meus livros".

Enganava-se.

Talvez se escolheu uma figura extrema, mas não infrequente. Basta ver o que escreve Gérard Haddad¹¹⁸ sobre a queima de livros, texto que se inicia referindo esta cena. Diz ele que cada religião se funda na "autodestruição de seu livro mais sagrado" (todo o texto se ocupa de demonstrá-lo e tem realizado



¹¹⁶ É o livro sobre a mesa do altar das igrejas nazis criadas por Hitler.

¹¹⁷ Alguns votantes de Bolsonaro (presidente eleito no Brasil, novembro de 2018) sem dúvida intelectuais progressistas justificam que são modos de dizer suas expressões de ameaças bravas.

¹¹⁸ **Gérard Haddad.** (1990) "Los biblioclastas: El mesías y el auto de fe." (Os biblioclastas: O messias e o auto de fé) Ariel. Buenos Aires 1993. Um texto de tal envergadura lucidez cuja leitura recomendei aos meus estudantes de psicologia.

desafios teológicos de peso¹¹⁹). Os movimentos messiânicos desembocam em ditaduras totalitárias e o ódio ao livro se projeta em outro povo tomando a forma de 'racismo'. É interessante seu modo de dizer: "...o racismo abomina do Livro de outro povo, sua cultura, não podendo confessar-se o rancor, o ódio que lhe produz seu próprio Livro".

O leitor se perguntará se é necessário ir até tais dimensões nestes fatos referidos, com os que ninguém se encontra em toda sua crueza. Trata-se de salientar como aparece seu equivalente nas situações mais triviais.¹²⁰

É nas situações mais pequenas, mais cotidianas, que cobram sentido as referências a respeito das "atribuições" de loucura, maldade e perversidade, referidas no capítulo anterior: A lógica da falta de razão, pois as atribuições ao 'outro' são, na prática, a forma de apresentação dos sujeitos numa disputa. É compreensível, pela lógica em jogo e a estratégia negocial de cada um e, decididamente, não são uma imanência do espírito ou do desenfreio de uma pulsão agressiva, que o sujeito não pode limitar. Prefere não fazê-lo, consciente ou inconscientemente. Seguramente ambas.

É por isso que a questão mais difícil está em jogo do lado do mediador. Até que ponto pode estar por fora de suas próprias atribuições? Pré-conceitos, imaginação, temores e projeções, cada um ocupa um lugar na constelação fantasmática de qualquer pessoa e, evidentemente, também do mediador. Com isso pretendo demonstrar, de modo sucinto, que a discussão histórica no campo da mediação e nos fundamentos de sua ética, é a capacidade ideal de neutralidade. Até esse ponto não chegaremos.

As próprias religiões percebem, questionam e até disputam as preferências e inclinações do juiz Supremo e, se podemos questionar os juízes de nossos sistemas judiciais ou os jurados de avaliadores ou de professores¹²¹, se entende que não alcancem as saídas 'nominais'¹²² ou as afirmações de intenção para resolver o problema. A norma anuncia a necessidade de 'ser neutral' e os mediadores poderão repeti-lo até o cansaço no início de uma mediação.

Mas, se bem inclui uma decisão e um posicionamento, é um tema tão árduo que não se deixa de discutir, não só no entorno do campo da resolução de conflitos, como também trata-se de um nó crucial na prática psicanalítica e de enorme preocupação clínica de seu fundador.

Se se fala de algo é porque algo falta. Esta frase pode aparecer plena de obviedade ou de simplicidade. Não é assim. Ferdinand de Saussure¹²³ inaugura o campo da linguística com

¹¹⁹ Fundamento de algo não material, como uma oração ou um escrito. Dicionário da Língua Espanhola. 23a Edição. Real Academia Espanhola. Buenos Aires. 2015

¹²⁰ Tema que tem uma atualidade impressionante, sabemos de um professor que experimenta, no campo do ensino universitário, a recente supressão de um livro de autores vários, incluído ele próprio, de recente edição e de boa qualidade no conjunto. Não queimavam as chamas, mas a fumaça embaçava os olhos.

¹²¹ **Iojanan ben Napaha. (180–279 CE):** "Ai das gerações que têm que julgar os seus juízes." Talmud Babli. Baba Batra 13b.

¹²² Quero dizer: 'empurrar as palavras com o nariz', esperando que os outros 'comam vidro': ou seja, aceitem o inadmissível. Por sorte, há mais inteligência nas pessoas...

¹²³ **de Saussure, Ferdinand:** Curso de linguística Geral Losada, Buenos Aires, 1972

a ideia de que a palavra¹²⁴ apresenta e representa a ausência da coisa enunciada em sua materialidade ‘carnal’. A materialidade que propõe é a materialidade das ‘palavras’. Ou seja, do discurso, ou, como se diz hoje, o ‘relato’. Para dizer de outro modo, de não ter sido pelos desenvolvimentos da linguística, as teorias sociológicas e da educação e as teorias psicológicas no século XX, dificilmente poderíamos ter avançado um passo no campo da resolução contemporânea de conflitos.

Uma das consequências é que, numa mediação nos ocupamos das palavras que enunciam os implicados no conflito e não da ‘materialidade’ dos objetos disputados e enunciados desde o início de uma mediação, nas chamadas ‘posições’ dos disputantes. Ainda mais, isso indica que o mediador não deve ser o experto nas leis que regulam os conflitos, e menos ainda, experto nos temas em si: no que fazer com os ‘objetos’ disputados. Por outra parte, não deve ser terapeuta e, menos ainda, um ‘guru’ de alguma denominada ‘autoajuda¹²⁵’. Como diz Remo Entelman¹²⁶, a maioria dos conflitos são temas que não estão proibidos, portanto, estão fora da legislação. Conflitos que o autor descreve como “permitidos vs. permitidos” entre as pessoas e as organizações. Fica pouco por fora disso e, no entanto, aí se abre um mundo amplo, o da mediação, um novo ofício, profissão ou arte nas sociedades de quase todos os países do mundo.

Deveremos então dar mais um passo.

¹²⁴ Não é pertinente detalhar aqui que F de S fala de signo: relação de signo e significado.

¹²⁵ Estranho termo, pois sempre há alguém que, com sua melhor influência sugestiva, psicopática e/ou hipnótica, quer impor um pensar ‘desde a pena, a espada e a palavra’ para convencer ao seu público. Mais do que autoajuda, é ‘super.’ ajuda. Ajuda que culpabiliza. Ajuda superegóica pode se dizer. Manipulação. Ver-se-a mais à frente.

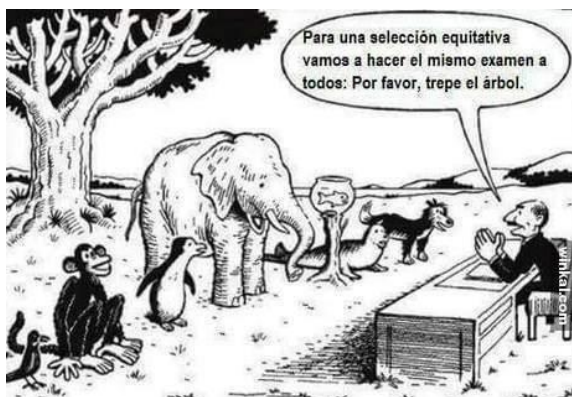
¹²⁶ **Entelman, Remo:** “Teoria de conflitos”. Gedisa Barcelona, 2002. Faz já 10 anos que faleceu. Professor de Filosofia do Direito na Faculdade de Direito da UBA e professor do Mestrado em Mediação e Negociação de IUKB, onde sua ausência foi muito sentida.

11. Nem monstros nem feras: Gente comum

“Uma vida indigna de ser vivida”¹²⁷

O movimento realizado nos três capítulos anteriores desemboca numa pergunta: As três atribuições referidas, loucura, maldade e perversão, ao caírem no seu peso argumentativo, não implicam, acaso, responsabilidade nos atos? Seguramente seja o momento de abaixar estas ideias à terra. Permitir-me-ei referir duas histórias de uma viagem realizada a uma Província, anos atrás, para dar um curso num Mestrado.

A primeira. Havia inquietude entre os estudantes, gente séria, profissionais... É certo que deviam fazer esforços de estudo e econômicos para alcançar seu grau, seu ‘upgrade’ acadêmico. Conformariam, assim, a primeira camada de Magisters na matéria. O que lhes preocupava? Que um grupo de psicólogos, os que tinham sido seus professores, que haviam iniciado a psicologia na província, tinham um privilégio nesse mestrado: alguns assuntos se lhes davam por aprovados. O motivo era razoável e enunciado abertamente. Eram os ‘seniors’. O mesmo acontece na Universidade de Buenos Aires, onde um professor pode apresentar sua tese diretamente desde que trate do tema que veio desenvolvendo e pelo qual tem concursado. Faz sentido, foram provados nos concursos acadêmicos, formaram gerações de profissionais, publicaram trabalhos e são temas que



dominam. No entanto, os jovens queriam igualdade: que fizessem o curso também como eles. É uma ‘posição’ que se apoia na falta de reconhecimento do outro e na falta de gratidão.

Ainda mais, no anseio por igualar¹²⁸, reduz-se aquilo que bem pode ser chamado de sucessão geracional, modo de dizer que há redução da operatividade dos fundamentos simbólicos da cultura e da

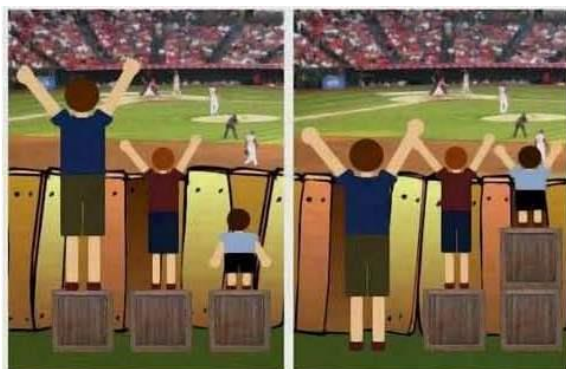
sociedade: pais filhos, todos na mesma escala, então a proibição de ‘matar o pai’ e a proibição do ‘incesto’ não operam. Foi excessivamente complexo tratar o tema, mas indispensável faze-lo para poder ensinar algo de mediação e de psicopatologia. Do que

¹²⁷ *Die Freigabe der Vernichtung Lebensunwerten Lebens (Liberdade para a aniquilação da vida indigna da vida)*, médico psiquiatra [Alfred Hoche](#) e o jurista [Karl Binding](#).1920

¹²⁸ A luta pela igualdade é difícil. Habemos quem preferimos utilizar a palavra equidade (salvem essa palavra no humor gráfico mais adiante). Outro exemplo claro para o tema.

estaríamos falando se não? Como dizemos na Argentina, de 'bois perdidos'.¹²⁹ A palavra como som de fundo, enquanto se fazem anotações e a lembrar para a prova, mas não depois.

Mostro-lhes o seguinte 'cartoon'. As crianças mediadoras o apreciam.



Gente comum, boa gente que defende o que é seu, um privilégio, um esforço, contra quem for. Cobra corpo uma administração de patentes e privilégios e já duvida-se se o estudo é para avançar em conhecimentos e competências para aportar à comunidade seu saber e seu saber fazer. Geralmente acontecem ambas.

A segunda situação ia na mesma direção e é na mesma ocasião. Noite de insônia, às 4 da manhã, há uma entrevista a uma conhecida personagem na Argentina, por suas fecundas intervenções - enquanto cumpre uma longa condena - sobre o maltrato carcerário e sua política de quebrantamento das subjetividades. Foi fundamental sua intervenção para gerar uma mudança e, talvez, uma primavera na vida nas prisões.

No entanto, essa noite, entrevistam ele devido a que o ditador Rafael Videla tinha sido finalmente condenado por crimes de lesa-humanidade e, em consequência, era preso esse dia.¹³⁰ O entrevistado enuncia: "Que apodreça na cadeia!" Estranha afirmação de um líder dos condenados da Terra. Ele mesmo teve o mérito de implementar um centro universitário para desenvolver cursos da Universidade de Buenos Aires e capacitou em computação até os próprios guardas do presídio.

Os próprios não devem apodrecer, mas os alheios, sim. Essa contradição gera mais insônia: é intolerável pois quebra tanto o mais elementar como o mais profundo sentido da Justiça.

Numa entrevista jornalística, diz Graciela Fernandez Meijide¹³¹que:

¹²⁹ Os bois, incapazes de procriar, ou seja, não acrescentam nada, só empurram. Falar de coisas insignificantes e desconexas. Divagar. Dicionário da fala dos argentinos. Op. cit.

¹³⁰ Falece Jorge Rafael Videla em 2013 com a idade de 87 anos, de morte natural, no presídio de Marcos Paz. Nunca deixou de justificar sua política de terrorismo de Estado.

¹³¹ **Fernandez Meijide, Graciela.** Entrevista jornalística. 24 de marzo de 2016. La Nación. Buenos Aires. Participou da Assembléia Permanente pelos direitos humanos e na CONADEP. Coautora de "Nunca más" ("Nunca mais"). Deputada, Ministra de Desenvolvimento Social.

“Acredito na justiça e nos direitos humanos se posso pedir o mesmo nível de justiça para meu filho (desaparecido durante a ditadura militar) que para meu pior inimigo.”

“Como qualquer preso, um repressor, um criminal de lesa-humanidade, que é do mais grave que há, não deixa de ser um ser humano”.

Essa notável dimensão de ambiguidade, Fernandez Mejjide a esclarece com sabedoria, não nos é em absoluto alheia e permite entender por que não só nos parecemos, em nossa diversidade, mas que, também não há diferença entre os que nos consultam para uma mediação e nós, os mediadores, quanto à condição humana. A diferença está na função, guiada por dois elementos: ‘terceiridade’ e ‘escuta ativa’.

É desde aí que podem se desenvolver instrumentos e competências. Em outras palavras, o mediador não é requerido de padecer alguma ‘normalidade’ em particular que o destaque, bem como também as partes não padecem de ‘anormalidade’, inclusive quando se atacam sem piedade. Aliás, repito, isso não os desimplica de sua responsabilidade.

Esse tema é de grande importância, foi debatido amplamente e é o fundamento conceitual da neutralidade, bem como da denominada escuta ‘ativa’. É evidente que não se trata de cumprir o mandato “Seja neutral, é uma ordem!”, pois isso é impossível, pelo já referido, mas também requer de algo mais que o formal, pura investidura e representação de rol. Justamente por sermos como os que nos consultam, sabemos da falibilidade de nossas convicções e do erro de influenciar ou suggestionar as partes. Coisa que, como todos, bem sabemos fazer. O outro não é nem demônio nem satânico, nem maligno nem louco, já o dizemos, mas nós também não.

Isso é desenvolvido magistralmente por Tzvetan Todorov¹³² ao analisar a experiência concentracionária. No capítulo “Nem monstros nem feras - gente comum” considera que não há nada particular na personalidade desses personagens como para considera-los patológicos.

Inclusivo seu chefe, o funesto Heinrich Himmler, deixava fora os considerados perversos ou sádicos. Os relatos dos prisioneiros consideravam que havia apenas um 5 ou 10% que entrariam nessa categoria, supostamente psicopatológica. Seyss-Inmquart (ex governador de Áustria e depois de Holanda na época nazi), considerava que “existe um limite do que as pessoas podem matar por ódio ou pelo prazer do massacre...mas que não há limite para a quantidade que pode-se matar de maneira fria e sistemática, em nome de um imperativo categórico militar”.¹³³

Fernandez Mejjide, Graciela. “Eram humanos, não heróis” Editora Sudamericana. Buenos Aires. 2013. <http://descargar-libros-gratis.com/libro-gratis-eran-humanos-no-heroes.htm>

Fernandez Mejjide G. Leis, Hector: “El diálogo” (“O Diálogo”). Editora Sudamericana. Buenos Aires, 2015.

¹³² **Todorov, Tzvetan.** (1991) “Frente al límite” (“Frente ao limite”). Siglo XXI. México. 1993. Uma brilhante análise da psicologia do campo de concentração, original e potente. Documentado de maneira séria.

¹³³ Todorov toma a citação de Gilbert, G.M. “The psychology of dictatorship” The Ronald Press, New York, 1950.

Pelo qual se coloca o tema de por que alguém poderia ter condutas tão violentas. Os textos de ex internados vão na mesma linha.

Primo Levi¹³⁴ diz que “os monstros existem, mas são demasiado pouco numerosos para ser verdadeiramente perigosos; os que são realmente perigosos são os homens comuns”. Considera Todorov que os fanáticos nazis eram tão poucos como os sádicos, o que predominava eram os conformistas, que serviam a não importa qual poder, mais interessados no seu bem-estar pessoal do que nos valores ou ideias.

Na mesma direção vai Hanna Arendt.¹³⁵ Dirá que eram mediócrs, ordinários, comuns e que o que incomodava, referindo-se a Eichman¹³⁶ é que “tinha muitos que...não eram nem perversos nem sádicos, mas que eram...terrivelmente normais”.

Isto evidentemente altera a psicopatologia ‘de bolso’, tão frequentemente enunciada pelas partes numa mediação e também constitui um interrogante para o mediador. Todorov continua, dizendo que o estado totalitário consegue que as pessoas executem as tarefas mais infames sem tocar “a estrutura moral do indivíduo, pelo que continuam distinguindo o bem do mal”, ou seja, que estão dotados de uma ‘moral nova’, acreditando que são “donos de sua consciência e fieis a si mesmos em sua vida íntima”. Levi dirá em 1989¹³⁷ que “Eles estão feitos do mesmo tecido que nós, são seres humanos da média, medianamente inteligentes, de uma mesquinharia mediana, fora exceções, não eram monstros, tinham o nosso mesmo semblante”. Poderão ver que, em experiências muito diversas e desde diverso ponto de mira, encontramos uma constante repetição. Solzhenitsyn¹³⁸ dizia ter descoberto que

“A linha de partição entre o bem e o mal não espera nem os estados, nem as classes, nem os partidos, senão que atravessa o coração de cada homem e de toda a humanidade”.

Conclui Todorov que os homens não são nem bons nem maus, mas talvez ambas coisas. Fernando Ulloa poderá acompanhá-lo bem quando cunha a ideia da ‘disposição universal à crueldade’.¹³⁹

O autor escolhe este percurso para arribar e compartilhar a conclusão de Todorov, no entanto poder-se-ia realizar um percurso pelo pensamento de Sigmund Freud para abordar a configuração da pulsão de morte e a pulsão de vida, para entender a neurose e, em consequência, como se constrói a moral do sujeito.

¹³⁴ Levi, Primo. (1958) “Se isto é um homem” em “Trilogia de Auschwitz” Oceano. Barcelona. 2011.

¹³⁵ Arendt, Hanna. “Responsabilidade e juízo. Paidós Barcelona 2007.

¹³⁶ Otto Adolf Eichmann (Solingen, 1906-Ramla,Israel 1962) foi um tenente coronel das SS nazis. Foi o responsável direto da solução final, principalmente na Polônia, e do transporte de deportados aos campos de concentração alemães durante a segunda guerra mundial. Executado após o julgamento em Jerusalém, que cubriu Hanna Arendt como periodista.

¹³⁷ Levi, Primo. “Les naufragés et les reescapés” Gallimard, Paris. Citado por Todorov. ver cita 68

¹³⁸ Solzhenitsyn, Akexsandr. “L’archipel du Goulag” t. II Seuil. Paris.1974 Citado por Todorov.

¹³⁹ Ulloa, Fernando: Salud eleMental Con toda la mar detrás! (Saúde eleMental Com toda a mar atrás!) . Zorzal. Buenos Aires2012. Interessa consultar o termo ‘mortificação institucional’ que desenvolve, sobretudo no seu livro anterior: **Ulloa, Fernando** “Novela Clínica Psicanalítica. Editora Paidós. Buenos aires. 1995. ver link <http://www.quedelibros.com/libro/6781/Novela-Clinica-Psicoanalitica.html>

Como na clínica psicanalítica, pelo menos da que o autor abrevia, deve-se entender que o paciente¹⁴⁰ chega com as melhores defesas que tem para fazer sua vida frente ao ‘conflito intrapessoal’ tanto como ao ‘conflito interpessoal’. Faz o melhor que pode, o que entende lhe convir mais, o que precisa fazer e pensar. Não faz sentido assinalar lhe um erro de pensamento, incoerência na ação distorção na percepção das intenções do outro, nem errônea interpretação da realidade. Primeiramente, pois isso acontece a todos e, em segundo lugar, pois a compulsão repetitiva¹⁴¹ leva a fazer sempre o mesmo, embora às vezes se queixe disso e, em geral, não consegue evitá-lo. O mediador não deve interferir nisso, pois não foi convidado para tal fim. Nem para indicar o que deve ser pensado ou feito. Quando esse imperativo brota na “cabecinha louca” do mediador, entusiasta ou temeroso, deve saber também que isso, com certeza, não é o que convêm aos consultantes. Provavelmente também não a si mesmo.

¹⁴⁰ O uso comum do termo se impõe, é verdade. Mas já não me convence. Prefiro consultante. Reduz a pregnância do ‘upper dog e o ‘under dog’, como se dizia nos anos setentas, em Manhattan, à relação analítica: ‘O cachorro de cima e o cachorro de baixo’. Afinal de contas, ambos, analista e consultante, necessitamos dessa conversação.

11 Rancor, meu velho rancor

“...Não repitas nunca, o que vou te dizer
rancor tenho medo que seja amor”¹⁴²
143

Luis César Amadori

Este é o relato de um advogado em roda de advogados e um psicólogo, o autor, num curso inicial de formação de mediadores. O advogado escuta que seu cliente reclama que ‘destrua’ sua mulher, sua ex-esposa: “Quero que ele fique sem nada”. O advogado se preocupa e lhe diz algo assim: “Essas coisas eu não faço. Vou jogar do seu lado e obterá o que possamos conseguir dentro do que corresponda.” Conta que cada vez que os clientes vêm com isso, se inquieta. “Por quem estão nos tomando?”. Essa projeção brutal sobre o advogado diz, obviamente, acerca de quem o insinua. Por isso o advogado se pergunta “Quero um cliente assim?” O cliente almeja uma ‘ave de carniça’¹⁴⁴ que despedace as vísceras de sua inimiga/o. Às vezes chama-se de ‘corvos’ aos advogados. Veja-se a vacilação: quem é o inimigo? Entende-se que reclama o homem por uma ferida. Uma mulher que o maltratou ou o deixou por outro, não o amou como desejava ou, simplesmente, o deixou. O ódio pela decepção narcisista, há outro ou outra coisa desejada. O ódio pela frustração de seus projetos. ‘O que tem o/a outro/a que a mim me falta’: ponto de partida e suporte da inveja. Vá saber. Essa pergunta é representada com lucidez pela prolífica humorista/filósofa da feminidade Maitena.



Finalmente obtém algo muito favorável para o seu cliente e pouco favorável para a ex-mulher. Na semana seguinte vem o seu cliente e reclama não estar satisfeito, que corresponde mais à mulher e quer saber como fazer para reparar isso. O mais interessante é que, nessa dança de roda, cada um assente e dizem que tiveram casos assim e que esse tem sido um motivo para dedicar-se à mediação: o valor do conceito de justiça. Além disso, compreendem que há uma dimensão do humano e da convivência que deve poder melhorar e, inclusive, resolver-se com a mediação e não piorar, como costuma acontecer na confrontação num julgamento. Nesse sentido, há uma nova geração de advogados e de juízes com ideias renovadas.

¹⁴² Resulta útil ler a letra de Luis César Amadori. 1932: Una versión de Julio Sosa, el Varón del tango (Uma versão de Júlio Sosa, o Homem do Tango): <https://www.youtube.com/watch?v=8Gvt2Brfrd4>. Texto: <http://www.gratislibros.com.ar/letrasdetangos/Letra-de-Rencor-Letras-de-Tangos.htm>

¹⁴³ García Márquez em “100 anos de Solidão”, o amplia fazendo falar a um de seus personagens: “Elaborou o plano com tanto ódio que a estremeceu a ideia de que o teria feito do mesmo modo si tivesse sido com amor, mas não se deixou aturdir pela confusão”

¹⁴⁴ Ave que come carne podre.

Como pode-se ver, essa experiência é da ordem do que vínhamos tratando. Mas há vezes em que estão em jogo, também, capitais e ações significativas, centenas de empregados e produtos requeridos pela população, sacudidos pela turbulência do tufão dos conflitos da família proprietária e atuante na empresa.

Vejamos o caso levado a uma mediação pelos advogados dos protagonistas – agonistas¹⁴⁵, poder-se-ia dizer.

Uma importante empresa farmacêutica, na qual todas as ações pertencem à família que herda, após a morte do fundador, quatro anos antes. Tramitaram-se processos judiciais infinitos, incluindo penais por associação ilícita e demandas por não responder às condições farmacêuticas requeridas pelo Estado, o que coloca realmente em perigo de morte a empresa.

Como esquecer gente tão maliciosa. Viúva e dois filhos tentam combinações variadas que sempre excluíam radicalmente o terceiro. Dada a situação hereditária, ninguém tinha maioria própria, mas em qualquer caso, dois dos três, impunham-se. Com certeza o pai não pôde ou não quis pensar a herança e resolver com cuidado o que viria, talvez abstraído em ‘depois de mim, o dilúvio’.¹⁴⁶

Uma mulher que nunca entrou na empresa, acreditava saber o que convinha fazer, bem como cada um dos filhos, que sim tinham trabalhado com o pai. Por que tanta irritação e tão pouco critério de ubiquidade? Longe estavam de pensar, cada um, como viveriam no futuro, pois os bens eram imensos, incluindo campos, casa de verão, etc. Pouco era muito.

Foram seus advogados que pensaram numa consulta de mediação extrajudicial,¹⁴⁷ pois, por outro lado, já tinham preenchido todas as casas possíveis nos tribunais. Com justa razão eles estavam sofrendo também: condições cambiantes a cada passo, impossibilidade de arribar a algum lado e poder tirar o tema da cabeça e, decididamente, obter a satisfação de concluir e que seus clientes estejam razoavelmente satisfeitos. Mas, por que tanto ódio e tanto penar?

Como já referimos acima, a dimensão enlaçada ao amoroso tem realizações suficientes mas nunca completas: o desejo está sempre despontando e nos leva sempre para frente. Mas, e o ódio? Não se satisfaz com nada, nem a destruição do outro nem a própria, segue sempre para atrás e insiste, caminho inverso do vital, criativo, amoroso, construtivo.

Pode-se conjecturar, falei muito com eles, que um luto patológico habita em cada um do grupo. Nessa altura da cultura psicanalítica em nosso país, tanto humor gráfico, tantos que fazem análise, tantas cenas na televisão e notas jornalísticas, direi algo que, embora o leitor não seja ‘experto no tema’ - modo de dizer da fragmentação do saber e sua vil possessão - bem pode deduzir.

¹⁴⁵ **Agonista:** Cada um dos personagens que se confrontam na trama de um texto literário. Dicionário RAE. <http://dle.rae.es/?id=16UQFj3>

¹⁴⁶ É interessante a esse respeito o texto de **Glikin, Leonardo:** “Pensar la herencia” (“Pensar a herança”). Emecé Editora. Buenos Aires, 1995.

¹⁴⁷ Dacordo com a lei de mediação nacional, que somente concerne à Cidade Autônoma de Buenos Aires, os mediadores devem ser advogados para as mediações denominadas obrigatórias e pré-processuais. Uma conquista corporativa.

Cada um quer ocupar o lugar do pai falecido, tomar o lugar dele e, assim, castigar aos outros. De fato, cabe supor que o pai, seguramente iniciou essas ações de desqualificação e exclusão, de modo que os sobreviventes não fazem mais do que identificar-se com ele.

Uma identificação aos traços, características discursivas, imitação - em todos os casos não consciente - botar as roupas dos pais, como brincam as crianças¹⁴⁸ e apropriar-se do outro e retê-lo qual estátua vivente congelada no próprio corpo e no frio de uma herança que não se realiza. Isso explica também a rigidez dos argumentos e dos posicionamentos nas negociações.

Mais ainda, um pai que teria padecido a concorrência dos filhos no ofício e na estrutura familiar, filhos que entendem que a única maneira de sobreviver é tirando o pai, esperando esperançosos a hora em que já não estiver. Ou seja, destruindo sua obra, seu rasto, sua memória. E com ela vai a deles..., mas, são conjeturas, não o esqueça o leitor.

Vamos por outro lado, que não é excludente: um sucessor, qualquer que seja, decide, ao seu modo que 'se não o tenho como eu quero' - ou seja, esse todo imaginado - 'pois então, que ninguém o tenha'. A divisão psíquica permite alojar as variações mais contraditórias que convivem num sintoma, num sonho, num pensamento ou na ação, sem 'tocar-se', até que um acontecimento as faz irromper e acontecem eventos horríveis e indesejáveis nas vidas das pessoas.

Outra coisa é um processo normal de luto¹⁴⁹, no qual deixa-se partir em paz o falecido e um processo de identificação simbólica, que já vem de antes, se continua em assumir o rol e a função esperada, desdobram-se o talento e as competências próprias, na configuração de um estilo próprio; e se faz obra, se cria e se potencia o que se recebe.

Vale considerar a diferença entre receber uma herança e fazê-la própria. O processo de inventário inclui sempre dois passos, primeiro é o 'título' à herança, mas depois a 'possessão' ou 'ação possessória' da mesma¹⁵⁰. Se bem isto pode parecer somente um modo de fazer as coisas, entendo que tem um profundo embasamento conceitual, que possivelmente a tradição tenha assentado, mas ficou por fora das explicações, nesse caso, do Manual de Sucessões consultado¹⁵¹, ainda que insinuado nas ideias em jogo.

Dirá-o Goethe no "Fausto"¹⁵² e é citado por S. Freud em "Tótem e Tabú" (1912/1913)

¹⁴⁸ Faz lembrar um pequeno e azarento político, filho de um grande, que veste e fala como o pai. Copia-lhe até o bigode!

¹⁴⁹ **Urcola, Cecilia.** "El trabajo del dolor" ("O trabalho da dor") em Tausk, Juan e Duer, Eduardo compiladores: "La Palabra por venir" ("A palavra por vir") JCE Edições. Buenos Aires, 2016. Um trabalho breve e requintado.

¹⁵⁰ **Código Civil y Comercial de la Nación.** Ver: <http://www.codigocivilonline.com.ar/>

¹⁵¹ **Borda, Guillermo** "Manual de Sucesiones" Editora Perrot. Buenos Aires, 1994, e Código Cível e Comercial da Nação. Ver: <http://www.codigocivilonline.com.ar/> A claridade de um manual de direito é preciosa, isso vai para quem vem dos escuros ou escurecidos textos da psicanálise. Dado que o advogado se vê, com frequência com todos os truques, destratos e brutas lutas nas heranças, bem lhe viria poder entender os fundamentos conceituais, os motivos ou a sabedoria por trás de algumas leis, sem necessidade de remetê-los à vergonhosa frase: 'bom, não sou psicólogo'. Pode pensar, vamos.

¹⁵² **Goethe, Johann Wolfgang von** (1832) "Fausto" parte I Escena I. Ver https://www.amazon.es/Fausto-Johann-Wolfgang-von-Goethe-book/dp/B011R511R2/ref=sr_1_1?s=books&ie=UTF8&qid=1484264108&sr=1-1&keywords=Goethe+Fausto

“O que dos teus pais tens herdado, adquire-o para possuí-lo.”

Dois passos fundamentais que, num sentido mais vasto, ‘herda-se’ sempre tanto mais e durante a vida toda, além do bem ou do ‘dindim’. Há que fazê-lo próprio.

Se não puder fazê-lo, teremos duas possibilidades. Uma é excluir os outros, tirando-os do caminho, ‘eliminando-os’ e apropriar-se de todo. Essa é a forma certa de que esse ‘todo’ termine mal. Que retorne por via do corpo em todo tipo de padecimentos psicossomáticos, dos quais os médicos, assim queixam-se alguns, lhes dizem: ‘não tem nada’. Mas essa nada que dói, o isolamento e a solidão, os acessos de surtos psicóticos ou episódios melancólicos^{153 154}e, às vezes, franco deterioro das relações familiares e pessoais. Um sujeito quebrado, mas com um ‘todo’ que o excede, e que poderia não poder sustentar. Ou seja, nada.

A outra alternativa é aquela na qual o sujeito cisma em destruir os bens, o ‘objeto da disputa’, o compartilhado, ansiando o pior para o outro, sabendo que é o pior para si. É o pior? Quem decide essa opção? Talvez seja o melhor desde uma posição que denominamos, na cultura portenha de ‘melancólica’: o sabemos, se destrói, vai ao pior, ao que lhe faz perder mais, com a convicção de que é o melhor, que assim ganha. Destrói o oponente, começando por si mesmo, como se fosse outro, como se fosse o inimigo¹⁵⁵. É porque todas essas coisas nos habitam, em alguma medida, que sabemos disso, desde que saibamos reconhecê-las e admitir essas ‘debilidades’ que, junto com as ‘fortalezas’, fazem ao nosso estar no mundo. Isso não se resolve com psicofármacos nem livros de autoajuda, nem promessas de felicidade que, em seu absurdo só apanham algo da dor e da angústia.

Os trabalhos a realizar são outros.

A mediação não pretende mudar nada de ninguém, pretende, sim, aportar para a convivência pacífica, a colaboração, as redes sociais e a possibilidade que não vá todo pelo ar. Em termos gerais, saber que há lei, que tenho direitos, que não deve passar qualquer coisa sem consequências. Saber que há um governo constitucional, que há legisladores eleitos e um sistema de justiça que ampara, sem acrescentar segurança, saúde e educação. Não é a questão quão imperfeitos foram ou fossem, importa saber que os há. Isso bem se denomina democracia. **Com em efeito**, a mediação contribui para ela e para a convivência pacífica. Mas não é sua expectativa criar uma sociedade ideal, ou seja, pura felicidade e amor. Não poucos textos fascinam-se com a potência da mediação e imaginam uma nova utopia. Não é mais do que um desenho que existe somente sobre o tabuleiro. A mediação não pode anelar isso nem os mediadores sonhar com pessoas

¹⁵³ No jogo contemporâneo das modas ‘prêt a porter’, a mediocridade diagnóstica celebra o encontro de termos que todo podem e concluem no psicofármaco ‘apropriado’. Antes ‘surmenage’, depois ‘ataque de pânico’, agora ‘bipolaridade’. Qual virá depois?

¹⁵⁴ **Braunstein, Néstor:** “Clasificar en Psiquiatría” (“Classificar em Psiquiatria”) Siglo XXI Editora. Buenos Aires, 2013. O tema é fascinante e não pode-se ampliar aqui. Mas esse texto é do mais lúcido e profundo no assunto. De leitura acessível.

¹⁵⁵ **Freud, Sigmund:** (1916) “Los que fracasan al triunfar” (“Os que fracassam ao triunfar”) em “Alguns tipos de caráter dilucidados pelo trabalho psicanalítico”. Em Obras Completas vol. XIV. Amorrortu Editora. Buenos Aires, 1996. Um texto de leitura muito amigável e claro.

não conflitantes. Basta ver as organizações que criam: parecem tanto com todas as outras, obviamente. Uma anedota de outro terreno o ilustra. Anos atrás um taxista me deixa na porta da Faculdade de Psicologia e afirma com ingenuidade: “Mas aqui estão todos loucos!” Respondo-lhe: “Sim, tem razão, mas o problema é que não o sabemos.” Por isso também não é esperável que os mediadores sejam virtuosos do pacifismo ou que sua missão seja um ‘apostolado’. Ser predador é outra coisa, outro ofício, inclusive, outro negócio.

A mediação, decididamente, não é ‘peace, love and rock ‘n roll’. Isso já passou, em Woodstock. A mediação não pode incitar, estimular, injetar, ensinar ou impor o afeto ou o amor cidadão.

Acredito que sim pode contribuir para reduzir as dimensões do ódio, a raiva, a fúria, o aborrecimento, a ofensa, a ferida e, em termos gerais, a descarga massiva sobre o outro ou sobre o entorno ou sobre o próprio corpo. Pode ajudar a transformar o ódio¹⁵⁶ para que uma pessoa possa deixar de só escutar a si mesmo e de fazer ouvir a ladainha repetida, pobre e corrupta do enunciado de sua ferida narcisista e a imprecação ao outro pelo mal que lhe causa. Esse passo deve poder permitir-lhe começar outra vez. Pensar no que lhe acontece, que quer, etc. Ou seja, pensar. E, além disso, começar a escutar. Acaso não viram essas gentes que não só não escutam mas que invadem o contexto com palavras que não têm destinatários nem caminhos a percorrer, mas impedem que alguma outra palavra circule?

Muito semelhante a alguns programas jornalísticos que gozam com o maltrato exponencial e inclusive ao que acontece em algumas de nossas próprias conversações. Não é fácil conviver. Também não é impossível. Por isso podem-se considerar as posições, no seu aspecto de entrincheiramento em relação a uma dominância do ódio, pelo qual, ao outro ameaçador se o faz cair da escala de interlocutor humano, para passar, no melhor dos casos, a uma escala zoológica bem diversa. Bicho, cachorra, mosquito, marmota, cobra, urubu, corvo, veado, camaleão, etc. Até inclusive do reino vegetal ou mineral (pau, entulho, tronco, cano, nabo, salsinha, acrescente o que quiser). Os outros reinos humanizam-se e o humano bestializa-se¹⁵⁷. Coisa estranha.

Por isso, o trabalho inicial é, certamente, o mais prolongado. A negociação propriamente dita é sempre breve, técnica, colaborativa, si chega. Primeira parte onde as competências do mediador se extremam, é o mais difícil e talvez me permita dizer que os fracassos nas mediações, em boa medida devem-se aos próprios mediadores. Não é fácil passar da



¹⁵⁶ Permita-se a licença de simplificar e usar o par amor / ódio, embora geralmente ódio é um termo com o qual quase todos sentem-se incômodos e, supostamente 'isso é algo que não lhes acontece'.

¹⁵⁷ Essa é uma metáfora. Depois vêm da sociedade de proteção aos animais para queixar-se pela injusta comparação.

ideia única da posição para a ampliação geométrica de opções interessantes. É a passagem para a possibilidade de simbolizar, ou seja, pensar e desenvolver equivalências simbólicas, que permite substituir uma coisa por outra ou outras, mantendo o valor

Disto trata-se o negociar. Para que alguém passe da 'posição' ao 'interesse', acertada ideia da escola de Harvard, alguma coisa deve acontecer no sujeito, em ambos sujeitos da disputa. Não se tratando de sujeitos idênticos, com as mesmas histórias e desejos, seus tempos de elaboração e suas possibilidades devem ser tão diversas, que o encontro de das duas pontas da ponte pode não se dar.¹⁵⁸ Trata-se de apresentar a ideia do 'mal-entendido' estrutural: não só não vamos entender suficientemente o outro, mas também não entendemo-nos totalmente a nós mesmos.

Qualquer discurso ou 'narrativa' estará sempre sujeito à interpretação, seja ela consciente ou inconsciente: na verdade, ambas ao mesmo tempo. É ruim isso? Em absoluto, é a condição fundamental da fala: gerar significações novas nas funções metafórica e metonímica da linguagem¹⁵⁹. É o que levou a Jacques Lacan a afirmar, para escândalo dos leitores de jornais matutinos em Nápoles, que 'a relação sexual não existe' Essa provocação era um jogo de palavras cujos efeitos ainda perduram. Estava dizendo exatamente o que vimos afirmando, que não há encontro absoluto ('relação' é usado, como na teoria de conjuntos, como uma 'função') de um com outro, modo de dizer, também, que não há objeto que assegure a felicidade.

¹⁵⁸ Aqui já vamos à metáfora da eleição, construir pontes que já vêm de antanho. Às vezes se 'armam camas de gato', ou seja, se faz cair na cilada.

¹⁵⁹ Que uma palavra substitua outra (metáfora) 'a luz de teus olhos' e que uma palavra adquira valor por sua relação com o contexto (metonímia), 'És um idiota, disse meu chefe a García", então o efeito de significação circula. Geralmente operam ambos. A poesia é considerada com dominância metafórica e o romance e a prosa, com dominância metonímica.

12. “Auto ajude-se, é uma ordem”¹⁶⁰

**“A necessidade moderna não é a ignorância mas o não-pensamento das ideias preconcebidas”
Milan Kundera, A arte da Novela.**

A pessoa constrói-se no entorno aninhado com o outro. Desde a função materna inicial até a necessidade de compartilhar grupos e construir mundos sempre mais adiante e mais além. O denominado ‘investimento libidinal’ é a força amorosa que se recebe ou que se dá, que permite amar, cuidar, criar. Não há possibilidade de um narcisismo envolvente, autossuficiente, pois se aproxima mais a uma dimensão mortífera: a esfera compacta, a autossuficiência, a expulsão do outro.

O que investimos de paixão e de trabalho em construir nossos mundos é uma tarefa da vida toda. Quando isso se detém, temos um efeito traumatizante, pois o fracasso ou a frustração doem e geram a impossibilidade de seguir investindo, investindo-se, expondo-se.

Por isso, a pesar de ter-se tornado de uso cotidiano, a separação entre conflito externo interpessoal e conflito interno ou intrapessoal, é uma divisão que é esquemática e, sem dúvida, gera confusão. No meu entender, é prática mas errônea. Tem o risco de jogar a conflitiva ‘intrapessoal’ no campo das psicoterapias e a interpessoal no campo da vida de relação. Exceto que se façam duas em uma. Mas a mediação não é psicoterapia, embora tenha efeitos na subjetividade e, obviamente, não administra a vida de relação. Além do que, essa divisão está longe de satisfazer as concepções educacionais, sociológicas e psicológicas desenvolvidas no século XX para compreender o sujeito humano e a sociedade.

Sempre entendeu-se que a primeira parte de uma mediação é para gerar um espaço de interlocução, de geração de confiança e para criar uma dimensão donde prime a palavra que permita explorar o que se quer de e com o outro. Explorar seus interesses ao mesmo tempo que explora os do outro. Contemporaneamente são vários os autores que consideram que, neste primeiro passo, o trabalho é de “negociação com nós mesmos”¹⁶¹

“Viver é negociar com nós mesmos e com os outros uma e outra vez, em um ir e vir inevitável e inacabável...” e “...a negociação comigo mesmo para decidir e com os outros para conviver.”

ou William Ury¹⁶² (não são os únicos) utilizam o plural.

“...o que faltava era a primeira e mais importante negociação...a negociação com nós mesmos. Alcançar o sim consigo mesmo prepara o caminho para alcançá-lo com os outros.” “...o maior obstáculo somos nós mesmos.”

¹⁶⁰ Rudaeff, Marcelo (Rudy) e Varela, Santiago: “Auto ajude-se, é uma ordem” Edições da flor. Buenos Aires, 1992. Primeiro livro de humor sobre auto ajuda.

¹⁶¹ Fernandez Longo, Enrique: La negociación inevitable-Contigo-Contigo” – CNL. Beccar 2004.

¹⁶² Ury, William. “Obtenga el sí consigo mismo” Conecta. Buenos Aires 2015

Desde um ponto de vista psicanalítico, isso resulta muito interessante, pois dá conta da divisão do sujeito, que está presente no par posição/interesse, e de imensas consequências conceituais e práticas. No entanto, essa pequena e indeterminada multidão de ‘nós mesmos’, de onde sai? De que domínio conceitual, se de algum, saem esses ‘tipejos’¹⁶³ metidos dentro de nós? Um sujeito que parece com o imaginário infantil, o meu, quando pensava que os músicos pequeninos entravam no rádio a tocar- ainda não tinha televisão.¹⁶⁴

Isso leva de imediato a considerar que o intitulado ‘interesses’, uma espécie de ‘Aleph’ borgeano (referência ao texto de Jorge Luis



Borges), que inclui emoções, imagem pública, imagem de si, inveja, fúria, desprezo, altruísmo, angústia, desesperação, aspirações, ambições, conflitos, generosidade, afeto e toda a gama de emoções e padecimentos possíveis, aparece mais ligado à parte invisível, subaquática do ‘iceberg’ paradigmático, do que a sua parte visível. Ambos, posições e interesses, sugiro utilizá-los sempre em plural, estão totalmente estruturados, indicando assim uma personalidade dividida, contraditória e inacabada.

Gosto de como o diz Santiago Kovadloff¹⁶⁵

“... a permeabilidade vital do sujeito na compreensão de si mesmo como um ser estruturalmente inacabado, impedido de constituir-se em uma realidade inequívoca e alcançada. Essa falta primordial¹⁶⁶ é a condição fundante de sua identidade...”

Considerando essas ideias, a ‘negociação com nós mesmos’ supõe toda uma conversação interior que encontra seu limite quando a mecânica expulsiva, torna o ‘outro’ uma ameaça à supervivência, no plano em que se queira situá-lo.

Detemo-nos neste ponto, para depois retomar.

Isso tem um nome, que Salvador Dalí reivindica como ‘método paranoico crítico’,

“Toda minha arte consiste em concretizar, com a mais implacável precisão, as imagens do irracional que arranco de minha paranoia.” “...o delírio paranoico é a mesma essência surrealista e se basta com sua força.”¹⁶⁷

¹⁶³ Pessoinhas. Depreciativo. Pessoa ridícula e desprezível. Diccionario de la Lengua Española. 23 Edición. Real Academia Española. Buenos Aires. 2015

¹⁶⁴ Isso: como entram na televisão?

¹⁶⁵ Kovadloff, Santiago. “El silencio primordial” (“O silêncio primordial”) Emecé editores. Buenos Aires, 1993.

¹⁶⁶ O conceito de ‘falta primordial’ e, em outras palavras ‘o objeto de uma satisfação absoluta’, ver-se-á mais à frente.

¹⁶⁷ Dalí, Salvador. “Confesiones inconfesables” (“Confissões inconfessáveis”) recolhidas por André Parinaud, Cap. 10: ‘Como devir paranoico crítico’. Bruguera Editora. Barcelona, 1975.

afirmando que aprendeu isso após ter lido o Jacques Lacan em 1933 (Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade). O “método paranóico”, em linguagem cotidiana, pode querer dizer três coisas.

Uma: a lei de Murphy¹⁶⁸: “se algo pode sair mal, seguramente sairá mal”, com todos os seus teoremas, corolários, brincadeiras e derivações.

Dois: a ideia que surge, a construção racional e a demonstração de uma hipótese, é delirante ou responde a alguma verdade? Dúvida fundamental do pensamento e que Freud anuncia com modéstia e consistência acadêmica na primeira página com que inicia seu trabalho de “As pulsões e seus destinos”¹⁶⁹.

Três: toma a figura coloquial de “não sou eu o responsável ou culpado, mas é ele, o outro”, a outra ‘parte’¹⁷⁰ como se diz em mediação. E sim, deve ser a outra parte, de si mesmo, registrada, projetada e inoculada no outro. Modo de não ver nem a um nem ao outro de modo suficiente.

Retornando agora à negociação com ‘nós mesmos’, é interessante que Ury afirmara que o que faltava ao seu primeiro livro, “Getting to yes”: “Como chegar ao sim”, (que nada tem a ver com a brutal contundência da tradução comercial: “¡Sim...de acordo!”), era isso que ilumina recentemente no seu último livro, trinta e cinco anos mais tarde. Ao meu ver, talvez não seja do todo assim. Mas antes de continuar, é interessante observar que se repete novamente a divisão intrapessoal e interpessoal. Vejamos:

“...Obtenha o sim consigo mesmo propõe como mudar as regras do jogo interior para, posteriormente, fazer o mesmo com as do jogo exterior.”

No meu entender, esse tipo de consideração supõe um nível de idealismo filosófico e uma imanência da subjetividade que, com efeito, algumas terapias psicológicas propõem, mas que a terapia psicanalítica, em suas melhores versões, decididamente não.

O texto referido de Ury (A negociação consigo mesmo) é atraente e lúcido e, é preciso dizer, generoso em ideias, histórias que comovem e habilitam, sem dúvida. Decididamente estimulante, no entanto não referirei ideias que, entendo, são acertos, mas relevarei um par de aspectos que o fazem parecer um livro que responde aos cânones do estilo de escrita de autoajuda mais do que a um texto acadêmico. Pelo menos, isso supuseram na livraria. Não podia achar o livro, como era usual, nas estantes de Empresa ou Direito. Acontece que estava escondido no setor de maior crescimento nos últimos tempos: a vario-pinta¹⁷¹ seção dos livros de autoajuda. Vejamos um exemplo:

“...o primeiro passo para dizer sim à vida é reformular nosso olhar sobre ela...”
“Aceitar a vida significa dizer sim ao passado...dizer sim ao futuro”

¹⁶⁸ A lei foi enunciada por Edward Murphy Jr. Ver https://es.wikipedia.org/wiki/Ley_de_Murphy.

¹⁶⁹ Freud, Sigmund. (1915) “La pulsión y sus destinos” (“As pulsões e seus destinos”) Amorrortu ed. Buenos Aires, 1992. Ver página 113 em: <http://bibliopsi.org/docs/freud/14%20-%20Tomo%20XIV.pdf>

¹⁷⁰ Estranho uso de um termo contaminado de excessos semânticos ou ideológicos, que envolve a ideia de uma completude passível de ser construída com o imaginário adesivo de um mediador qualificado: as partes de um todo; ou uma fragmentação lascada e impossível de ser componível.

¹⁷¹ Multiforme, misturado, diverso.

“...nem sempre é fácil...é preciso força...valor para confiar no futuro...e uma disciplinada concentração no presente...mas...a satisfação interior, os acordos satisfatórios e as relações saudáveis são uma recompensa muito maior”.

Pode-se ver o que há que fazer (a ordem), o que há que ter (o que me falta) e a recompensa (o que perco por não poder). Em consequência, vejo que alguém sim pode, o autor. Mas, os leitores, podem conseguir o que lhes é proposto? Pois, se fracassam, também poderão culpar-se do fracasso.

Inclusive as indicações para negociar com esse ‘juiz interior’ do qual fala Ury, são fáceis de enunciar:

“Faço-lhe lugar na mesa da cozinha...aceitá-lo sem mais como uma das personagens habituais da vida...é a melhor maneira de dominá-lo.”

Mas não só difíceis de realizar, impossíveis dessa forma. A pressão superegóica é muito mais que somente um ‘velho tio’ –como refere- que te ‘protege ou se interpõe no teu caminho’; também é um selvagem e cruel crítico que ‘enlameia a quadra’ e mortifica o sujeito. Sim, há muito caminho na clínica psicológica como para reduzir uma problemática tão complexa e inconsciente com um ato de vontade. Uma estocada corajosa. Isso caracteriza o estilo da ‘autoajuda’ que a torna uma variante simples de uma psicoterapia para as massas, um ‘para todos o mesmo’.¹⁷²

Retornando, quando Fisher, Ury y Patton subtitulam o livro “Sim, de acordo...” com “Como negociar sem ceder” estão longe de sugerir uma negociação selvagem. Pelo contrário, convidam a pensar o que é o que a gente quer e que pode e, por sua vez, que acontece do outro lado. Algo de estratégia e jogo. Também de manipulação. Na verdade, si colocamos um espelho duplo no livro, poder-se-ia ler em ambas direções, o qual se demonstra quando dizem:

“Trata-se basicamente de buscar os interesses psicológicos que estão no fundo da posição oponente, a fim de ajudá-lo a encontrar uma maneira de satisfazer melhor seus próprios interesses. “

Em outras palavras, não há um interesse sem o outro e isso é claro nesse livro (ver a doble pirâmide de Acland mais acima). Devem-se examinar ambos. Isso é, basicamente, ‘Getting to yes’.

A proposta de categorias para ordenar o campo e as problemáticas tem um valor que perduram ainda depois de tanto tempo de sua primeira edição. Inclusive a proposta de alguns ‘tips’ decididamente lúcidos, que permitem ampliar o registro das possibilidades que, sem dúvida despertam. No entanto, considero que o ‘tip’ que vale é aquele que se apoia, não na sua praticidade, pois, a final das contas, é sempre rústico e ‘bulhento’¹⁷³, além de ser da experiência de outro, mas na profunda compreensão do psiquismo, da relação social e o contexto econômico e político. Onde estamos, a parede atrás e a espada que pende ameaçadora.

O que deve produzir o vasto campo assim chamado da resolução colaborativa de conflitos, mediação, negociação, facilitação, coaching é o seu suporte conceptual,

¹⁷² Lembrarão o ditado (provérbio): “Mal de muitos, conforto de tolos”.

¹⁷³ Ruidoso, exaltado.

fundado na experiência e cuja consistência permita pensar o que fazemos. Nisso estamos em dívida nesta jovem profissão ou, se se quer, neste moderno campo acadêmico e intelectual.

Por quê? Entendo que as pessoas precisam saber do que se trata, para poder somar sua



melhor inteligência. Um saber pela metade, prescritivo, místico, reservado para outro momento, baseado em pareceres, anedotas e relatos de experiências que, mais do que 'liberar' ou 'permitir', só ordena, nivela fidelidade e tenta captar vontades.

A autoajuda apresenta riscos e tem características similares à pregação das numerosas igrejas televisivas. Um mundo incrível.

Apresentam a forte impregnação do efeito sugestivo, que capta o amor das multidões e faz o seu. Eleva-se a voz, acelera-se, o ar impregna de aromas, suor, os caminhos de sal que pavimentam e os mantos sagrados que recobrem e protegem das tormentas do destino. A fidelidade e o dízimo vão da mão junto com uma cadeira ao lado do senhor na eternidade. 'Ver para crer'.¹⁷⁴ O salto do possível ao impossível numa só função, cenicamente impecável e admirável.

Mas, como alcançar esse efeito à distância a partir de um livro impresso? Como conseguir que o leitor não canse, entedie ou desanime, cometendo o pior dos pecados: deixar o livro da auto-ajuda de lado? A indicação é tomar todo 'de um gole' para que faça efeito. Para isso utilizam-se todos os meios possíveis. Entre eles a promessa da felicidade. Impossível mas ansiada. Um texto de J. Lacan¹⁷⁵ é bem interessante a respeito disso: a clínica analítica inicia com essa ilusão e conclui perdendo-a, mas abre-se então a tudo o que o mundo oferece.

Não é casual que haja um retorno da 'subjetividade' após a aventura cientificista, o experimento comunista e a desigualdade e exclusão capitalista, com um ton idealista.

¹⁷⁴ Isso o refiro sem desprezo e com franco interesse: quero saber como o conseguem. Estive em São Caetano o dia do seu santo, estive na Virgem Desata-nós no seu dia, na Macumba em Santa Catarina, e o Candomblé e a Ascensão da Virgem em Bahia, e no santuário de Gauchito Gil em Mercedes, Corrientes. Até dos Pastores e Bispos televisivos. Não faz falta crer para apreender coisas importantes da vida e a condição humana. Devo-me, ainda, escrever sobre minha pesquisa acerca do Gauchito Gil e São Lamuerte (São A Morte). Há também mais pseudo-religiões prudentes (sensatas e sábias) nas universidades, academias e nas associações profissionais, do que admitimos, mas não o sabemos de todo. É outro tema.

¹⁷⁵ **Lacan, Jacques:** "A promessa da felicidade", em Seminário A ética em Psicanálise. 1959-1960. Editora Paidós. Buenos Aires, 1988.

A promessa da felicidade, esse imponderável. Diz Vanina Papalini¹⁷⁶ que pode-se mudar corpo e alma, nestes tempos de...

“sujeitos em crise, expulsos das instituições, desamparados, sós.”

“O sujeito está em apertos e a magnitude de suas dificuldades pode constatar-se pelas ajudas que se lhe oferecem.”

E mais:

“Colocado no aperto de ter que auto sustentar-se, arrancado de um espaço estável e reinserido em cenários cambiantes, conta só consigo mesmo, e descobre com pavor que isso é muito pouco para se manter em pé.”

É por isso que as crises e os dilemas da subjetividade encontram o otimismo do

“...’ TÚ puedes!’ ou declarar-se quebrantado”.

Essa é a maneira dos livros de autoajuda. Geralmente esses livros induzem a conhecer-se a si mesmo mas, estranhamente, os autores ‘já nos conhecem’ e com afirmações muito gerais e testes auto administrados, nos colocam em alguma grade de distribuição de defeitos e virtudes, de modos totalmente arbitrários. Como não tudo é igual, há, pelo menos, um par antitético mínimo: eu e o outro; luz e escuridão, etc. Não é nada difícil classificar em 3, 5, 12 categorias (não muitas) a toda a humanidade. Somam-se os valores expressados em números inteiros (positivos ou negativos) e já se está em algum lugar, numa casinha pouco confortável, mas alguma, junto com outros desconhecidos. Casas diagnósticas de nomes simples com fortes conotações em sua significação. Se mistura-se demais o ‘gado no curral’, sempre pode-se acrescentar um derivado de sub itens, algumas variantes e assim vimos saber quem somos. De investigação, nada.

“Conhece-te a ti mesmo” dizia na frente do templo de Apolo em Delfos¹⁷⁷. As Pítias ou pitonisas davam seu oráculo primeiro em verso, mas como as pessoas não os entendiam, depois o fizeram em prosa. Seu acerto era enorme, baseado seguramente na fé e na aceitação popular. Mas, sobretudo, o acerto está na ambiguidade: era a interpretação do dito ou o oráculo em si? Novamente é outro que te diz quem eres.

O que caracteriza os livros de autoajuda, como para serem agrupados juntos na estante? Norbert Elías¹⁷⁸ diz que é por ter como finalidade...

“...a modelagem das emoções. Estabelece uma articulação entre as estruturas da personalidade e as estruturas sociais.”

Ideia que converge com que a descrição binária de conflitos intra ou interpessoais não é realizável.

Os textos de autoajuda caracterizam-se pela modificação de uma conduta incorporada, o apoio a um processo de socialização, sustentar-se num discurso legitimador ou numa espiritualidade esotérica (unidade do cosmos, força do coração, forjar-se o próprio

¹⁷⁶ Papalini, Vanina: “Garantías de felicidad – Estudios sobre los libros de autoayuda” (“Garantias de felicidade – Estudos sobre os livros de autoajuda”). Adriana Hidalgo Editora. Buenos Aires, 2015. Uma obra poderosa, documentada, inteligente. De leitura obrigada.

¹⁷⁷ Apolo converteu-se em Delfine, um dragão mitológico.
https://es.wikipedia.org/wiki/Or%C3%A1culo_de_Delfos

¹⁷⁸ Elías, Norbert: “El proceso de la civilización” (“O processo da civilização”). Fondo de Cultura Económica. Madrid 1987. Citado por Vanina Papalini.

destino, energias circulantes), a recuperação da interioridade, a modificação da corporeidade e têm uma vocação exemplificadora.



Nos livros de autoajuda, o leitor é levado a uma leitura que não está aberta a múltiplos sentidos. São textos lineares que não se distraem em metáforas nem em vacilações do sentido - o mais interessante de qualquer leitura. Assinalam um trabalho a fazer para curar seu 'mal', estabelecem analogias de alto poder evocativo, utilizam uma linguagem simples, indiciam uma carência vivida e oferecem 'o necessário para sua satisfação'. Trata-se de 'tecnologias do eu' tendentes ao controle de si mesmos, não problematizando-se mas procurando uma 'calma analgésica'¹⁷⁹ (V. Papalini) e, por tanto, tentam desamarrear o eu das outras instâncias e 'figuras' de sua personalidade. Ou seja, do mais próprio seu, para amarrá-lo a outro conjunto de instâncias e 'figuras'. Nesse sentido é luminoso o 'cartoon' de Tute acima ("Tem que haver um - botão – que seja para a felicidade").

Onde se unem então os dois temas: método paranoico e autoajuda?

Jorge Amado, o autor de "Dona Flor e seus dois maridos" o entendeu. Histórico militante do PC brasileiro conclui numa entrevista, já referida,

“...há que se pensar pela cabeça da gente, eu muito tempo pensei pela cabeça do meu 'pai'”.

Refere-se a Stalin. Ou seja, se deixa-se ocupar a cabeça por alguém, é a estrutura mesma da paranoia e a psicologia de massas: há uma voz que te fala e te ordena. Sendo de fora, é de dentro. Te toma. O sujeito torna-se uma simples banda de Moebius: a formiguinha que caminha de um lado e passa a estar do outro lado sem fim. Fica 'em banda': desorientado, abandonado a sua sorte¹⁸⁰.

Alguns livros ficam à metade do caminho pois, sendo interessantes e sem dúvida sérios, combinam, em diferentes trechos, academia e autoajuda, como por exemplo listas das 'coisas que funcionam' e se enunciam prescritivamente: há que ler ali o que não há que

¹⁷⁹ Papalini, Vanina ut supra.

¹⁸⁰ Diccionario del habla de los argentinos. (Dicionário da fala dos argentinos) Op. cit.

ser, que sancionam pressão para o que ‘falta à gente’ com a pergunta “Como faço?” que enuncia, por exemplo, Josep Redorta.¹⁸¹ O próprio título do livro é um exemplo exato.

Mas então, o que fazer com os livros de autoajuda que te iludem com chegar a algum lugar? Na desesperança ou na perda de rumo, essa pergunta é importante.

Alicia a faz ao Gato no País das maravilhas e ele responde:

“Se não sabes aonde vais, dá no mesmo, todos os caminhos te levam a lugar nenhum.”



Esperar que dos bons conselhos nasçam raízes. A promessa de felicidade, a exemplificação na vida do autor, as referências autorizadas, as indicações prescritivas, as ameaças de apocalipse. Afinal ficam duas coisas: um duplo luto com dor e perda, porque essa pessoa:

- Não pode dar respostas a determinadas coisas que a vida exige.
- Não pode dar respostas às indicações de autoajuda, pelo qual situa-se no fracasso ou o é diretamente. Como se costuma dizer: “Looser”.
- Não termina de ler o livro porque é longo e não cumpre com o sugestionador.
- Entende as ideias mas as esquece, embora nunca sejam mais do que dez e não consegue aplica-las. Não é como os outros. Faz sua ‘cola’¹⁸² mas a esquece no mictório ou no banheiro feminino, onde a repassa.
- Entedia-se tortuosamente. ‘Letra com sangue entra’. Autoajuda não é novela, não há intriga, as histórias reais ou ficcionais são breves demais e tolas, em geral pouco verossímeis (parecem com as alegres testemunhas do ‘compre já’ televisivo).
- Não há erotismo porque há severidade lecionadora, há sexualidade pragmática, operativa.

Motivos de mais culpa, por não fazer o que há que fazer e não ser quem deveria ser. Mas isso não é tão importante, pois já saiu o novo livro de autoajuda, realmente revelador (que vem de relevo). Está em todos os quiosques. É o último e definitivo.

¹⁸¹ Redorta, Josep: No más conflictos: Cómo resolver tensiones, diferencias y problemas en las organizaciones. (Não mais conflitos: Como resolver tensões, diferenças e problemas nas organizações). Paidós Buenos Aires. 2012.

¹⁸² Cola: Anotações que os estudantes levam ocultas para copiar nas provas, ajuda-memória. Diccionario del habla...op. cit. O leitor que desejo deve ter realizado não poucas e bem engenhosas.

O paradoxo é que diversos livros de autoajuda são até interessantes, contribuem com ideias, induzem a pensar. Em geral seu sistema de pensamento se fecha em dez verdades básicas que abrangem todo um sistema fechado¹⁸³ de pensamento, mas passam de contrabando, duas que são fictícias, mas se camuflam nas outras oito, e impregnam-se de sua suposta cientificidade. É essa a chave do sucesso. Tão dissimuladas como “achem o Wally”.

Por que uma afirmação tão enfática? Porque toda cientificidade suporta sua própria fragilidade: axiomas que não se demonstram sustentam o edifício das demonstrações e teoremas; as completudes - conjuntos universais - excluem o que os contradiz e há que fazer desses elementos excluídos, nada. Meninas escravizadas por Bokko Haram, decapitações de homossexuais por ISIS, marés de refugiados desesperados tomados por gado como mercado cativo de escravos, o apartheid, o caldeirão de napalm, e tantas outras extraordinárias proezas da criativa brutalidade humana. Por sua vez, se se constrói um conjunto universal, que contém tudo, perde consistência porque algo poderá ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Lembrem a análise de “Todos os argentinos...”, acima.

Quem não atravessou esses estados de militante exaltação em que acreditava ser possuidor da verdade, de uma vez por todas e podia predicá-la? Devia predicá-la porque essa verdade se sustenta de que ‘todos’ a habitem. O único ponto débil era que aos outros ‘importava um cominho’¹⁸⁴ e então devia-se fazer missão para convencer a todos e oferecer-lhes a ‘boa nova’ (oferece um ‘homem novo’, mas é outro tema).

Seja em religião, em política revolucionária, mística tibetana, sufismo ou o ‘new age’ da ecologia e o meio ambiente. Passamos por todas. Militâncias para construir esse todo ao qual sempre falta justamente nosso vizinho. Isso registra-se rápido: olhos iluminados, voz apaixonada, um sorriso de estado místico e...a convencer a todo o mundo. É uma necessidade interior dos sistemas fechados. Como se verá, a verdade e que se crê tem valor contanto que convença o outro, por isso há que sacudi-lo e rondá-lo. Assedia-lo e desestabiliza-lo. Desperta-lo¹⁸⁵. Liquidá-lo.

“Quem mexeu no meu queijo?”¹⁸⁶ é uma crua história de ratinhos e homenzinhos num labirinto. Milhões de exemplares iluminaram os diretivos e seus colaboradores de milhares de empresas. Um texto fácil, uma fábula pobre, ideias dirigidas e conclusivas, um sistema que se fecha sem falhas, prêmios e castigos e frases num labirinto, que predicam ameaçadoras como verdades definitivas. Com uma lição central: “Se fracassas é por tua culpa”. Se triunfas: “fizeste o certo”. Una-se ‘or else’.¹⁸⁷ Modo contemporâneo

¹⁸³ Capaz de explicar todo sobre tudo. Nada foge.

¹⁸⁴ Ser insignificante ou de pouca ou nenhuma importância para essa pessoa. Dava a mínima importância. Literalmente: cominho: erva da família das umbelíferas... Dicionário da Língua Espanhola. 23ª. Edição. Real Academia Espanhola. Buenos Aires. 2015

¹⁸⁵ Despertad! Não é a revista que as Testemunhas de Jeová distribuem aos domingos cedo pela manhã?

¹⁸⁶ Johnson, Spencer: “Who moved my cheese” C.P. Putnam’s Sons. USA. 1999.

Tausk, Juan : “Nasce um mito para iniciar o milênio, o best seller : Quem mexeu no meu queijo? Jornal Clarín. Buenos Aires. 2001.

<https://www.dropbox.com/s/eycc5fk8h5mc9fk/Nace%20un%20%20mito%20%202003.doc?dl=0>

¹⁸⁷ Una-se ou se dê mal.

de mortificar a subjetividade farfalhante e dissolver a solidariedade e o sentido de viver numa comunidade.

No entanto, deter-se numa leitura crítica, como devem ser todas, não crer absolutamente nada, senão até que algo lhe toque a fibra mais íntima e possa tomar a ideia e fazê-la própria. Ou, pelo menos, entender sua lógica. O que não é pouco. Mas justamente não é comendo o livro¹⁸⁸ e devendo-lhe fidelidade, mas, uma ideia e outra, des-completando a solidez da totalidade. Desagrega-la.

Mas, digamos de vez: a grande mentira desfila perante nossos narizes sem vê-la. Assim como a mediação em nosso país e em outros, por sorte não todos, ao tempo que propõe um diálogo veraz, engana sem piedade, anunciando a mediação obrigatória uma vez que predicam sua voluntariedade. A diferença fica na letra pequena, num pigarro.¹⁸⁹



Assim também, na ‘autoajuda’. O que tem de ‘autoajuda’, se há alguém que te indica o caminho, pequena lagosta? Deviera-se chamar ajuda textual. Ou, diretamente manipulação sugestiva das angústias, decepções e loucuras dos cidadãos de nossas cidades. Talvez, se me permitem, ‘psicopatia’, no sentido de seu uso cotidiano. Mas também técnico: administra teu gozo.

Uma frase como a de Quino que, desde sua Mafalda, mostra a diferença e, não sendo prescrição, inspira. “Não é necessário dizer tudo o que se pensa, o que sim é necessário é pensar tudo o que se diz”.

A mediação, definitivamente, não é autoajuda, e o mediador, se realmente quer cumprir sua missão, não propõe modelos de normalidade, não ordena o sujeito, não administra sua vida, não o cura de padecimento algum nem é responsável por suas decisões. Não o cativa. Ainda mais, não promete a felicidade de um mundo em paz porque não é um missionário da paz, nem, como alguns dizem, embaixador da paz.

O vi, tanto em política, em psicanálise e em mediação. Missionários de uma verdade estabelecida, predicadores de um livro (con)sagrado, profetas iluminados, coroinhas. Perigosos.

¹⁸⁸ **Haddad, Gerard** “Manger le livre” = Comer o livro. Edições equis e editorial Milá. Buenos Aires. 1996. Uma obra magistral como todos os livros deste brilhante tunisiano, engenheiro agrônomo e depois psicanalista. Os devoro...

¹⁸⁹ Pode ler: **Tausk, Juan**: “A Mediação não é autoajuda: duas mentiras ao preço de uma”. Entre Todos Ciudad. Ano V Nº 3. 2017. Direção Geral de Justiça. Ministério de Justiça e Segurança. Buenos Aires. link: <https://www.dropbox.com/s/hfuuxml2hdg91tf/Tausk%20.%20-%20Mediacion%20y%20autoayuda.docx?dl=0>

O mediador, no fim das contas, não faz mais do que conduzir um processo de conversação e que se possa continua-lo. Os que dizem com impecável precisão são Stephen Littlejohn¹⁹⁰ e Kathy Domenici, da Universidade de Nova México, Albuquerque:

“Não excluímos técnica alguma e, por momentos, somos bem tradicionais em nossa abordagem. Mas vemos, a cada intervenção- tradicional ou inovadora- como uma movida dentro de uma conversação em curso (ongoing conversation¹⁹¹) em que um mundo social está se fazendo”

O que não é pouco. Não pode dispor sobre o destino das pessoas, como poderia fazê-lo um juiz com seu parecer e a força da lei comum e da ordem pública.

Qual é então o poder do indivíduo e qual o do mediador? São os dos capítulos seguintes.

¹⁹⁰ Littlejohn, Stephen y Domenici ,Kathy.. “Engaging communication in conflict – systemic practice” Sage Publ. USA 2001.

¹⁹¹ É de difícil tradução. Se o leitor pode melhorá-la, lhe serei grato.

13. O obscuro objeto do desejo

Desde o início
foste, amor,
o já perdido
Tomás Segovia¹⁹²

Ficar 'em banda', dissemos, desorientado, abandonado a sua sorte.

Quando se fala de resiliência, essa capacidade de recuperar o fôlego, vitalidade e iniciativa e até, às vezes, superar não só situações difíceis mas os piores tropeços da vida, parte-se, pelo menos, de dois elementos:

Um: o senso de humor. Poderia adiantar que um mediador sem senso de humor se perde no mar dos argumentos. Ou os descrê e desconfia, ou os amontoa em pilhas que o desordenam a ele mesmo, ou ordena o que 'te convém' ou se angustia. O mesmo a um psicanalista quando um paciente lhe comunica que as vozes, suas vozes, lhe estão falando.

A "Que te dizem?"

P "Que tenho que matar você" '¡Glup!

A "Acreditas nelas?"

P "Não"

A "Então fico tranquilo" Riem ambos.

Dois: o da presença de alguém que te acompanha, te valoriza, espera um destino para você, te escuta com sintonia, te recebe empaticamente, acredita em você e espera o melhor. Pelo contrário, o abandono do outro, o deixar 'pendurado'¹⁹³ quando se o espera, é uma causa de conflito e sofrimento. Não poucas afecções do humor e psicossomáticas vêm de ausências de quem se esperava: pais, amigos, docentes, colegas. (Ver "Los patitos feos" = "Os patinhos feios", de Cyrulnik). Vale em psicoterapia e também em mediação. Esse é o lugar. O mediador situa-se onde se o espera, onde o esperam as duas 'partes', e onde ele espera um encontro, abrindo e estendendo a capacidade de escutar - de respirar com o outro¹⁹⁴ - e dizer a palavra no momento justo.

Há que acrescentar alguns outros: O riso, o desenvolvimento da sensação de valor, o ter projetos, o compartilhar e construir com outros e acotar o regozijo com o infortúnio¹⁹⁵.

¹⁹² Parágrafo de um poema de Vivian Acosta em 'Cormorán y Delfín'. Ano 6. Viagem 22. Revista Planetária de Poesía. Julho, 1970, Buenos Aires.

¹⁹³ Abandonado 'à sua sorte'.

¹⁹⁴ Acertada e poética ideia de Rolando Peralta Beaufort, de Cidade do Leste, Paraguai, aluno do Mestrado em Mediação e Negociação, falecido cedo.

¹⁹⁵ Melillo, Aldo e Suárez Ojeda, E. Compil. "Resiliência – Descobrimos as próprias fortalezas". Paidós, Buenos Aires 2003

Melillo, Aldo, Suárez Ojeda, E., Rodríguez D. Compiladores. Resiliência e Subjetividade – os ciclos da vida. Paidós, Buenos Aires, 2004.

Cyrulnik, Boris. "Los patitos feos- La resiliencia: una infancia infeliza no determina una vida". ("A resiliência: uma infância feliz não determina uma vida"). Gedisa, Barcelona, 2002.

Cyrulnik, Boris. "El murmullo de los fantasmas- Volver a la vida después del trauma" ("O murmúrio dos fantasmas – Voltar à vida após o trauma"). Gedisa, Barcelona 2003.

Apela a que os indivíduos encontrem em si mesmos, capacidades não desenvolvidas, intenções não realizadas, a que reduzam os efeitos inibidores e mortificantes da culpa, não somente a consciente, que é sentida e pensada, mas a pesada, mais profunda e inconsciente. Para isto se requiere sempre a presença de outro.

A mudança dos ‘relatos’ ou ‘discursos’ dos participantes numa mediação foram objeto de ensaios e investigações. Sara Cobb¹⁹⁶, desde sua inventiva lúcida da circularidade dos relatos, Bush e Folger, na importância que dão ao fortalecimento próprio e ao reconhecimento dos outros. Gian Piero Turchi¹⁹⁷, desde a Università degli Studi di Padova com a análise de discurso mediante a aplicação do método dialógico. Os três e há outros, que põem o acento mais na modificação das conversações do que na produção de acordos. Todos são conscientes que uns levam aos outros, mas hierarquiza-se o trabalho de cada um consigo mesmo e com o outro.

Observamos a enorme resistência a mudar a perspectiva, o ponto de vista y o esforço para atravessá-lo. Cada um se segura-se no que tem e não lhe é fácil ir além de si mesmo. Os exercícios com imagens dos que, segundo a leitura é lebre ou planta, jovem ou velha, pirata ou predicador, ou o precioso Zoom¹⁹⁸, tão frequentados nos cursos de formação, querem apontar à distorção da percepção, sobretudo porque umas quantas definições de conflito rondam a ideia da percepção de diferenças mais do que à diferença como tal.

Leitura totalmente Saussuriana, como assinalamos acima: não é a coisa em si, mas a percepção e sua interpretação. O interessante destes exercícios é a fixação com que cada um se apega ao observado. Além disso, uma vez iluminado que as coisas podem-se perceber de outra maneira, encontra-se numa dificuldade bem interessante. Ou vê uma imagem ou vê a outra, mas não pode construir ambas imagens ao mesmo tempo. Há um obstáculo estrutural e uma resistência necessária.

Esse exercício é de notável riqueza, pois explica por que pode haver percepções tão contraditórias às que devemos apegar-nos; se não, não temos nada, não filtramos coisa alguma e, se algo perde inteligibilidade e não se sabe o que significa, nos angustiamos. É como perder-se nas ruas de Tóquio, nem um cartaz, nenhuma pessoa pode te orientar. Perdes-te como sujeito. Isso é a angústia.

Por isso devemos saber que a ‘posição’ convém para sustentar-se e que a passagem a analisar os interesses em jogo, implica um esforço, uma cessão e a construção de confiança no outro e no mediador. É preciso merecer chegar a esse ponto.

A posição não revela outra coisa que o fato de que algo está faltando ao sujeito e que supõe saber aonde reclama-lo. É insustentável não saber onde reclama-lo pois seria um estado de desamparo, desolação, impotência e resignação. Certamente falta-lhe aquilo que o alegraria e, mais ainda, lhe daria satisfação. Mas isso não basta, teria que obter um

¹⁹⁶ **Cobb, Sara:** “Una perspectiva narrativa de la mediación”(“Uma perspectiva narrativa da mediação”). Bibliografía de curso na Univ. de Califórnia. Santa Bárbara. 1995.

¹⁹⁷ **Turchi, Gian Piero:** L’applicazione del modello operativo dialogico all’interno di interventi di mediazione in ambito familiare, penale e comunitaria. Cópia impressa em APEP. 2008.

¹⁹⁸ Livro infantil ilustrado pelo húngaro Istvan Banyai. A dita publicação foi laureada como um dos melhores livros infantis do ano pelo [New York Times](#) e [Publisher’s Weekly](#), ganhando também um prêmio **National Children’s Choice**, baseado no veredicto das próprias crianças.

objeto suficientemente satisfatório, para não necessitar anelar e, conseqüentemente, demandar mais, ou seja chegar a um estado ideal. A felicidade.

Silêncio na noite
já tudo está em calma
o músculo dorme
a ambição descansa¹⁹⁹

Mas isso é impossível. A origem da cultura constitui-se a partir de um pacto, a lei, que indica que não tudo é possível. Há condutas proibidas e puníveis e têm sua versão escrita, por primeira vez na história, em 1750 A.C. no código de Hamurabi²⁰⁰. Como as leis de Moisés, posteriores, proíbe-se o incesto, em particular com a mãe e homicídio, em particular, do pai. Estas leis instalam a impossibilidade de retornar à endogamia, pondo u limite ao 'gozo': algo é proibido mas, além disso, é impossível sem fazer estourar a cultura. Tanto Claude Levi Strauss²⁰¹ como Sigmund Freud²⁰² caracterizam a vida em sociedade e o início da cultura a partir destas duas interdições. No texto referido, a neurose é indicador de que o sujeito não suporta as frustrações que impõe a sociedade em favor da cultura. Ela protege o ser humano, por um lado, frente às vicissitudes da natureza e, por outro, regula os vínculos recíprocos entre os homens.

Portanto relaciona o poder da comunidade com a limitação das possibilidades de satisfação e as aspirações do homem, implicando um sacrifício de suas 'pulsões'. Assim, tenta o equilíbrio entre as demandas individuais e as exigências da cultura para aceder a margens possíveis de felicidade.



Código de Hamurabi

Portanto a ilusão de um paraíso ou a esperança neurótica de que alguma vez ver-se-ão satisfeitas as expectativas de plenitude - acorde à dimensão anelada - encontrarão sempre a frustração e a repetição de demandas não realizadas. Quantas casas de venda de bilhetes de loteria há perto de sua casa? Em outras palavras, a ideia de um paraíso perdido na origem -por transgredir a lei- ou um paraíso prometido por vir, valem somente na sua projeção infinita. No entanto vejamos dois paraísos que sim se enunciam.

¹⁹⁹ **Silêncio.** (1922) Música de Carlos Gardel e Horácio Pettorossi. Letra de Alfredo Le pera e H. Pettorosi Letra: <https://www.lettras.com/carlos-gardel/406213/> vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=XYxMsBzKuj8>

²⁰⁰ **Código de Hamurabi** Rei de Babilônia, viveu entre 1728 e 1686 a.c. Inscritas num monólito de pedra de forma cilíndrica e 2,4 m de altura, encontrada na Pérsia em 1901, com caracteres cuneiformes. A peça deve ter estado exposta num lugar público, à vista de todos, embora poucos estavam alfabetizados para lê-la. 282 leis escritas em acádio em doze barras. Ver o código em http://www.historiaclasica.com/2007/06/el-cdigo-de-hammurabi-leyes-1-50_14.html

²⁰¹ **Levi-Strauss, Claude:** (1949) "Las estructuras elementales del parentesco" ("As estruturas elementares do parentesco") Planeta, Barcelona, 1985. A proibição do incesto tem uma dimensão natural e uma cultural: está em relação com a natureza quanto à universalidade dos instintos, e em relação com a cultura porque apresenta o caráter imperativo das leis sociais. Com a proibição referida pode-se de produzir a passagem da natureza à cultura. Ver <http://teoriaehistoriaantropologica.blogspot.com.ar/2012/04/levi-strauss-la-estructura-como-modelo.html>

²⁰² **Freud, Sigmund.** (1930) "Malestar en la cultura" ("Mal-estar na civilização"). Em Obras Completas. Vol. XXI Amorrortu, Buenos Aires, 1992.

Um trivial. A coleção de ‘figurinhas’ das crianças. Na minha época²⁰³ ao álbum “Mundo das Maravilhas” lhe faltava a mais difícil e, por tanto, a mais desejada: A “ave do paraíso”, justamente - tremo ao lembrar esse nome... Cotizava no mercado cambista dos recreios a 500 ‘figus’. Impagável. Já tinha ‘camelôs’²⁰⁴ hábeis, pequenos patifes nessa idade. Nunca completei esse álbum. Outros, sim. Pergunto ao leitor: o que vale um álbum completo ao que nada falta? Nada. O que vale é a tensão do que falta²⁰⁵. Essa é a tensão do desejo.

Vamos ao segundo paraíso. Meu vizinho Flores é tradutor de árabe e é a quem pergunto por um texto iluminado e manuscrito em letras de ouro: o Alcorão. Pergunto-lhe pelo paraíso muçulmano²⁰⁶ e me diz que os homens vão ao paraíso, Janna (jardim) e todos os seus desejos se cumprem, vivem o luxo supremo, um dia lá equivale a mil na terra e podem ter todas as huris (virgens) que queiram. É basicamente um paraíso para os homens. (Tiro o lenço verde²⁰⁷).

Penso no atraente que seria tal paraíso, mas me pergunto, retornando à ave do paraíso faltante: não será tedioso se não há desejo, já que todo está satisfeito?

Retomamos então a pergunta pelo desejo. Para a felicidade, qual é o objeto que faz falta? É claro que a condição de indefensão e desamparo originária, ao nascer o humano sem ter amadurecido neurologicamente, impõe uma insuficiência constitutiva que é suprida pela mãe, pela função materna. É a função paterna que implicará a entrada para a lei, que proíbe o apego sem limites. As duas funções simbolizantes.²⁰⁸ Um ditado incaico o diz bem:

“A mãe traz a criança ao mundo,
O pai o sobe à montanha e lhe mostra seu mundo”

Em breves palavras, deverá passar do objeto único e incestuoso para a multiplicidade de objetos. Agora bem, é isso exatamente o que se espera que aconteça numa mediação, pelo qual pode-se entender a obstinação no único como um anelo de não perder nada, de não resignar nada. Perda que o deve deixar desamparado ou, ao menos, o teme.

Não é somente uma demanda de ficar com tudo mas, pelo contrário, como vimos num caso da empresa farmacêutica, o temor é ficar com nada, em outras palavras, sua identidade depende do que entende como ganhar, mas, não será o temor a ‘ser’ nada?

²⁰³ “Minha época: uma criança propõe à sua mãe “E se perguntamos ao João em lugar de procurar nos livros? pois talvez ele esteve na Guerra da Independência (1822-23)”.

²⁰⁴ Camelô: comerciante ambulante.

²⁰⁵ Mais sério e já adulto coleciono bilhetes de ônibus capicuas (palíndromo de números). Alguém tem o...?

²⁰⁶ Janna: Os textos islâmicos descrevem uma vida imortal para seus habitantes, feliz, sem danos, dor, medo ou vergonha, onde se satisfaz cada desejo. Todos serão da mesma idade (33 anos) e da mesma altura e se regozijarão com a companhia de seus pais, esposos, e filhos (desde que tenham sido admitidos no paraíso), com as huris, criadas na perfeição, poderão dividir as alegrias carnais, um prazer centos de vezes maior que na Terra.

²⁰⁷ Para a legalização e despenalização do aborto.

²⁰⁸ Falo ‘Função’ e não mamãe e papai mesmos.

Já vimos o que é ser nada: segundo Agamben é essa a missão dos campos de extermínio. “Um homem que não é um homem”, que é a pergunta afirmativa de Primo Levi no poema que dá nome ao primeiro livro da Trilogia de Auschwitz: “Se isto é um homem”²⁰⁹.

Veremos que isto é importante de ser entendido para aquele que intervém em situações de conflito. Ninguém o ilustra melhor que o humorista Tuté²¹⁰, ele sim um verdadeiro sábio, sobretudo pela síntese potente e lúcida na união de texto e imagem: o humor gráfico. (N d T: o texto na imagem diz: ‘**Daria até o que não tenho para ter o que o que me falta**’). O aparente paradoxo do dizer de nosso homem triste (ou como o ‘traste’²¹¹) no bar, é certo, o é. No entanto, entende-se perfeitamente pois indica a tensão do desejo. Por aquilo que me falta, me jogaria inteiro e poria até o que não tenho. Bem, isso acontece aos pais com os filhos ou ao Potro (N de T: tenista argentino) ou outros top players de tênis, jogando uma partida. A ganha pelo que não tem, paradoxalmente.

Mas acrescento algo que pode atrapalhar. Em todos os conjuntos na teoria de conjuntos, há sempre um subconjunto que não tem elementos, ou seja, um conjunto vazio. Evoca a ideia de falta de objeto, para o caso, objeto de satisfação. A teoria psicanalítica, como a propõe Lacan, se constrói sustentando esse argumento matemático. No entanto, é uma ideia definida que já está em Freud: o desejo é infinito. Ou seja, não se satisfaz totalmente. A tarefa não será, então, encontrar o objeto absoluto e tocar o céu com as mãos, mas saber resignar esse anelo. Renunciar.

Essa é a tarefa que se espera no trabalho com os mediados a respeito das posições. Quando se pode, quando o mediador pode, sem zangar-se ou identificar-se com seu cliente, quando não o pontifica nem ordena. Resignar uma posição, então, não é coisa simples, implica uma renúncia ‘pulsional’ às apetências de um ‘todo para mim’ e de uma satisfação completa do desejo, e a perspectiva de uma satisfação limitada, lança para além do horizonte, no limite da experiência do homem, um objeto impossível de pegar e indizível que dá razão à insatisfação.²¹²

Trata-se então do trabalho psíquico de sair de um trabalho regressivo, de um objeto ‘incestuoso’, autocontido e de gozo espúrio, miserável e mais: ‘narcisismo das pequenas diferenças’, para entrar numa dimensão em que opere a substituição mediante equivalências simbólicas. Em outras palavras, a restrição da lei ‘paterna’ - não em vão



²⁰⁹ Se isto é um homem <http://escritorasunidas.blogspot.com.ar/2010/02/si-esto-es-un-hombre-de-primo-levi.html>

²¹⁰ Tuté. Junto com Maitena, Caloi e Quino são bibliografia indispensável para entender a condição humana. Não há aula de mediação ou de psicologia em que não me acompanhem.

²¹¹ Como o c...

²¹² É o desejo que expressamos em Ano Novo: que se cumpram teus desejos. Quer dizer que este ano que passou, não pôde ser, mas sim o que vem, que vem, que vem...

todas as religiões enunciam a Deus como Pai, ou seja, pai simbólico - impõe perder algo para ganhar outras coisas, o por vir.

É esse o fundamento do 'win-win'²¹³ que dissimula, em sua fórmula, a essência que contém: a renúncia. A única forma de ganhar é quando podes perder. Por isso, se em um julgamento normal, a sentença quase sempre trata de um ganhador e um perdedor, que seria 'win or loose'²¹⁴: disjunção exclusiva em lógica. A fórmula, nos métodos de gestão de conflitos conversados, deveria dizer-se 'win & loose'. Vende menos mas é mais veraz.

Poderá observar-se que o trabalho do mediador é, precisamente, favorecer essa passagem: de um objeto único e fechado, que caracteriza a 'posição', à multiplicidade de objetos que podem substituí-lo, quando se pode sair desse 'buraco opaco' e trabalhar sobre os interesses.

É magistral o trabalho de Freud²¹⁵ sobre as equivalências inconscientes, além de bem acessível. Vem à tona algo que ele denomina: a 'contingência do objeto'. Não haveria objeto que naturalmente se coordene plenamente com sujeito algum. O que quer dizer que qualquer objeto que aneemos e obtenhamos, não vai fechar o ciclo da demanda sustentada. Sempre vai querer-se algo mais, o que é o 'motorzinho' que empurra e, por sua vez, se projeta no horizonte: até dizer com uma imagem imprecisa, que nos empurra desde atrás e nos puxa para frente. Isso caracteriza o desejo humano.

Não se trata de qualquer objeto, pois se orienta pela dimensão da 'fantasia inconsciente', que apresenta essa qualidade do 'não sei por que o quero ou para que o quero, embora possa dar todo tipo de explicações mais ou menos verossímeis, mas o quero!' Não se trata do amor? Isso levaria a estendermo-nos, mas conter-nos-emos somente sugerindo que o problema já vem de longe, dos deuses gregos como sempre e que relata Aristófanes ao tratar do mito do Andrógino no Banquete de Platão. É o amor em ocidente. Não tem desperdício, nem sobras ficam se o lês ou, melhor ainda, o vês neste vídeo maravilhoso.²¹⁶

Falar de equivalências simbólicas supõe um além da disputa 'entredos'. O neologismo refere ao já tratado dessa estranha fusão entre adversários que fazem, de dois, um. Somente ao entrar na dimensão da cultura, como reza o ditado incaico, com a imagem do pai da mão do filho, têm lugar os relatos que dizem além das coisas mesmas. Relatos, conversações que permitem falar sempre de 'outra coisa' e abrem o campo da interpretação, o equívoco, o mal-entendido e o humor.

Abre a dimensão do pensamento e também do conflito. Nada mais claro para entender esta apertada frase que o seguinte fragmento de '1984', onde se referem as estratégias

²¹³ Ganhar-ganhar.

²¹⁴ Ganhar ou/e perder.

²¹⁵ **Freud, Sigmund:** (1917). " Sobre las transposiciones de las pulsiones y especialmente del erotismo anal" ("Sobre a transposição das pulsões e especialmente do erotismo anal"). Obras Completas. Vol. XVII Amorrortu. Buenos Aires, 1992.

²¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=6A3o9DJ3qIA>

do Big Brother, que todo o controla e que era muito mais que a casa cafona do Grande Irmão²¹⁷:



“Não vês que a finalidade da neolíngua é limitar o alcance do pensamento e estreitar o alcance da mente? Afinal, acabaremos fazendo impossível todo crime de pensamento. Com efeito, como pode haver ‘criminal’ (condensação de crime e mental) se cada conceito se expressa claramente com uma palavra só, uma palavra cujo significado esteja decidido rigorosamente e com todos seus significados secundários eliminados e esquecidos para sempre? E na undécima

edição nos aproximamos a esse ideal, mas seu aperfeiçoamento continuará muito depois que vc e eu tenhamos morrido.”²¹⁸

A ‘neolíngua’ tenta impedir a metáfora ou o deslocamento de sentido. Quer uma linguagem meramente enunciativa e, em consequência, a impossibilidade de pensar. De rir, nem falar.

Estar atravessado pela cultura é estar atravessado pela dimensão simbólica, o qual permite falar da ‘terceiridade’. Vamos ampliar esta apertada definição. Sim devemos adiantar que, quando falamos do mediador como ‘terceiro’ estamos longe de referir somente à terceira pessoa que se soma aos outros dois, sejam indivíduos ou grupos. A linguagem do boxe indica o árbitro como o ‘terceiro homem do ringe’, que triangula a luta ao impor as regras que limitam a confrontação, transformando-a em esporte, arte para alguns, mística. Basicamente, que não é a morte e tem ritmo: tantos minutos o round, tantos rounds e qualificações por jurado. Então o árbitro não é só quem regula, mas o representante da regulação mesma: os regulamentos que indicam o que se proíbe para habilitar o resto, a tradição e história do boxe, os torneios e os rankings, as federações, os jurados, os negócios do box, as escolas, inclusive seus teóricos²¹⁹ e, sem dúvida, a imprensa especializada. Não era só uma distribuição de ‘socos’²²⁰ e olhos roxos. Já temos aí um exemplo da ‘terceiridade’ na cultura do boxe.

Ninguém reclama das regras do xadrez, férreas e incorruptíveis, pois habilitam o desenvolvimento de lucidez e de milhares de milhões de combinatórias, que seriam impossíveis se, no tabuleiro ‘faço o que quero’, ou seja o que ‘me dá na telha’. Na verdade, é como diz Roger Caillois:



²¹⁷ Vinte bobos ambiciosos, enterrados por um par de meses, para deixar ver-se o descaro, as tolices que são capazes de fazer e dizer. O único em comum é o olho de uma câmera.

²¹⁸ **Orwell, George.** Op. cit.

²¹⁹ Com efeito os há e se requer experiência e conversações para entender os problemas que colocam.

²²⁰ Socos: coloquial. Bofetadas, tapas.

“Todo jogo é um sistema de regras. Nada mantém as regras senão o desejo de jogar”.

Já vimos a relação do desejo com as regras, com o limite, a lei.

14. Terceiridade: O poder do mediador

Os jogadores gostam das regras. Se não tivessem nenhuma, não teriam nada que quebrar.

Lee Walls.

O que tentaremos explicar é qual é o poder do mediador e, sobretudo, em que se assenta. Para isso tomaremos duas situações e um poema.

Antes devo referir a Jean François Six²²¹, um dos poucos mediadores europeus publicados em língua espanhola, que teve propostas avançadas. O valor do ‘três’ em seus escritos, antecipa a ideia da terceiridade que proponho num sentido próximo.

“...a luta do pensamento ternário – ou trinitário – e o pensamento binário. (...) a forma trinitária pode garantir a diversidade das culturas”.

Mas é tanto mais interessante sua ideia quando afirma que o mediador utiliza a lógica dialética para superar a alternativa entre ‘exclusão’ e ‘fusão’, pois admite uma terceira possibilidade, ou seja, uma saída. Lembrar a análise de ‘Todos os argentinos...’²²²

Então avancemos para o desenvolvimento de três situações.

I O Sacramento do matrimónio.

Todos felizes, não necessariamente, mas aí estão os noivos, perante um terceiro, o sacerdote. Seguindo o Evangelho de São Mateus, 19

Vers. 5 “e disse: Por isso o homem deixará pai e mãe, e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne?”²²³

Vers. 6 “Assim que não são já mais dois, mas uma só carne; portanto, o que Deus juntou, não o separe o homem.”²²⁴

Se unem, certamente, por seu próprio consentimento, o de cada um, mas a união não a fazem eles entre si, mas Deus, como se lê, pois

“O consentimento pelo qual os esposos se dão e se recebem mutuamente é lacrado pelo próprio Deus (cf Mc 10,9)

²²¹ Six, Jean François: Dinámica de la mediación (Dinâmica da mediação). Paidós. Barcelona. 1997. Toma a noção de D.R. Dufour: “Les mystères de la trinité.” Gallimard. Bibliot. des Sciences Humaines. Paris. 1990.

²²² Tausk, Juan. “El Oscuro Objeto del Deseo”. (“O obscuro objeto do desejo”) 2ª. Conferência do Foro Mundial de Mediação. La Habana. 1998. Secretaria de Publicações. Fac. de Psicologia. UBA. Buenos Aires. 2001.

<https://www.dropbox.com/s/2ayxw0dzpomr/1ge/Oscuro%20objeto%20del%20deseo%20Juan%20Tausk.doc?dl=0>

²²³ Descubro tarde que essa frase do Evangelho é tomada literalmente do Génesis 2:24. ‘Carne’ é textual: ‘Basar’ em hebraico בשר.

²²⁴ Catecismo da Igreja Católica. 2ª. Parte: A celebração do mistério cristão. 2ª. Seção. “Os Sete Sacramentos da Igreja. Cap. 3º Os sacramentos a serviço da comunidade. Art. 7 O Sacramento do Matrimónio. Art. 1639. Ver

http://www.vatican.va/archive/catechism_sp/p2s2c3a7_sp.html

Então, a união dos dois só é possível, com a metáfora de uma só carne - que não saberíamos explicar além do seu sentido usual - se se interpõe a dimensão da terceiridade. Isso permite entender o costume frequente do matrimônio cristão de colocar uma cruz na parede, na altura do centro da cama que, entre outros sentidos valores, representa essa terceiridade que une e separa ao mesmo tempo. Põe um limite. Um não pode possuir totalmente o outro, tragá-lo. Algo fica por fora. Um psicanalista, Donald Melzer, o denominou 'mistério'. Depois a esposa poderá, como costuma ocorrer, ter uma imagem de sua Virgem ou uma espiga para São Caetano, do seu lado da cama. O anelo de fusão já se apresenta em outro costume, como o de entregar a metade de um coração como pingente a pender do pescoço, de um e de outro, que em sua representação mostram a impossibilidade de fazer-se um. O pingente fica partido pela metade, por mais que se diga que ele/ela é minha meia laranja. Ou seja, não fazem uma. Como resolver o problema? O sacerdote concluirá a cerimônia indicando a construção de uma família cristã, onde a procriação é fundamental. É uma saída. Mas, ao nascer, a criança deverá ser apresentada para outro Sacramento, o Batismo.

“Dado que nascem com uma natureza humana caída e manchada pelo pecado original, as crianças necessitam também o novo nascimento no Batismo (cf DS 1514) para serem livrados do poder das trevas (Satanás) e serem transladados ao domínio da liberdade dos filhos de Deus”²²⁵

Novamente, se a mãe pudesse fazer de seu filho possessão e propriedade, a Igreja se adianta dizendo-lhe que seu filho, a partir desse momento, é filho de Deus.²²⁶ Não é só seu, mais ainda, faz grupalidade com todos os filhos de Deus, inclusive seus pais. A criança é incluída num pacto simbólico. Entra na cultura. Há uma sabedoria notável nesses dois momentos sacramentais. Quem o percorre o percebe.

Então, o sacerdote é o terceiro que representa a 'Terceiridade' e essa é a transcendência da cerimônia e o que a legitima.

II A tradição hebraica

O trata Gerard Haddad,²²⁷ ao analisar um setor do Talmude,²²⁸ diz:

“Esta existência dos casais não se sustentaria se não por esse termo terceiro, Deus. O Talmude demonstra este princípio num jogo literal...”

Que se realiza da seguinte forma:

Homem se diz em hebraico: **ISH** e se escreve de direita para a esquerda: **ש י א** sendo a primeira letra, a 'aleph', que é muda.

Mulher se diz em hebraico, **ISHÁ** e se escreve **ה ש א**

²²⁵ **Catecismo da Igreja Católica. Idem** Cap. 1º Os sacramentos da iniciação cristã Artigo: O Sacramento do batismo. http://www.vatican.va/archive/catechism_sp/p2s2c1a1_sp.html artic.1237.1243.

²²⁶ Lembrar a versão laica de Kalil Gibran: “teus filhos não são teus filhos, são filhos da vida “que o adolescente dos anos 70 botava(mos) num grande cartaz, para dar-lhe aviso a mamãe.

²²⁷ **Haddad, Gerard**, “El hijo ilegítimo – Las fuentes talmúdicas del psicoanálisis.” (“O filho ilegítimo, As fontes Talmúdicas da Psicanálise”). La semana publicações. Jerusalém, 1985.

²²⁸ **Talmude de Babilônia**. Tratado Sotá 17a.

Tirando as letras hebraicas que não são comuns fica **ה'**

Esse é o nome abreviado de Deus (a respeito do tetragrama).

De modo que cada um dos membros do casal, homem e mulher, contém uma das letras do nome de Deus. Perguntam os sábios do Talmude, o que acontece quando se retira a presença de Deus do casal? Os nomes do homem e da mulher se escreverão igual e não haverá diferença entre eles. Mas a palavra se transforma e tem outra significação, dado que as duas letras que ficam,

שן, se leem **“ESH”**, que significa fogo.

O casal se incendeia, torna-se um inferno.

Em outro tratado do Talmude²²⁹ e da mão de Haddad, diz-se que na concepção da criança participam o homem e a mulher e....

“...finalmente, o espírito, o sopro vital e a alma provêm de Deus, e os três contribuem ao nascimento”.

Observa-se também na tradição hebraica, como se viu acima na católica, a importância da Terceiridade na sua função simbólica que, ao instalar um limite a respeito da fusão de dois em um, abre o horizonte do que implica criação, criatividade e possibilidade de abrir o jogo da vida no campo da palavra, da linguagem.



Talvez seja oportuno, ainda, incluir outra maneira de dizer isto mesmo, mais contemporânea, a partir de um poema de Antonio Porchia²³⁰, que o enuncia com magistral clareza. (“Acreditavas que destruir/ o que separa era unir/ e destruíste o que separa/tens destruído todo pois não há nada/ sem o que separa”.)

Então, nas referências à terceiridade do árbitro de boxe, ao xadrez, ao sacerdote nos sacramentos, ao jogo de letras talmúdico e ao poema, perfila-se uma aproximação ao que queremos significar quando falamos da função do mediador como terceiro que, como dizíamos acima - ingenuidade que já não

abunda - não basta com somar um vértice mais para fazermos um triângulo.

Representa e intervém desde a terceiridade da cultura e a civilização num sentido geral: a condição de cidadania, os direitos humanos, a convivência pacífica, os valores que habitamos, as leis que nos regulam....

²²⁹ **Talmude de Babilônia.** Tratado Avodá Zará. 128^o.

²³⁰ Porchia, Antonio. Em “Voces” (“Vozes”). Hachette. Buenos Aires, 1979.

Isso tem consequências e é, no meu entender, o fundamento conceptual de dois temas cruciais na mediação: a neutralidade e a escuta que chamamos 'ativa'. Nossos próximos dois temas.

15. De perto ninguém é normal

“Um povo contaminado de ficções é mais difícil de escravizar do que um povo a-literário ou inculto. A literatura é imensamente útil porque é uma fonte de insatisfação permanente. Nos faz às vezes mais infelizes, mas também nos faz muitíssimo mais livres”.

Mario Vargas Llosa.²³¹

A neutralidade é o tema mais discutido em mediação e, como foi dito acima, tem uma longa ilação de palavras alternativas, conexas e derivadas. Dado que se usa também em psicanálise e se o discute com assiduidade, devo pensar que em ambos campos é um tema que preocupa, embora, é claro, em diversos planos de intensidade e complexidade.

Não estou me referindo à mediocridade canalha, mas aos que realmente se problematizam por estarem involucrados, atravessados e/ou apaixonados pela mediação. E são muitos. Falta de neutralidade é outra coisa. Por exemplo, uma mediação numa paróquia: a ‘senhora’ fica devendo dinheiro à empregada após demiti-la. Enquanto acontece uma reunião da empregada com um advogado que a assessora (um observador, mediador em formação), a conversa da mediadora e a ‘senhora’ era sobre a má qualidade do pessoal doméstico hoje em dia. Final de história: a empregada agradecida por um resultado razoável, traz aos mediadores um obséquio, de longe, generoso. Caso dois: não posso mais do que insinuar a ideia: o advogado sugere ao mediador pré-judicial que escolhe, que se incline um pouco para o seu lado, para poder seguir convocando-o. Não sei se entende... Esses temas não são de preocupação aqui.

Pensemos como função simbólica o sistema de semáforos. Sem dúvida o é. Regula a passagem dos veículos de modo que todos passem e com tempos similares de demora. Sim, há que renunciar a atravessar as ruas como uma seta e saber esperar, pois há outros veículos e outros com necessidades. Evitam-se acidentes e se faz possível circular, pois se não, o tráfego engarrafa e podem passar dias até que desfazer-se a confusão, se se consegue. Pode ter falhas de programação, pode cair a tensão, queimar-se as lâmpadas e ficar ‘maluquinho’, mas cumpre uma função reconhecida e aceito. Aliás regulada e com ‘feedback’: as câmeras e as multas. Final da metáfora, pois o nosso campo trata de pessoas e de discursos ou, como se diz atualmente, relatos.

Mas é importante fazer outra pergunta: por que ou para que um árbitro de boxe preferiria a um ou outro dos oponentes? Ou um juiz. Por que o sacerdote, em sua função, preferiria a um dos contraentes?

A pergunta é sempre a mesma: Como intervir sem influenciar com as preferências, valores e inclinações próprias? Como abster-se de empurrar para determinadas ações? Como se verá, inclui mais um nome, o de abstenção, que tem uma longa tradição na clínica

²³¹ Ao receber o título de Doutor Honoris Causa na Universidade de Salamanca.

psicológica, desde que S. Freud o enuncia. A neutralidade implica abster-se, renunciar a ações e dizeres que nos resultariam espontâneos em conversas em outros contextos.

Provavelmente este é o tema mais difícil de administrar. Mas se vê que é a chave de entrada ao campo da mediação. A pergunta é: Como ocupar o lugar de Terceiridade como função simbólica e evitar a identificação com a causa, o sofrimento e as razões dos consultantes?²³² Dito de modo mais críptico, mas mais preciso e, nessa altura do texto, o leitor o entenderá bem:

Como ocupar um lugar de função simbólica, abstendo-se de uma identificação imaginária e respeito do desejo de um objeto de satisfação 'absoluta' que é inalcançável e inefável?

É claro que a lei, ao dizer que o mediador deve ser neutral, uma indicação correta e presente em todas as leis de mediação no mundo, leva à pergunta de em que consiste, como se faz e como se trabalha consigo mesmo para poder chegar, certamente não à perfeição, pelo menos a uma aproximação suficiente.

Não basta a enunciação e menos supor que por isso o podemos fazer. Alguns acreditam que, pelo menos se deve mostrar que a gente é neutral. Fala um, o outro escuta, fala o outro...mesmas quantidades de tempo. Parafraseio para cá, parafraseio pra lá. Há reunião privada com um, faremos também com o outro, embora não haja motivo. Uma regulação dos sorrisos e tons de voz, mais umas balas na mesa. Isso o temos entendido, é um primeiro passo, mas não o mais importante.

A primeira resposta é que a neutralidade é consequente da função de Terceiridade que representa o mediador. Sustentar esse lugar é o que enuncia o poder do mediador. E não deve mover-se de ali em todo o percurso, pois trabalha, sempre, no fio da manipulação. Para isso as pessoas são muito perceptivas e sensíveis. Como dissemos acima, as pessoas 'não comem vidro'.

Representar a Terceiridade não significa sê-lo. Identificar-se com ela é um risco fatal no qual escorregam muitos ofícios. O saber absoluto do encanador, o advogado que diz que deixem todo nas suas mãos sem necessidade de explicar, porque ele é, se não a Lei, quase; o analista identificado com o saber inconsciente como sua verdade, o presidente que se identifica com seu cargo e não preside, o mediador como pomba mensageira da paz. Não menciono os pastores televisivos porque, ao tempo que sabem do engano, acreditam nisso. Nunca sei qual é mais perigoso.

Representar a Terceiridade implica sustentar um lugar desde o qual não se pontifica, não se dão ordens, não se prescreve o melhor para cada qual; não se calcula qual é sua ganância, não impõe-se moral nem fabricam-se destinos. Mais ainda, suas percepções do outro, sua simpatia com a sedução da histeria ou os enganos da psicopatia, seu fastio com o detalhe obsessivo e o relato repetitivo, sua fascinação com a cena perversa, seu ódio, desgosto o nojo para com um participante, ou seus sonhos de amor e paixonite, seus

²³² Poderá observar o leitor que uso o termo de 'partes', 'assistentes a...', 'clientes' e agora também 'consultantes'. Falamos sempre dos mesmos. Provavelmente, com o passar do tempo, o termo 'partes' de um conflito caia em desuso.

registros de simpatia, de identificação com valores, nações, religiões, riqueza; de cumplicidade com o argumento, de ‘tesão’, não indicam senão a humanidade que nos habita.

Sendo como todos, deverá calar o que não deve ser dito, cuidar a construção das intervenções, regular as mensagens gestuais, e tudo isso num marco de comodidade, naturalidade e hospitalidade. Se reserva e, no melhor dos casos, deve levar a interrogar-se a respeito dessas percepções, se é que têm algum valor na situação da mediação ou na sua vida.

A imagem de um mediador purificado padece do ridículo. Pelo contrário, é importante que os efeitos das percepções, das fantasias imaginadas, das dificuldades no diálogo, das resistências, das ressonâncias afetivas e das empatias recíprocas, tanto conscientes como inconscientes²³³, sejam matéria de reflexão do mediador: se está bem situado em sua função, tudo isso diz algo dos participantes, ele mesmo incluído. Isto veremos no tema a seguir, a escuta.

Nisto é de sumo interesse o trabalho em dupla dos mediadores. A disparidade de percepções, sentimentos e pensamentos permite descobrir tantas mais facetas dos sujeitos, os mediadores e os temas em jogo. Quem tenha jogado ‘boggle’²³⁴ sabe da ‘ferida narcísica’ de descobrir que quando a gente crê que não há uma palavra mais, outros veem muitas mais e demonstram quão diversas são as leituras.

Já o disse Débora Kolb, anos atrás numa conferência na Faculdade de Direito, que trabalhar sozinha cansava e angustiava, mas que não tinha solução: os honorários não alcançavam para dois. Disso sabemos. Mas a diversidade de perspectivas é fundamental em muitos outros campos, como o planejamento nas organizações, a construção de projetos, o trabalho em aula, o *coaching* organizacional, a supervisão em psicanálise e, por suposto, a supervisão ou trabalho de casos em mediação²³⁵.

Na mediação escolar, chama a atenção o cuidado das crianças em ser confidenciais e cuidadosos da neutralidade, inclusive mediando com seus colegas. Casos de mães que lhes perguntam:

“Tiveste mediações hoje na escola?”
“Sim”
“Me conta”
“Não posso porque é confidencial”
“Mas sou tua mãe”
“Por isso”.²³⁶

²³³ Disso trata a denominada ‘transferência’ na prática da psicanálise.

²³⁴ Caixa de 16 ou 25 dados com letras em vez de números, que sacudidos e distribuídos ao acaso, permite descobrir palavras num tempo e de um modo determinados.

²³⁵ Ver a respeito: **Fagundes, Izabel**: “A mediação no poder judiciário do estado do Rio Grande do Sul e a supervisão na formação do mediador judicial” Tese de Mestrado. Em master.mediación.com.ar

²³⁶ Relatado por Gabriela Jablkowski, capacitadora de alunos mediadores nas escolas públicas para o Ministério de Educação de CABA (Cidade Autônoma de Buenos Aires), autora de “Configurando cenas colaborativas na escola: contribuições e experiências de Mediação e Diálogos Facilitados” com Guillermo Mario Gonzalez. Editorial 12ntes. Buenos Aires, 2014. Professora titular no Mestrado

Por isso o mediador, ao poder registrar seus territórios de sombras, que é 'poder ver a viga no próprio olho' (NdT: Referência ao ditado: "Ver a palha no olho alheio e não a viga no próprio"), implica uma interrogação a si mesmo, pouca soberbia e reconhecer-se como da mesma espécie, por não dizer da mesma 'laia'²³⁷ que seus clientes. No iluminado e no obscuro, como todos. A final de contas todos somos sujeitos conflitados e conflitivos²³⁸. Nem o mediador escapa às dimensões do conflito e habita uma pergunta que se desliza permanentemente na vida: o que satisfaz? O que quero? Quem decide o que convém?

Por momentos a publicidade consegue seus efeitos e, conhecendo os consumidores mais do que eles a si mesmos, indicam o que lhes convém, o que necessitam e o que os fará felizes. Deslumbra. Até que, frente à gôndola de maioneses, ela se pergunta "realmente, quero essa?" A criança que reclama "quero, quero, quero", até perguntar à mãe; "o que quero?" ou a mãe que o interroga: "Realmente é o que você quer?"

Alberto Levy ocupa-se disso. No seu livro de marketing²³⁹ coloca uma sutil ironia: para ele o maior mistério da vida é... quando a esposa vá ao supermercado e escolhe uma maionese. Após minha primeira impressão de estupidez sendo leitor, ao reformular a inquietação, se entende o que o preocupa.

O que quer alguém quando quer algo?

Essa é a chave da inteligibilidade da prática da mediação.

Como veem, voltamos ao referido mais acima a respeito da divisão psíquica e a qualidade de objeto que satisfaz. É nessa direção que me interessou sempre uma frase de Freud que dizia que chamava-lhe a atenção que os analistas de então, Viena, inícios do século XX, esperassem de seus pacientes um nível de saúde mental que eles próprios não tinham. Chamativo. O que quer dizer? Que os analistas não estão à altura de sua missão? Longe disto, os habilita. Pois, apesar disso, fracassos, ignorância, neuroses, ser sujeitos do inconsciente e ter sintomas, inibições, angústias como qualquer um, podem desempenhar a função, de terceiridade! Com uma condição: trabalhar isso consigo mesmos e, por isso a indicação de atravessar a experiência de análise. Da mesma forma, Janny Dierx em sua tese²⁴⁰ sobre o Modelo de Mediação de Utrecht diz que os mediadores somente podem ter um papel na construção de comunidades pacíficas se:

Latinoamericano Europeu em Mediação e Negociação. APEP IUKB. 2006 a 2015. Capacitou em mediação escolar em São Leopoldo, Caxias do Sul e Porto Alegre (Rio Grande do Sul), em São Paulo e em Rio de Janeiro. Em Loma Plata, Chaco Paraguai.

²³⁷ NdT: em espanhol: 'Estofa': Do fr. ant. *stofe* 'materiais de qualquer classe'.
f. Qualidade, classe. *De minha estofa. De baixa estofa.*

²³⁸ Talvez algum leitor não. Seria a figurinha que me faltava, a ave do paraíso.

²³⁹ Levy, Alberto: (1997) "Mayonesa" ("Maionese"). Granica. Buenos Aires 2012

²⁴⁰ Dierx, Janny: " Becoming a peaceful city_ Building civil and pedagogical communities with the use

Comentado [L1]:



“...se comprometem pessoalmente em perseguir ativamente metas pacíficas eles próprios.”

Pois justamente por não ter esse nível de saúde mental ideal, é que padecem da mesma humanidade, única maneira de poder escutar a outros. Isso é de fundamental importância e tenho feito disso uma política nos 30 anos de professor de Clínica Psicológica e Psicoterapias na Universidade de Buenos Aires. Os estudantes abrumados pelo estilo, pareceria latino-americano, de ‘até que não hajam lido tanto, não podem ter uma opinião’. E isso pode levar toda uma vida e mais, porque depois vem o ‘você leu mal’, ‘você desviou-se’, ‘sim, mas não’, etc.

Cinquenta anos atrás um monge da Abadia, hoje museu²⁴¹, mostra-me a biblioteca, enormes volumes de literatura patrística e diz: “até não ler tudo isso, não...” Um estudante da Universidade de Padova se assusta quando lhe pergunto o que pensa. Até o terceiro ano não se pode perguntar a um Signore Professore e, menos ainda, opinar.

É igual com os mediadores. A única forma de situar-se num lugar de Terceiridade é habilitar-se e ser prudente e sincero consigo mesmo. Não parecer um semáforo de administração de ‘perguntinhas’²⁴² e cortesia²⁴³. Para isso só uma coisa é necessária: a modéstia de não ‘achar-se’. Em outras palavras, o importante não é trabalhar apesar disso, mas por isso: essas dimensões dão espessura ao sujeito e o qualificam. Dão sensibilidade, clareza e facilitam a autocrítica.

Débora Kolb, no seu lúcido livro, “Quando falar dá resultado²⁴⁴” entende que os mediadores que ela estuda, usualmente estão mais interessados em temas mais vastos que os acordos, como ser: empoderar os membros da comunidade, promover a participação cidadã, dar resposta a questões étnicas, de gênero e transculturais. Isso também refere Dierx quando diz:

“...instruir comunidades pacíficas cívicas e educativas...fornece uma alternativa ...à declinante solidariedade e o individualismo crescente e atender a inabilidade do cidadão para conviver de modos pacíficos”.

E acrescenta que, nesse modelo a compreensão da ‘multiparcialidade’ modula-se com “um firme conjunto de valores relacionados aos princípios pacíficos” Em outras palavras, o mediador também se importa com os resultados e seu compromisso é o de utilizar seus melhores recursos e os melhores recursos dos participantes para encontrar saídas possíveis, que incluem a construção de redes articuladas para dar resposta a outras questões que incidem no surgimento dos conflitos e sua erupção visível ao aparecerem as disputas.

of resorative Justice in the city of Utrecht. The Netherlands. Tese de Mestrado.
www.master.mediacion.com.ar

²⁴¹ Voltei quase 50 anos mais tarde. Na sua Abadia, cantamos com o Coral A Velha Praça, dirigido pelo mestre Polonuer, quatro missas. Literalmente, tocar o céu com as mãos.

²⁴² Diminutivo utilizado no México. (NdT: ‘Pregunticas’ em español).

²⁴³ No filme ‘Acosso sexual’, de Michael Douglas e Demi Moore, aparece por primeira vez no cinema, uma mediação. Quem a lembre: a dama era apenas um semáforo cuja única intervenção foi oferecer ‘a cup of tea’. Realmente desalentador enquanto caem chuvas de mísseis.

²⁴⁴ Kolb, Débora. “Quando falar dá resultado”. Paidós. Buenos Aires. 1996.

Novamente, não se trata de que as pessoas se civilizem, mas de interpretar cedo os conflitos passíveis de aparecerem. O olhar que antecipa, governo, responsáveis, diretores que podem antecipar problemas e não desviar o olhar, no que denominamos e acima descrevemos como o 'desmentido'.

Mentirinha que fazemos a nós mesmos. "Não o vejo embora o olhei e registrei", até que estoura na minha cara e, sobretudo, na de outros. Isso nada tem a ver com a prevenção, termo realmente polêmico, ao meu ver mais próximo das campanhas de 'luta contra' e, acredito, somente aplicável às vacinações e outras instruções que contribuem para a salubridade. Embora talvez esteja errado.

Um escrito que tem seus anos, de Robert Benjamin²⁴⁵, refere que mediadores experimentados se encontram em dificuldades respeito da neutralidade no mundo real da gestão de conflitos. Até questionar-se se vale conservar essa aspiração como meta. Veem que as partes não o têm tão claro, como creem respeito de si mesmos os mediadores e isso motiva reclamos legais.

Supõe-se que o mediador é neutral e não envolvido (nonengaged) pois assim seria mais objetivo, racional, desapaixonado, não preconceituoso, considerando-se que o oposto de neutral é involucrado. Por isso propõe o termo mais dinâmico de 'balanceado', a diferença do mais estático de 'neutralidade'. Como vemos, temos outro termo que se soma a multiparcialidade, 'deneutralidade' e há más, vendo que, a final das contas, nomear e classificar não resolve os problemas, como pode-se observar ao referirmo-nos mais acima à classificação psiquiátrica.

É interessante o inter jogo com as ideias, de Marines Suares²⁴⁶, sobre a 'deneutralidade'²⁴⁷, que tem sua filiação na desconstrução derridiana. Sugere:

"Estar envolvido é um passo necessário para chegar à dita reconstrução, e a neutralidade (ficar de fora) se exerce quando as partes podem voltar a negociar...Quer dizer: DeNeutralidade"

Interessante proposta pois se divide o conceito em dois momentos. O primeiro, de construção de diálogo e análise de interesses e o segundo, propriamente negociar. Quais são as implicações do envolver-se? Sabemos que a primeira parte é a mais crucial e a que demanda mais tempo e mais esforço de parte de todos os que participam. Se supõe então que há aqui um conflito intrapessoal. A segunda, como se verá no exemplo de mediação numa empresa familiar, no último capítulo, flui e requer pouco tempo, salvo para as questões propriamente técnicas.

²⁴⁵ Benjamin, Robert: "The Risks of Neutrality - Reconsidering The Term And Concept". Publicado em 2001 <http://www.mediate.com/articles/benjamin.cfm> 2016

²⁴⁶ Suares, Marínés. "Mediación, conducción de disputas, comunicación y técnicas" ("Mediação, condução de disputas, comunicação e técnicas"). Paidós Buenos Aires, 1996

²⁴⁷ "... a DeNeutralidade, que nos remeteria à desconstrução da neutralidade, quer dizer, à neutralidade e a estarmos envolvidos. "

O segundo momento é o mais breve, mais simples e mais racional: a procura de uma saída. Que requer também neutralidade, já não nas pessoas ou os presuntos argumentos e verdades, versões sabemos dizer, mas que se trata da racionalidade de uma negociação colaborativa. Já não é necessário parafrasear ou alentar 'discursos eu', é tempo de trabalho. É muito mais breve. Isso seria o interpessoal? Entendamos que simplifico muito, mas ainda assim, faz sentido essa separação?



É que os problemas, como os conflitos nas mediações não se resolvem - totalmente - tão só se transformam e a vida continua. Esse é, sem dúvida, um objetivo da mediação, inclusive quando não se chega a 'acordos' definidos. Por isso muitos mediadores consideram que o primeiro acordo, esse sim deve ser efetivo e é quando as pessoas estão dispostas a ver-se cara a cara e falar do que as aflige, de acordo com certas regras de procedimento. O mediador, como o juiz, o maquinista, o piloto de avião, o capitão de barco, é a autoridade e tem o poder de conduzir o processo, ou não há processo. Não é pouco. A saída é necessária. Alguma. A que prefiram e possam.

Não a burocrática, que preocupa a tantos: mas a efetiva. Essa saída, EXIT, se espera que tenha êxito, o qual sempre excita.

É frequente que se compreenda a pergunta como neutra. Sim, neutra em sua formulação, quanto a ser indireta, alusiva, analógica, não intrusiva, correta. Mas, se o é em demasia, já não é uma pergunta, porque já contém a resposta. Qualquer pergunta vai para algum lado e contém um propósito explícito, embora geralmente escondido, simulado na frase. Isso o tinha bem claro Roberto Juarroz²⁴⁸ ao dizer que

“As mensagens perdidas inventam sempre a quem deve encontrá-las”.

E esse é o jogo que jogamos.

Portanto, a pergunta tem direção. Às vezes o mediador o sabe, às vezes o percebe depois. Quando vimos o exemplo da herança de um homem que se suicidou, a intervenção do mediador com a viúva foi suave e precisa.

Mediador: “Quanto acredita que demorará ainda o processo até chegar a um final, para bem ou para mal?”

Alicia: “Calculamos uns seis anos”

Mediador: “Outros seis anos a mais”

Silêncio

Mediador: “¿Que tem pensado fazer quando tudo isso termine?”

E a questão se resolveu. Vejamos: nada impedia ao mediador pensar tudo o que lhe ocorresse. É assunto dele e, aliás, não pode evitá-lo. A vantagem é que fez o trabalho psíquico de passagem a uma forma de dizer civilizada e honesta, calcula a pontaria e

²⁴⁸ Juarroz, Roberto. Poesía Vertical. (Poesía Vertical). Emecé. Buenos Aires. 2005.

produz efeitos. Entendeu bem do que se tratava, disso trata a escuta' ativa', e deu lugar a esses pensamentos nada 'neutros'.

Como pode se observar, esse modo de perguntar em 'sintonia' não tem nada a ver com o jogo de 'Joãozinho o interrogador' que fuça, rebusca, caminha sobre as brasas e até se amorna com uma curiosidade gozosa. Por suposto que nada a ver com as listas ordenadas e intermináveis de perguntas que mais parecem com os classificados de jornal. Há ainda? No entanto, o bom é que autorizam possibilitam imaginar a diversidade do possível.

Coincide também nesse olhar, Robert Benjamin, ao que se soma Débora Kolb quando diz:

“Embora ocasionalmente se utilizam as perguntas para obter informação, parte desta arte consiste em usá-las para promover a obtenção de outros fins, as perguntas são, no fundo, sugestões.”

Para concluir com este tema me interessa referir um aspecto que tem a ver com a possibilidade da neutralidade. Longe de sentarmo-nos retos, com o rosto hirsuto, a voz nem fina nem grossa e um sorriso sempre pronto. O mediador deve sentir-se como peixe na água e fazer com que os outros se sintam igual. É a questão deles, são suas vidas.

Por isso é importante algo que é chave nas terapias psicanalíticas e, provavelmente em toda psicoterapia: a transferência tenra. É a disposição a receber, a fazer um lugar ao outro em nós, acolhê-lo. Sem essa hospitalidade nada funciona. Escutar com real interesse, pausar os momentos mais difíceis, aceitar o aborrecimento e a irritação, a vacilação. É prestar atenção, cuidar o outro da agressão e de sua própria agressão, criar um espaço de confiança e confiabilidade e a convicção percebida de que se quer ajudá-los.

Neste ponto não existe a indiferença ou a impiedade, queremos, por isso fazemos o que fazemos, que as pessoas possam viver melhor, à sua maneira. Por isso alentamos a esperança de que há mais 'por vir'. Que há futuro (N de T: 'porvenir' = 'porvir' significa também futuro, em espanhol).

Chegar a uma conclusão amigável e inteligente, sem dúvida alegra o mediador. Esse é seu ganho.

Mas há algo a mais. O que anima o mediador é que há possibilidades de saída e de futuro para qualquer um, o qual não significa que se consiga. Já vimos mais acima que não se trata de ampliar sua capacidade de amar, com minúscula ou com Maiúscula²⁴⁹, mas de encontrar-se com o mais obscuro, a raiva, o ódio, a compulsão a repetir o pior de si mesmo, a morte. Nem sempre é o momento, nem sempre somos nós os que poderemos ajudar neste processo. Saber de nosso limite é fundamental.

Sempre pensei, na clínica psicológica, que o paciente vem com o que tem, com o único que tem. Ele próprio. Seu trabalho na vida tem sido permanente: como salva os

²⁴⁹ Na minha primeira apresentação num congresso, sendo estudante ainda, era uma investigação sobre os efeitos populares da morte de um líder revolucionário, o Che, escuto uma mulher expor em êxtase, olhos brilhantes, rosto iluminado, dizer que aos jovens perdidos tinha que se dar amor, mas amor com maiúscula. Amorosa.

obstáculos, as dificuldades, os contratempos e a ‘má sorte’²⁵⁰ e também como habita a dimensão da criatividade, o pensamento, o amor, a amizade. Isso é o que tem, sua história vivida e a por vir.

Uma passagem do Tratado dos Pais²⁵¹ que sempre tem-me acompanhado diz:

“...costumava dizer: não desprezes pessoa alguma nem descartes coisa alguma, pois não há pessoa que não tenha seu momento nem coisa que não tenha seu lugar”.

Com essa postura tenho trabalhado com meus pacientes e com os ‘mediados’. Nada de soberbia e nada de desprezo, todos têm a possibilidade de construir seus futuros e o tenho constatado em quem apareciam como os ‘condenados da terra’. Por sua vez, cada um de nós temos a possibilidade de ter esses períodos dramáticos da vida em que tudo se revira. Em outras palavras, o mediador deve ter aprendido da vida, que há esperança, apesar de tudo²⁵².

É evidente que as discussões sobre neutralidade refletem em ato a dispersão de ideias, conceitos, axiomas e teoremas que habitam nosso campo. Sendo uma práxis nova que pretende ser disciplina²⁵³ e, por outra parte, respira e se nutre de fontes muito diversas num contexto transdisciplinar, torna-se compreensível que a solidez de uma construção disciplinar seja ainda, se bem em andamento, uma tarefa por realizar. Isso observa Débora Kolb no livro referido quando diz que

“Comparado com outras formas de intervenção e mudança social, a mediação é notável por carecer completamente de uma teoria sobre o conflito social e a intervenção”.

Considera que isso não acontece em outro tipo de campos como a psicoterapia e a intervenção em organizações, que já contam com ‘modelos poderosos e influentes’, concluindo que, por isso

“As ideias místicas prosperam nesse vazio”.

O que nos leva, novamente, às ideias que vimos sobre a autoajuda mas, sobretudo, à necessidade de construir os corpus teóricos (em plural) que argumentem uma prática da qual podemos dizer que consegue bons resultados.

²⁵⁰ Racha: f. En cualquier actividad, período breve de fortuna o desgracia. Real Academia Española. RAE 2015

²⁵¹ **Talmud Babilí**, Pirke Abot. Cap. IV. Passagem 2. Em Sidur. Edit. Conselho Mundial de Sinagogas. Buenos Aires, 1965.

²⁵² Uma sinagoga fundada por judeus alemães, sobreviventes do holocausto, chama-se assim: Lamrot Hakol: ‘Apesar de tudo’. Apesar de tudo... seguimos. (Vicente Lopez, Prov. de Buenos Aires).

²⁵³ Já há diplomados, mestrados e até doutorados em mediação e RAD em várias partes do mundo. (EEUU, Argentina, Dinamarca, Suíça, França, Espanha, Itália e outros). O Mestrado em Mediação e Negociação desenvolvido pela Associação Civil Programas de Estudos de Pós-graduação (Argentina) com o Institut Universitaire Kurt Bösch (Suíça) teve quase 130 magisters graduados de México, Porto Rico, Colômbia, Peru, Chile, Paraguai, Uruguai, Equador, Uruguai, de quase todas as províncias argentinas e de Itália, Holanda e Espanha, na sua atividade desde 2006 até 2015.

Mas devemos explicar e entender por que resultam. Um ‘adágio’ simpático e do qual ignoro sua fonte diz:

“Teoria é quando se sabe tudo mas nada funciona.
Prática é quando tudo funciona mas não se sabe o porquê.
Nós reunimos teoria e prática
E nada funciona e não sabemos por que.”

Entender por que resultam é a base, no meu entender, da continuidade da implantação dos métodos de consenso ou colaborativos de administrar os conflitos, se é que realmente incidem na cultura e nas comunidades.

Se enunciam usualmente três escolas dominantes, haverá outras menos visíveis ou anunciadas. Fazem teoria as três ou alguma delas? Não se tem observado ainda o suficiente. Sabemos sim, pelas enunciações de quem, como Juan Carlos Vezzulla²⁵⁴ entendem que os mediadores se nutrem das diversas escolas quanto a conceito e prática. Isso é trabalhado por Caterine Valdebenito Larenas²⁵⁵, de Santiago, Chile, quando investiga os recursos teóricos e práticos dos mediadores, no programa nacional de mediação familiar.

Gostaria de concluir este tema, referindo novamente a denominada escola de Harvard. Foi caracterizada, mais do merecido, de ‘linearidade’ ou “mera busca de acordo”, em oposição à transformação esperada na escola de Bush e Folger ou em diferença com a circularidade e ressignificação dos relatos. Um interessante trabalho de Marilene Marodin²⁵⁶, de Porto Alegre, Brasil, valoriza a denominada escola de Harvard, ao dizer

...consideramos extremamente válida para ser utilizada em contextos específicos dirigidos à finalidade de buscar acordos, bem como estar atentos a resguardar as relações entre as pessoas”

Acho que a construção conceitual mais importante para o campo da mediação provém deste modelo. A partição do sujeito em posição / interesse é dramaticamente significativa. Quebra a ideia da unicidade da vontade e se abre para a ideia da contradição, a vacilação, a multiplicidade de fatores subjetivos e objetivos. Consegue duas coisas. Uma delas é a de esfumar a linha férrea de separação entre conflito intrasubjetivo e conflito intersubjetivo, que é o argumento que sustenta o negociar primeiro consigo mesmo e depois com o outro, como se não fosse isso um movimento só. Mais ainda, se fosse assim, teria que iniciar-se um trabalho quase terapêutico com cada parte até que pudessem encontrar-se e negociar ‘sem ceder’ e amavelmente. Isso decididamente não acontece e ninguém o propõe.

²⁵⁴ **Vezzulla Juan Carlos:** "Teoria e Prática da Mediação" (Instituto de Mediação e Arbitragem do Brasil, 1998), "Mediação de conflitos com adolescentes autores de ato infrator" (Universidade de Sonora e Instituto de Mediação de México, 2005) e "Adolescentes, família, escola e lei. Mediação de conflitos" (Ministério da Justiça de Portugal, 2006),

²⁵⁵ **Valdebenito Larenas, Caterine:** "Mediação familiar em Chile. Um estudo sobre modelos e técnicas" Tese de Mestrado. www.master-mediacióncom.ar

²⁵⁶ **Marodin, Marilene:** "Conceitos fundamentais do modelo de negociação de Harvard", em 'Mediação de conflitos. Paradigmas contemporâneos e Fundamentos para a Prática'. Marodin M. Molinari F. compilador. Imprensa Livre. Porto Alegre, 2016.

Por outra parte, a ideia de separar a pessoa do problema tem um aspecto interessante: que a pessoa não se identifique com o problema, ela não é o problema. Tem um problema. A extensão desta ideia vai por mal caminho, porque se não fosse a pessoa quem constrói o problema, não só não seria seu, senão que sua resolução lhe seria alheia. Com o qual vemos que a ideia é uma proposta técnica eficaz, mas construída conceitualmente sobre um equívoco.

A segunda contribuição é que, com o par posição/interesse, proposto em sentido prático, em argumentos relativamente leves, descobrem uma ideia realmente potente. Uma leitura psicanalítica deste par antitético pode equivaler aos conceitos de demanda/desejo, de forma consistente e fundamental na clínica. Resume-se, novamente, a uma pergunta:

“Que quer quando quer algo?”

O qual fica bem claro em ‘Saying yes’. Mas isso leva ainda mais longe, dado que o objeto da disputa, ou seja, o objeto da satisfação, fica interrogado. Se não pode ser esse em sua unicidade, pode ser uma enorme variante de objetos (incluamos o guardar cara²⁵⁷, prestígio, honor, lugar, etc.) que podem substituí-lo na multiplicação de opções equivalentes, que as tormentas de ideias espalham generosamente nos campos férteis.

Finalizo esse tópico com uma anedota de quando chego a entender o conceito de neutralidade e a importância de sair dos próprios sonhos e perguntar antes de concluir. Estava no jardim, preocupado pelas formigas pretas que descobriam nas minhas roseiras seu pátio de comidas. Largas y laboriosas filas de operárias sem grémio às que começo a pisotear zangado. Minha filhinha, luz dos meus olhos, de tenros 3 anos (hoje tem um rapazinho de 5 anos e a luz dos meus olhos de 2, me olha com preocupação e disse:

“Papai, não as mates! “

Minha mente é um turbilhão. A menina me critica porque mato as formiguinhas, afinal são seres vivos, pássaros, hamsters, cachorrinhos, as crianças mesmas, e eu um cruel assassino. Vergonha deverias ter, uivam as vozes do superego, dessa vez aliadas com o outro. O que faço? O que faz um mediador? Pergunto, com um pouco de temor pela resposta que virá. “Por que você não quer que as mate?”

“Porque as quero matar eu!”

²⁵⁷ Expressão inglesa traduzida literalmente: to keep face.

16. A escuta inconsciente e um caso de mediação numa empresa familiar.

1. Uma questão de oportunidade

“Pela boca de cada homem podemos saber quem é.”²⁵⁸

O Zohar²⁵⁹

Esses são momentos nos quais se desdobra com potência a mediação em Latino-américa. Percebe-se o entusiasmo e a paixão, como também o furor e se estende a percepção de que acontece algo de transcendência.²⁶⁰

É claro que o desenvolvimento dos direitos humanos em sociedades cada vez mais democráticas, estende a consciência das necessidades e interesses insatisfeitos, bem como uma maior percepção compartilhada das injustiças, exclusões, desigualdades e preconceitos, assim como os atos que subvertem os valores republicanos e a moral pública. Nisso, é claro, ajudam os meios de comunicação e o crescimento exponencial das comunicações informais pelos mais diversos meios tecnológicos. Porém parece que uma boa forma de ocultar é fazê-lo visível e acessível, como o demonstra Edgar Allan Poe no seu conto ‘A carta roubada’²⁶¹. Por sua vez, certa retirada ou ausência do Estado expõe o cidadão a virar-se por sua conta, o que, em outro plano se traduz como: ‘se fracassas deve-se a que fizeste mal as coisas’, podendo-se assim deslocar a responsabilidade do Estado, respeito da proteção dos cidadãos frente à vulnerabilidade própria da contemporaneidade, diretamente para um fenómeno de culpabilização do indivíduo por seus fracassos, o que se fundamenta de modo penoso, por não dizer de modo arrepiante, no best seller mundial de faz já 15 anos, “Quem mexeu no meu queijo”, já referido mais acima.

²⁵⁸ “Pelo fruto de sua boca, o homem se saciará de bem, e será lhe pago segundo a obra de suas mãos”. Diz a Bíblia em Provérbios 12,14: Pela boca. E qual é seu fruto senão a palavra?

²⁵⁹ Zohar, El (O Zohar). Edições Obelisco, Barcelona,2007. Fonte imprecisa.

²⁶⁰ Ver as leis federais de mediação em Brasil e as leis de mediação familiar e comunitária em Chile, sem ir mais longe.

²⁶¹ Poe, Edgar Allan: “The stolen letter”, tradução ao espanhol de Júlio Cortázar, em Contos/1, Alianza Editorial, 1998, Madri.



Em outras palavras, desarma-se ideologicamente ao inerte, conseguindo que desista de todo protesto coletivo. Por exemplo as lutas pelo aborto livre e não punível²⁶², bem como os protestos perante o feminicídio e a violência familiar "Nem uma a menos".

Ao mesmo tempo, desenvolve-se um efeito inverso: a assunção de responsabilidade do cidadão a respeito de suas ações, da relação de convivência com os outros e das condições de habitabilidade do seu entorno, que traz novos ares à conflitiva vida nas cidades e povos. Poder decidir com o outro acerca dos melhores destinos de uma situação conflitiva que abruma ou transtorna a convivência é, sem dúvida a contribuição mais significativa dos meios denominados alternativos de resolução de conflitos, basicamente a mediação. Não só porque há tantas situações nas que não faz sentido dizer: "Falarás com meu advogado!", pois há tantos direitos e necessidades que não estão indiciados em código legal algum, que os juízes devem ver-se em apertos para decidir uma sentença, se pretendem fazer, de seu ofício, o melhor ato de justiça possível. Isso fundamenta um autor de renome bem merecido²⁶³ ao tratar sobre as condutas conflitivas permitidas e as condutas proibidas.

Essas ideias, apresentadas de modo tão sucinto, pretendem sublinhar o valor dos novos métodos como modos de encontrar respostas percebidas como mais apropriadas pelos protagonistas das situações conflitivas, ao poderem participar da decisão que pretende resolvê-las de modo mais equilibrado: com responsabilidade própria e cívica, reconhecimento do outro como alteridade e empoderamento para escolher as melhores e possíveis condições de convivência.

Que seja necessário um mediador é razoável pois, como cantavam os Beatles: "I get by with a little help from my friends"²⁶⁴. Que alguém abra a dimensão de confrontação entre dois para criar uma situação de 'terceiridade' é o mais amistoso que oferece o mediador, junto com sua capacidade de empatia, escuta 'ativa' e lucidez. Há vezes em

²⁶² A escandalosa adesão submissa ao poder da Igreja de nossos legisladores obrigou a postergar essa iniciativa. Vai vir. Os representantes do povo representam-se a si mesmos e por isso declaram a cara de pedra: "É minha mais íntima convicção" e não "minha gente quer embora eu não concorde...". Olha a insolência democrática.

²⁶³ Entelman, Remo. "Teoría de conflictos. Hacia un nuevo paradigma." ("Teoria de conflitos. Para um novo paradigma"). Gedisa Edit. 2000. Barcelona.

²⁶⁴ Me viro com um pouco de ajuda dos meus amigos.

que a gente se preocupa em avaliar se não se torna em administrador da palavra, da pergunta, em apaziguador dos ânimos inflamados e em regulador dos bons costumes e dos valores sublimes, ou seja, um penoso 'burocrata'. E há que dizer que às vezes poder-nos-emos sentir assim e por isso o primeiro trabalho do mediador é consigo mesmo.

Há que dizer que a mediação reduz a acumulação exponencial das demandas apresentadas aos Tribunais. Essa acumulação implica que haja causas, que por motivos processuais, não se discute isso, ou por motivos de excesso delas, se dilatam no tempo, quando as pessoas seguem cozinhando-se em óleo fervente dia e noite, até que explode ou cansa do pesadelo ou esquece. Observou-se que não basta com criar mais e mais tribunais, pois a cultura litigiosa reproduz-se como os coelhos, na dupla ilusão de esperar, por um lado, que a Verdade seja reconhecida na sabedoria do juiz ou que a máquina caça-níqueis finalmente nos dispense generosamente as ansiadas e provavelmente imerecidas moedas.

Por isso é que há que reconhecer que o tempo ganho facilita aos cidadãos a possibilidade e de fazer vidas melhores, pois as situações conflitivas consomem sua atenção, seu interesse, seu afeto: tomam o corpo e a cabeça. 'Heart and soul'²⁶⁵. E, atenção, que no se trata do instantâneo e imediato, lógica atribuída à contemporaneidade, mas dos tempos de vida que os sujeitos preferimos habitar melhor pois, afinal das contas, das poucas coisas que não podemos perder, se somos conscientes de nossa mortalidade, é o tempo²⁶⁶, para poder oferece-lo onde queiramos fazê-lo. Decisão. Empoderamento. Liberdade.

Isso, sem dúvida preocupa aos que praticamos a clínica psicanalítica. Sabemos das condições de repetição de condutas que não favorecem, pelo contrário, prejudicam o sujeito, sem poder evita-las ainda (sublinho), e nisso ver o penosa que tornam suas próprias vidas, o que necessariamente se replica e afeta a vida com os outros.²⁶⁷

É esse tempo que se infinitiza, carregando situações conflitivas não resolvidas ou quanto menos, transformadas, que fazem a vida miserável, sofrida, dolorosa e/ou confusa. Não quero neste momento referir quando isso é ativamente, repetidamente buscado e onde o sofrimento se torna desejável, pois é tema para outro momento, mas não queiro deixar de assinalá-lo. Sim indicar que ganhar tempo é bom e é recomendável, quando se pode. A vida não é algo que está num futuro por vir, pois o futuro nos chega antes. Lembre a frase de Lennon: "A vida é isso que passa enquanto estás ocupado em outras

²⁶⁵ "Coração e alma". Canção popular de 1938, cantada também por Ella Fitzgerald.

²⁶⁶ "Nisso do tempo, a filosofia tem feito grandes progressos nesses últimos cem anos. Replica Jorge Luis Borges: "E nisso do espaço tem feito grandes avanços nos últimos cem metros".

²⁶⁷ Vale consultar sobre esse tema as ideias claras e acessíveis de Nasio, Juan David em: "El inconsciente es la repetición!" ("O inconsciente é a repetição!") em Revista Generaciones. Ano 2. No. 2. Eudeba, Buenos Aires, 2013.

coisas.” Um conjunto de rock, La Renga, tem uma letra sugestiva em sua canção ‘Quando virão’:

“É que a morte está tão segura de vencer, que nos dá toda uma vida de vantagem.”

Essa vida que devemos ganhar, é também um tempo que se ganha quando a mediação se instala nos tribunais e na rua.

2. Questiones de irmãos e empresas familiares.

“Uma ou duas palavras
Já é suficiente
Vários mundos têm se tecido
E outros vários
Caíram para sempre no abismo”
Domingo Mendez Terrero.²⁶⁸

Uma mulher participa desta conversa que já tem muitos anos:

“Quantas reuniões pode requerer?”

“Cinco”

“Não sei se entendo bem, cinco? Não pode ser.”

“Suponho assim. Se em cinco reuniões de mediação a conversa não permite chegar a bom fim e acordar em algo significativo, talvez não seja o momento ainda, ou talvez eu não seja a pessoa indicada.”

Ela não podia acreditar o que escutava. Afinal foram seis, como verão mais abaixo. Mas e u pensava: é isso o que me cativou da mediação vinte anos atrás: brevidade, uma relação que inicia e conclui, e resultados efetivos que se potenciam e enlaçam a outras situações. A função do fermento. A réplica como ondas na água. Há crescimento das pessoas e crescimento da vida e da tarefa em comum. Se ‘cura’ de algo, não é de uma doença mas permite desenvolver essa condição humana que nos habita a todos para poder construir e encontrar saídas.

Uma colega me refere uma paciente sua que levava já não poucos anos de consulta, afligida permanentemente por uma relação conflitiva com sua irmã, que chegou a estourar por causa de um fato qualquer, mas fundamental para elas. Dividem um empreendimento empresarial, além de várias propriedades. Aceite o leitor as imprecisões do relato para resguardar os protagonistas. Supõe que talvez uma mediação possa construir uma ponte perante essa brecha que digo! um abismo crescente e devorador. Pa receu-me que tinha razão, a ideia era boa. Ambas comparecem. Inés e Marta.

²⁶⁸ Pintor e poeta portenho. 1933-2006. Este breve poema está referido à interpretação do seu psicanalista. Nessas poucas palavras contem trechos fundamentais dessa teoria, que, é claro, ignorava, mas sabia. Uma homenagem à memória de um homem sofrido, talentoso, generoso e de um coração de ouro.

A literatura sobre a empresa familiar e a mediação nas mesmas é extensa, rica e acessível. Sabemos que as empresas familiares são as duas terças partes das empresas no mundo, que 50% sobrevive à segunda geração e que só 10-15% sobrevive à terceira. Somente 32 empresas familiares têm durado mais de 200 anos.

De fato é um dos espaços onde o conflito tem especificidades que vale sublinhar: a interseção das relações de família propriamente dita, com o desdobramento da atividade empresarial e a relação de propriedade. Ao mesmo tempo, acentuam-se os conflitos próprios das diversas etapas de crescimento das mesmas, em contraponto com a figura do fundador e a sucessão.

Além do mais, nessa breve referência devem apontar-se duas coisas. Uma, que as empresas familiares - raramente as multinacionais, mas há também - são as que dão mais emprego em nossas sociedades. A segunda é que a passagem da primeira geração para a segunda implica muitas dissoluções, basicamente por motivos de não funcionalidade das famílias e que, na terceira geração chegam decididamente poucas (há cifras diversas, mas sempre baixas), apesar do valor de pertencimento e de lealdade às mesmas e à vocação familiar de continuidade.

Elas eram duas mulheres lúcidas, agradáveis e muito afetadas por uma situação mantida quase em silêncio, mas com fortes dissonâncias no entorno familiar. Uma, Inês, queria usar uma casa num povoado como casa de final de semana e a outra, Marta, negava-se. A casa, realmente, pertencia a ambas. Marta já tinha sua casa de final de semana. Eu percebia o clima de desconfiança e de dor e, ao mesmo tempo, entristecia-me o sofrimento que afetava a ambas. A gente pensa, é claro, mas silencia. Pensava que se a solução podia ser tão fácil, por que não podiam chegar a ela? Mas também pensava que nenhuma trama é tão banal como para que um terceiro, bem intencionado e abundante em ideias, ofereça a solução conveniente. Dessa necessidade nunca terminamos de cansarmo-nos. Mas por sorte nos abstermos de falar, e perguntamos para saber desde onde os outros se situam no seu drama.

A história é assim. Ambas herdaram bens da mãe, que desenvolvem e empreendimentos em comum. Perderam sua mãe em momentos muito cedo na sua vida, Inês tinha apenas um par de anos e Marta um tanto mais. Pequenas! Para sua sorte, foram muito cuidadas pelos avós maternos, na casa em que tinham morado e onde foi criada sua mãe e depois moram com o pai que, casado novamente, foi sempre muito amoroso com elas bem como sua nova mulher. A morte prematura de uma mãe, isso só o sabe quem o passou, ou talvez, nunca termina de saber-lo o suficiente. Mas se sobre isso se adicionasse o abandono, o descuido, a estigmatização e outras delícias que a vida pode apresentar, a situação é totalmente diferente. Não foi seu caso. Uma mãe amorosa que gostava contar-lhes histórias e uma impossibilidade de ceder a casa dos avós, que tinham falecido nos anos anteriores ao encontro comigo. Ambas casadas, já têm filhos e Marta está próxima a ter outro. Ela quer resolver antes, antes do parto. É claro que essas situações têm suas

réplicas na família. Priminhos que se encontram menos, maridos sustentando a razão e o argumento de suas esposas. Várias pessoas irritadas e envolvidas.

Se algo pode fazer um mediador é saber ter paciência e induzir isso nos que consultam. Não é fácil desenrolar o novelo, tomando fio por fio, desamarrando os nós. É aqui onde o conceito de ‘escuta ativa’ toma importância. Longe de educar, induzir, sugerir e assinalar o correto, o mediador escuta algo que vai além das palavras ditas, mas que está no coração das mesmas. É reduzir a espessura das questões em jogo se dissermos que, estando elas atacadas por uma ‘posição’ à qual não podem nem querem renunciar, se as leva a reflexionar sobre quais são os interesses que as movem, dominam e desejam.²⁶⁹ Assoprar e fazer garrafas, não pode ser tão simples. Mas também não pode ser um mistério exclusivo de iniciados.

O que deve poder escutar o mediador além das palavras, mas nelas mesmas? Ai acredito que deve apresentar uma ideia que constitui a essência da clínica psicanalítica e que os mediadores que são também psicanalistas ou aqueles que tiveram essa experiência sabem reconhecer. É denominada ‘escuta inconsciente’. E não os sobrecarregarei, mas sim espero compartilhar uma ideia que considero atrativa. Já Sigmund Freud sabia dizer que toda pessoa tem um instrumento para essa escuta, que é...

“...captar o curso do pensamento inconsciente do outro, com o próprio inconsciente”.

O que isso quer dizer?²⁷⁰ Que uma ideia que se debate, se aninha e não termina de surgir no pensamento de uma pessoa, pode ser percebida e enunciada por quem escuta. E quem escuta pode ser qualquer pessoa cuja capacidade de acolher a palavra do outro, de poder ter empatia, de deixar de lado suas convicções ou ideias usuais, que escuta e está aberta à palavra do outro. Lembro o parágrafo de um escrito, tomado de Goethe, que o parodia bem: “Duas adivinhas se encontram. Una diz à outra: ‘Você está bem, como estou eu?’ ” Esse reflexo no outro pode enriquecer se se potencia além do espelho. Por acaso não é frequente a pergunta feminina “Como você me vê, como estou?”

Digo também que não é questão de bruxaria, mas de ‘sintonia’ e, para isso o mediador deve estar ‘afinado’ e sua palavra deve ser ‘afiada’. Afinado como um instrumento, afiado como uma faca: o corte exato no momento oportuno, a palavra que deve vir. O principal, e isso o pode fazer qualquer um, não depende do seu ofício ou profissão, ou nível de educação ou cultura. Não o digo mais forte, pois esse é o instrumento por excelência do trabalho do psicanalista e do êxito de suas intervenções. Por que é útil e significativo em

²⁶⁹ Par opositivo urdido por Roger Fisher y William Ury, várias décadas atrás (1991). É possível que uma leitura psicanalítica possa situar outro par opositivo de maior densidade conceptual e pragmática: demanda e desejo. Mas não é tema que se requeira ampliar neste texto.

²⁷⁰ Tausk, Juan: “El Oscuro objeto del deseo: Una perspectiva psicológica de la mediación”. (“O obscuro objeto do desejo: Uma perspectiva psicológica da mediação”). Sección Psicología Página 12. 1999. Secretaria de Publicações Fac. de Psicologia 2003. www.dropbox.com/s/6xn12z7f6ogp8sp/Tausk%2CJuan%20Oscuro%20objeto%20del%20deseo.doc?dl=0

mediação? Porque ajuda a abrir um enorme campo de ideias, interesses, traumas, preconceitos, enterrados no profundo do silêncio e as erupções de lava.

Inês e Marta. Numa rede de palavras e de humores cambiantes, avançamos em nossas conversações até a quarta reunião. Como é a casa, o que contem, o que significa, como vivem, como foi sua relação, a infância, os filhos. Que negócios têm em comum. Como os administram. Há tanto para conversar quando as pessoas estão dispostas. Sobretudo, como você se sente com isso. Mas isso não basta pois pode não levar senão a círculos que convergem e se superpõem até a exaustão, conversações que se ‘metonimizam’, ou seja, que derivam sem eixo nem destino.

Mas estamos numa negociação no fim das contas. E sempre vai e vem até que chega a um ponto. Se chega. Vai e vem estendido no tempo e nas razões que cada um esgrime (é uma esgrima). Que o mediador se canse, aborreça, irrite ou entedie é assunto dele. Esse ponto é o que denominei

‘turning point’,

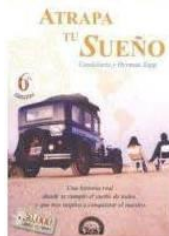
‘ponto de viragem’, ponto de giro. A partir daí tudo muda, os tempos se encurtam, as negociações avançam para sua saída. Fluem docemente.

Percebo que Inês e Marta querem avançar mas há um cerco que o impede. O clima é pesado e penoso. Aí o mediador pensa se realmente cumpre seu papel e, de cumpri-lo, se realmente serve. E não é de pura melancolia, há casos de mediação que nos entristece não ter podido ajudar mais²⁷¹. Ou melhor. E há vezes que pensamos quão parecidos somos aos nossos clientes.

Abruptamente Inês diz algo que me deixa impressionado:

“¡Porque você teve mais mãe do que eu!” Nunca escutei uma frase assim. Lembram, Marta era escassamente mais velha que Inês. Nesse instante de

²⁷¹ Um casal de viajantes aproxima-se de uma modesta tenda à beira do caminho. Só pedem para estacionar o carro, para não ficarem sozinhos nesse local deserto. O pessoal não aceita, os convidam à casa deles, oferecem-lhes a cama, a família dorme no chão, dão lhes sua comida, dão lhes sua alma. Ao irem embora, Carolina e Adriano são despedidos com um “Lamentamos não ter lhes podido dar mais”. Generosidade. Amorosidade. Dar o que não se tem, isso é amar. Até Jacques Lacan o define com essa enigmática frase. Há quem o faz. Vale a pena ler o seu livro “Pegar teu sonho”, não menos amoroso. Candelario e Herman Zepp
<https://www.librosdemario.com/atrapa-tu-sueno-leer-online-gratis>



impacto, que está cheio de ideias e incerteza, um segundo, nada mais, digo algo que não sabia que podia dizer:

“Sim, é verdade, mas também é verdade que Marta perdeu mais mãe que você”

De imediato percebo que essa frase me surpreende a mim tanto quanto a elas. Olha frase insólita. Penso, tão rápido como posso, pois devo sair deste raro estado, e percebo que o que acabei de fazer é o que em negociação e mediação chama-se equilibrar os poderes. Por sua vez o efeito paradoxal é provocador: parece tocar o núcleo do problema, o verdadeiro nó. O que parece ser uma reação automática, dizer algo não pensado por Inês, mas em suas palavras, encontra seu reflexo na frase que digo e que completa a dela. Me leva a pensar novamente que não há nada mais poderoso que a eficácia da palavra para mudar os mundos que habitamos. Dizer, escutar, construir diálogos.

A partir daí tudo mudou. Nem ganhadoras nem perdedores, nem melhores nem piores, ambas perderam sua mamãe e descobrem que isso está presente desde sempre e vem à tona num momento qualquer, com motivo de uma casa que significa mais do que é. Como todas as coisas. O processo torna-se acelerado e quando concebem algo razoável a respeito da casa, obviamente a vai usar Inês, compensam com outros bens, planejam dividir bens, concordam continuarem juntas com a empresa familiar e até distribuem os móveis dos avós, mais a louça e as taças, da maneira mais generosa. O vi poucas vezes, mas o vi, e você, leitor também. E devo dizer que a beleza que ilumina é incrível. Independente do volume, seja empresa familiar, assuntos de vizinhança, vítima - ofensor, grandes empresas ou disputas multilaterais complexas, o melhor de cada qual surge.

“Si você quer é teu”. “Mas se sempre você gostou”, etc. etc. Pergunto se querem repartir algo mais, já que estamos. E sim, algo ainda faltava. E de novo vez foi da mesma forma.

Então sugiro que para a próxima reunião consultem seus advogados para ver se fazem bem as coisas desde o ponto de vista legal, mas decidem compartilhar a consulta com um advogado só. Na quinta reunião redigimos um acordo, que inclui voltar a nos encontrarmos no futuro, caso surja alguma contingência, o qual nunca aconteceu. Por sua vez, sugiro que o considerem com seus respectivos maridos e que eles venham também na reunião final.

Você que está lendo-me imaginará para quê. Eles seguramente apoiaram as razões e o sofrimento de suas respectivas esposas, de modo tal que, se elas chegam a um bom acordo, eles ficam ‘orsay’²⁷². Podem permanecer inquietos com os outros, complicar o acordo ou, simplesmente, mostrar seu mal-estar. Isso último. Eles vêm com olhares ‘opacos’, de incerteza ou de dúvida, ambos. Dispostos a firmar também o acordo, duvidam que realmente o conflito tenha concluído. Mas é verdade, os conflitos não concluem, se transformam e dão lugar a outras situações, geralmente há uma ascensão

²⁷² Forma portenha de chamar ao ‘Offside’ em futebol.

da sensibilidade, compreensão e inteligência, ascendem ‘culturalmente’ ou, para dizê-lo de outra forma, se tornam mais civilizados. Devo supor que ascender na civilidade é o inverso da ‘escalada do conflito’. É outro o trabalho.

Talvez de algo tenha-me arrependido e é da falta de audácia ou talvez tenha sido a submissão às regras do ofício. Vai saber. Eu imaginei, na medida em que iam compondo a relação, que talvez podiam compartilhar o que tanto lembravam de sua mãe, a leitura de histórias. Sim lhes disse que, seguramente, poderiam fazer isso juntas com seus filhinhos mas, mesmo que o pensei, não me animei a presentear-las com um livro de histórias infantil. Não importa, isso foi há tantos anos. Hoje poderia fazê-lo de pleno direito, a menos que um leitor me sugira outra coisa. De todos modos, recebi fotos de reuniões familiares, das famílias de ambas irmãs desfrutando estarem juntas. Muitos sorrisos cálidos. Alegria.

3. De irmãos e salmos

**“Olha que bom e agradável é
que os irmãos sentem juntos...”
Salmo 133**

No encontro anual de 2014 dos Centros de Mediação da Associação de Colônias Menonitas do Paraguai, em Assunção, tive o privilégio de ser convidado a participar desenvolvendo dois cursos breves: “Construção de diálogos” e “Construindo negociações que não percam de vista seu objetivo”. Para os menonitas é de suma importância e lidera suas ações a busca de paz e a não violência, pelo qual têm motivos significativos, na vida de suas comunidades, para o desenvolvimento de métodos de resolução pacífica e consensual de conflitos.

Achava-me concluindo a jornada com o relato deste conflito entre irmãos em relação à empresa familiar e também da situação de outros irmãos também em situações aparentemente ‘sem saída’ e o processo de mediação realizado. Concluo contando que evocava uma canção que costumávamos cantar na juventude ao redor da fogueira, cujo texto era:

“Olha que bom e agradável é quando os irmãos sentam juntos.”²⁷³

O coordenador do evento me diz que esse é o Salmo 133 e que eles costumam cantá-lo. Convida aos mais de oitenta participantes a cantar juntos. Ficamos em pé e entonamos a canção com a mesma música de antigamente, num clima de profunda emoção. Essa é a ideia, que os irmãos possamos sentarmo-nos juntos e desfrutar a vida. Mas eles acrescentam uma frase a mais, que soa para mim totalmente extemporânea: “É como o precioso óleo sobre a cabeça, que desce sobre a barba de Aaron”. Localizemo-nos: trata-se de um salmo entonado no Templo de Jerusalém, e o óleo consagrado se derrama pelas

²⁷³ Para a nostalgia dos que a cantaram à beira do fogão de acampamento, em hebraico: “Hiné má tov uma naím shevet ajim gam iajad”.

barbas do primeiro supremo sacerdote. Penso: O que tem a ver com a canção que eu conhecia e com a ocasião? Isso também inquieta a meu interlocutor e amigo, pois me pergunta se eu sei o que significa essa frase. Volto a Buenos Aires com a incógnita e abro o livro de Salmos. Acompanhem-me nesta busca, pois havia mais.

Quando achei ter entendido, escrevo ao meu amigo pastor, tomando o Salmo inteiro, afortunadamente dos mais breves. Digo-lhe que seguia ressoando-me o canto compartilhado e que sentia-me unido a eles. Mas vamos ao assunto.

O Salmo diz assim:

“Olha que bom e agradável é quando os irmãos sentam²⁷⁴ juntos.
É como o precioso óleo (derramado) sobre a cabeça,
que desce sobre a barba de Aarão e as faldas de suas vestes,
como o orvalho do (Monte) Hermon que desce sobre as montanhas de Sião,
pois ali ordenou o Senhor a bênção e a vida por sempre.”

Detenha-se, não sigas lendo. Tenta primeiro fazer você o trabalho. O que quer dizer?

Sigo com minha dedução. O agradável da união fraterna é como o óleo sobre o sumo sacerdote, momento de máxima unção. E então? Nada, há um salto de significado incompreensível. Mas ao comparar as gotas do óleo com as gotas de orvalho do Hermon, já vemos um segundo salto metafórico e de deslocamento de significação. Estamos em outro lado, embora ainda sem compreender. Somente o fechamento da ideia aparece com uma nova transposição: nesses montes reside o Senhor, e não só isso, senão que abençoa com e pela vida. Mas, a quem? Retorna ao início: aos irmãos que sentam juntos, que convivem. Agora sim faz sentido. Quatro passos que devem ser percorridos antes de tirar conclusões ou supor entender. Um Salmo precioso e preciso.

No melhor estilo hermenêutico do Talmude. O que se aprende disto? O que eu aprendi? Duas coisas.

A primeira é a dificuldade de entender o outro. Se dá um sentido ao dizer do interlocutor porque somos máquinas interpretativas e não podemos tolerar a frustração e a angustia de um vazio de sentido. Completamos com o que podemos, mas esmagamos o dizer do outro e condenamo-nos a seguir pensando o mesmo de sempre. Chama-se a isso de preconceito. Certamente, no sentido mais amigável do termo, porque sabemos que é inevitável. A tarefa de ‘correr-se de si mesmo’, para dar lugar à incógnita, ao enigma e, com isso à emoção da descoberta de outra coisa, é sempre possível no diálogo e junto com o outro.

Provavelmente isso seja o mais difícil para o mediador ou o negociador, como é para cada um na sua vida cotidiana, e reclama um trabalho e um espaço de silêncio às vezes tão difícil de tolerar. Ali localizamos um termo bem frequentado por nosso pessoal, a “escuta

²⁷⁴ **Bíblia, La.** Hebreo español. (**Bíblia, A.** Hebraico-espanhol). Versão de Moisés Katznelson. Editorial Sinai Tel Aviv. 1991. O verbo sentar, em hebraico, também significa viver, morar, estar incluso, conviver. Acorde ao comentarista medieval Rashi, trata-se da mesa de sacrifícios do Templo.

ativa". Que, como vemos, não basta enunciá-la para que aconteça.²⁷⁵ Há uma pergunta que tentamos sustentar: o que diz alguém quando diz algo? Ou seu equivalente: o que quer alguém quando quer algo? Apresentando assim a complexidade da condição humana e a diversidade que nos habita.

Mas vamos à segunda coisa aprendida. Lembram como mencionei o enorme prazer que produz quando um diálogo se constrói generosamente e permite chegar a melhores destinos em nossas vidas. Em termos próprios do Salmo, para alguns, distantes em nossos tempos, para outros não, o Senhor 'abençoa e alarga as vidas'. Para um crente isto não tem mistério, ou melhor, é o mistério que lhe concerne e lhe importa.

Ainda mais podemos entender que quando se podem transformar e inclusive resolver situações conflitivas que embargam a vida das pessoas e as captura numa dimensão de sofrimento, se alivia essa carga infinita na qual a vivência da fúria e da raiva²⁷⁶ percebidas de cada um para o outro, além da que cada uno dirige para si mesmo em termos de 'culpa,' é enorme. Se se consegue desarmar as situações que tiram potência, criatividade e capacidade de realizar obras, sem dúvida a vida se alarga, para realizar anelos e gozá-la.

A ideia da dimensão de 'Terceiridade', a que facilita o 'terceiro' mediador, entendida como construção de cultura e como ação civilizatória, é uma expectativa de resultados anelados de nossas mediações e dos diversos métodos de gestão de conflitos contemporâneos, muito além da situação conflitiva em si e, por isso, tanto mais potente nos seus resultados e efeitos educativos e propagadores em nossas comunidades.

A frase que conclui o salmo, 'a vida por sempre' nos concerne em nossa condição de mortais, mas não nos autoriza. Louco quem se pretende num lugar salvador, ingênuo quem se imagina construtor de paz. Porque isso devemos fazê-lo os irmãos, juntos e contra ninguém. Ninguém tem garantida essa 'salvação' e também não a impõe ao outro. Nem sequer imaginar uma paz suficiente quando não definitiva.

Finalmente, se o Salmo reza porque os irmãos estejam juntos é porque é um desejo do belo e prazeroso. Mas não estão. Não estão sempre. Mas poderiam.

Do que falamos? Dos que participamos de empresas familiares. Mas também dos cidadãos que convivemos em nossas sociedades. Dos que participamos de organizações cívicas, entes governamentais, tribunais de justiça e empreendimentos empresariais. A litigiosidade e a 'mortificação institucional'²⁷⁷ envolvem a decepção, a perda de criatividade e de sentido de nossas ações: esses são os desafios cotidianos.

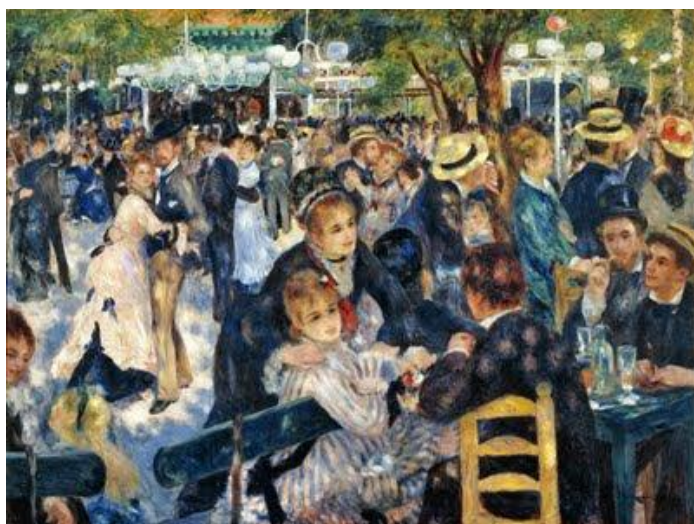
²⁷⁵ "Não se trata de dizer o vento, mas de estar atravessado até o dizer, pelo vento" Roger Munier. Au Demeurant. Sem referências.

²⁷⁶ Os termos 'raiva' e 'fúria' são mais fortes que o de 'zanga', mais são mais amáveis que o de 'ódio'. Verifiquei que muitas pessoas preferem não referi-lo a um sentimento próprio. Parece ser muito forte. Para os psicoterapeutas, o par ódio/ amor é linguagem cotidiana.

²⁷⁷ **Ulloa, Fernando** (1997) Novela Clínica Psicoanalítica. Historial de una práctica. (Novela Clínica Psicanalítica. Historial de una práctica). Livros del Zorzal. Buenos Aires. 1997.

Há ali muita tarefa para fazer mais habitáveis nossas vidas e a de nossas comunidades. Tomando uma frase de Eduardo Cárdenas²⁷⁸, que sempre quis fazer própria e comparto:

“Trata-se de fazer parte da festa da vida.”



Pierre-August Renoir. “Le Moulin de la Galette” 1876 Musée d’Orsay.

Referências

As referências não são genéricas, são os livros que fui trabalhando ou me trabalharam e ocupam seu lugar neste livro.

1. **Acland, Andrew Floyer.** “Cómo utilizar la mediación para resolver conflictos en las organizaciones” (“Como utilizar a mediação para resolver conflitos nas organizações”)(1990) Paidós. Barcelona. 1993
2. **Agamben, Giorgio.** “Lo que queda de Auschwitz. El archivo y el testigo” (“O que fica de Auschwitz. O arquivo e a testemunha”). (1999) Guara Impresores, Valencia, 2002
3. **Arendt, Hanna.** “Responsabilidad y juicio” (“Responsabilidade e juízo”. Paidós Barcelona. 2007
4. **Bush, Baruch y Folger, Joseph.** “La promesa de la mediación” (“A promessa da mediação”) Granica. 1996. Buenos Aires.
5. **Beck Kriteck, Phyllis:** “La negociación en una mesa desapareja” (“A negociação numa mesa desigual”) Granica, Buenos Aires, 1998.
6. **Benjamin, Robert:** The Risks Of Neutrality - Reconsidering The Term And Concept .Publicado em 2001 <http://www.mediate.com/articles/benjamin.cfm> 2016
7. **Biblia, La.** (A Bíblia) Hebraico- espanhol. Versão de Moisés Katznelson. Editorial Sinai. Tel Aviv. 1991.
8. **Borda, Guillermo** “Manual de Sucesiones” (“Manual de inventarios”) Editorial Perrot. Buenos Aires, 1994 e Código Cível e Comercial da Nação Argentina.

²⁷⁸ Eduardo Cárdenas, juiz de família retirado, docente brilhante e agudo pensador. Autor de vários livros, entre eles: **Cárdenas, Eduardo José.** “La mediación en conflictos familiares. Lo que hay que saber” (“A mediação em conflitos familiares. O que há que saber”). Ed. Lumen/Humanitas, Buenos Aires, 1998.

9. **Borges, Jorge Luis.** (1970) Obras completas. Emecé. Saint Vincenç dels Horts, 1984.
10. **Borges, Jorge Luis.** "El otro duelo" en EL informe de Brodie. Obras completas. Emecé. Saint Vincenç dels Horts, 1984.
11. **Braunstein, Néstor:** "Clasificar en Psiquiatría." ("Classificar em Psiquiatria") Siglo XXI. Buenos Aires, 2013.
12. **Cárdenas, Eduardo José.** La mediación en conflictos familiares. Lo que hay que saber. ("A mediação em conflitos familiares. O que há que saber") Ed. Lumen/Humanitas, Buenos Aires, 1998.
13. **Catecismo da Igreja Católica.** 2ª. Parte: A celebração do mistério cristão. 2ª. Seção "Os sete Sacramentos da Igreja. Cap. 3º Os sacramentos a serviço da comunidade. Art. 7 O Sacramento do Matrimônio. Ver http://www.vatican.va/archive/catechism_sp/p2s2c3a7_sp.html
14. **Cobb, Sara:** "Una perspectiva narrativa de la mediación" ("Uma perspectiva narrativa da mediação"). Bibliografía de curso. Universidade de Califórnia em Santa Bárbara.
15. **Código de Hamurabi** Ver o código em http://www.historiaclassica.com/2007/06/el-codigo-de-hammurabi-leyes-1-50_14.html
16. **Código Cível e Comercial da Nação Argentina** <http://www.codigocivilonline.com.ar/>
17. **Cosentino, Juan Carlos.** "Mas allá del principio de placer: Manuscritos inéditos y versiones publicadas" ("Além do princípio do prazer: Manuscritos inéditos e versões publicadas") Edit Mármol Izquierdo. Buenos Aires. 2015.
18. **Cyrułnik, Boris.** "Los patitos feos- La resiliencia: una infancia infeliz no determina una vida". ("Os patinhos feios – A resiliência: uma infância feliz não determina uma vida") Gedisa, Barcelona. 2002
19. **Cyrułnik, Boris.** "El murmullo de los fantasmas- Volver a las vida después del trauma" ("O sussurro dos fantasmas- Voltar à vida depois do trauma"). Gedisa, Barcelona 2003
20. **de Saussure, Ferdinand :** Curso de lingüística General. (Curso de linguística geral) Losada, Buenos Aires, 1972
21. **Diccionario del Habla de los Argentinos.** (Dicionário da fala dos Argentinos) Emecé edit. Buenos Aires. 2008
22. **Diccionario de la Injuria.** (Dicionário da injúria) Bufano, S e Perednik, J. Losada Buenos Aires, 2005
23. **Diccionario del Lunfardo.** Curso básico. (Dicionário do Lunfardo. Curso básico) Gobello, J. e Olveri M. Academia Portenha do Lunfardo. Edic. Libertador. Buenos Aires. 2010.
24. **Dierx, Janny:** "Becoming a peaceful city_ Building civil and pedagogical communities with the use of restorative justice in the city of Utrecht. The Netherlands. Tesis de Maestría. www.master.mediacion.com.ar
25. **El-Haj, Jack.** (2013) "El nazi y el psiquiatra" ("O nazi e o psiquiatra") Edit. Ariel. Buenos Aires. 2015
26. **Entelman, Remo:** "Teoría de conflictos" ("Teoria de conflitos"). Gedisa. Barcelona, 2002.
27. **Fagundez, Izabel:** "A mediação no poder judiciário do Estado do Rio Grande do Sul e a supervisão na formação do mediador judicial" Tese de Mestrado. Em [master.mediacion.com.ar](http://www.master.mediacion.com.ar)
28. **Feierstein, Daniel:** "El genocidio como práctica social-Entre el nazismo y la experiencia argentina" ("O genocídio como prática social – Entre o nazismo e a experiência argentina") - Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires. 2007.
29. **Fernandez Longo, Enrique:** "La negociación inevitable-Connmigo-Contigo" ("A negociação inevitável- Comigo-Contigo"). – CNL. Beccar 2004.
30. **Fernandez Mejjide, Graciela.** Entrevista periodística. 24 de março de 2016. La Nación. Buenos Aires.
31. **Fernandez Mejjide, Graciela.** "Eran humanos, no héroes" ("Eram humanos, não heróis") Sudamericana Buenos Aires 2013 <http://descargar-libros-gratis.com/libro-gratis-eran-humanos-no-heroes.htm>
32. **Fernandez Mejjide, G.; Leis, Héctor:** "El diálogo" ("O diálogo"). Sudamericana. Buenos Aires, 2015
33. **Fisher, Roger; Ury, William y Patton, Bruce.** (1981) "Sí ...de acuerdo. Cómo negociar sin ceder" ("Sim...de acordó. Como negociar sem ceder"). Edit Norma, Colombia, 1995.

34. **Freud, Sigmund.** "The taboo of virginity" (1918) Vol XI. The Standard edition. Hogarth Press Lim. London, 1973
35. **Freud, Sigmund.** (1915) "La pulsión y sus destinos" ("A pulsão e seus destinos"). Amorrortu ed. Buenos Aires 1992
36. **Freud, Sigmund:** (1920). «Más allá del principio del placer». ("Além do princípio do prazer") *Obras Completas*. XVIII. Amorrortu Buenos Aires: 1996
37. **Freud Sigmund.**(1916) "Los que fracasan al triunfar" ("Os que fracassam ao triunfar") em "Algunos tipos de carácter dilucidados por el trabajo psicoanalítico" ("Alguns tipos de carácter dilucidados pelo trabalho psicanalítico"). Em *Obras Completas* Vol. XIV. Amorrortu. Buenos Aires. 1996.
38. **Freud, Sigmund:** (1917) "Sobre las transposiciones de las pulsiones y especialmente del erotismo anal" ("Sobre a transposição das pulsões e especialmente do erotismo anal"). *Obras Completas*. Vol. XVII Amorrortu Buenos Aires 1992
39. **Freud, Sigmund.**(1930) "Malestar en la cultura" ("Malestar na civilização") em *Obras Completas*. Vol. XXI Amorrortu. Buenos Aires. 1992
40. **Fuchs Jack.** "Dilemas de la memoria-La vida después de Auschwitz" ("Dilemas da memoria- A vida depois de Auschwitz"). Norma Buenos Aires 2006
41. **Gelman, Juan.** Traducciones III (Traduções III) em *Obra Poética*. Corregidor, Buenos Aires, 1984
42. **Glikin, Leonardo:** "Pensar la herencia" ("Pensar a herança"). Emecé. Buenos Aires. 1995
43. **Gobbi, Hugo.** "Rethinking Cyprus". Edit. Aurora. Tel Aviv. s/año.
44. **Gobbi, Hugo:** "El nuevo orden internacional" ("A nova orden internacional"). Abeledo Perrot. Buenos Aires. 1998.
45. **Haddad, Gérard:** (1990) "Los biblioclastas: El mesías y el auto de fe" ("Os biblioclastas: O messias e o auto de fé"). Ariel. Buenos Aires 1993.
46. **Haddad, Gerard:** "El hijo ilegítimo – Las fuentes talmúdicas del psicoanálisis." ("O filho ilegítimo – As fontes talmúdicas da psicanálise"). La semana publicac. Jerusalém, 1985
47. **Haddad, Gerard** "Manger le livre" Comer el libro (Comer o libro). Edições Equis e Editorial Milá. Buenos Aires. 1996
48. **Instituto de História Contemporânea de Munich** "Mein Kampf. Eine kritische Edition" Instituto de História Contemporânea de Munich (IFZ) em dois volumes, de 1948 páginas
49. **Iojanan ben Napaha. (180–279 CE):** Talmude Babli. Baba Batra 13b
50. **Johnson, Spencer:** "Who moved my cheese" C.P. Putnam's Sons. USA 1999
51. **Juarroz, Roberto.** Poesía Vertical. Emecé. Buenos Aires. 2005
52. **Kolb, Débora.** "Cuando hablar da resultado" ("Quando falar dá resultado"). Paidós. Buenos Aires. 1996.
53. **Kovadloff, Santiago.** "El silencio primordial" ("O silêncio primordial"). Emecé editores. Buenos Aires 1993
54. **Kuhn, Thomas S. (1970)** "La estructura de las revoluciones científicas" ("A estrutura das revoluções científicas"). FCE. Madrid 2006.
55. **Lacan, Jacques:** "La promesa de la felicidad". Seminario de la ética en Psicoanálisis. ("A promessa da felicidade" Seminário da ética em Psicanálise). 1959-1960. Paidós. Buenos Aires 1988.
56. **Laplanche, Jean. y Pontalis, Jean Bertrand** Diccionario de Psicoanálisis (Dicionário de Psicanálise) Paidós Buenos Aires, 2007.
57. **Levi, Primo.** (1958) "Si esto es un hombre" ("Se isto é um homem") em "Trilogía de Auschwitz" ("Trilogia de Auschwitz"). Océano. Barcelona. 2011
58. **Levi, Primo.** "Les naufragés et les reescapés" Gallimard, Paris. Citado por Todorov. ver cita 68
59. **Levi-Strauss, Claude:** (1949) "Las estructuras elementales del parentesco" ("As estruturas elementares do parentesco"). Planeta Barcelona 1985
60. **Littlejohn, Stephen y Domenici, Kathy.** "Engaging communication in conflict – systemic practice" Sage Publ. USA 2001
61. **Levy, Alberto:**(1997) "Mayonesa" ("Maionese"). Granica. Buenos Aires. 2012.
62. **Marodin, Marilene:** "Conceitos fundamentais do modelo de negociação de Harvard" em *Mediação de conflitos. Paradigmas contemporâneos e Fundamentos para a Prática*. Marodin M. Molinari F. compil. Imprensa Livre. Porto Alegre 2016

63. **Maslow, Abraham H.** (1987). *Motivation and Personality*. Harper & Row. New York, NY s/año
64. **Melillo, Aldo y Saurez Ojeda, E.** Compil. "Resiliencia – Descubriendo las propias fortalezas" ("Ressiliência – Descobrimdo as próprias fortalezas"). Paidós. Buenos Aires. 2003.
65. **Melillo, Aldo, Saurez Ojeda, E., Rodríguez D.** Compil. Resiliencia y Subjetividad – los ciclos de la vida. ("Ressiliência e subjetividade – os ciclos da vida"). Paidós. Buenos Aires. 2004.
66. **Mississippi Burning** (em português: Mississippi em chamas ou Arde Mississippi). 1988, dirigida por **Alan Parker** <http://www.repelis.tv/7433/pelicula/mississippi-burning.html>
67. **Redorta, Josep** No más conflictos: Cómo resolver tensiones, diferencias y problemas en las organizaciones. (Não mais conflitos: como resolver tensões, diferenças e problemas nas organizações) Paidós. Buenos Aires 2012
68. **Oppenheimer, Andrés** : ¡Sálvese quién pueda! ("Salve-se quem puder"). Edit Debate. Buenos Aires, 2018
69. **Orwell, George.** "Sin un peso en Paris y Londres" ("Sem um tostão em Paris e Londres"). Debate. Buenos Aires 1933
70. **Orwell, George.** (1949) "1984" Edições Destino, Barcelona, 2007.
71. **Paenza, Adrián** "Matemática siento (sic) por ciento". ("Matemática sento (sic) por cento"). Edit. Página 12. Buenos Aires, 2014.
72. **Papalini, Vanina:** "Garantías de felicidad – Estudios sobre los libros de autoayuda" ("Garantias de felicidade – Estudos sobre os livros de autoajuda"). Adriana Hidalgo edit. Buenos Aires 2015
73. **Piñeiro, Gustavo:** Cantor, Georg. El Infinito en matemáticas. Lo incontable es lo que cuenta. (Cantor, Georg. O infinito em matemática. O incontável é o que conta). Edic. RBA, Buenos Aires 2015
74. **Poe, Edgar Allan:** La Carta Robada, traducción de Julio Cortázar. (A carta roubada. Tradução de Júlio Cortázar) Em Cuentos / I , Alianza Editorial 1998, Madrid.
75. **Porchia Antonio.** "Voces" ("Vozes"). Hachette. Buenos Aires, 1979.
76. **Rabinovich, Norberto:** "El pecado original del psicoanálisis" ("O pecado original da psicanálise"). Letra Viva. 2017 Buenos Aires.
77. **Rafecas, Daniel:** "Historia de la solución final" ("História da solução final"). SigloXXI. Buenos Aires. 2012
78. **Raiffa, Howard.** "El arte y la ciencia de la negociación". ("A arte e a ciencia da negociação"). (1982) Fondo de Cultura Económica. Mexico 1996
79. **Raiffa, Howard:** The Neutral Analyst: helping parties to reach better solutions", in Negotiation Strategies for better solutions, Lavinia Hall Editor, Sage Publications, USA, 1993
80. **Rodríguez Navarro, Daniel:** "Psiquiatría y nazismo". ("Psiquiatria e nazismo"). Edic. Madres de Plaza de Mayo. Buenos Aires 2010.
81. **Rubin, Jeffrey:** "Conflict from a psychological perspective" en "Negotiation: strategies for mutual gain" Lavinia Hall editor. Sage Publications. U.S.A., 1993. Excelente e fundamentada análise da escalada do conflito.
82. **Rudaeff, Marcelo (Rudy) y Varela Santiago:** "Autoayúdese, es una orden" ("Autoajude-se, é uma orden"). Edic. de la flor. Buenos Aires 1992.
83. **Semprún, Jorge.** (1963) "El largo viaje" ("A longa viagem"). Tusquets. Buenos Aires. 2004
84. **Six, Jean François:** Dinámica de la mediación. (Dinâmica da mediação). Paidós Barcelona 1997
85. **Solzhenitsyn, Aleksandr.** "L'archipel du Goulag" t. II Seuil. Paris. 1974
86. **Suares, Marinés.** "Mediación, conducción de disputas, comunicación y técnicas" ("Mediação, condução de disputas, comunicação e técnicas"). Paidós. Buenos Aires, 1996
87. **Talmude de Babilônia:** Tratado de Rosh Hashaná. Talmude Babli. 25 volúmenes. Edit Edaf. Jerusalém 2005. (em espanhol)
88. **Talmude de Babilonia.** Tratado Sotá 17a. referido em Haddad, O filho ilegítimo....
89. **Talmude Babli,** Pirké Abot. Cap. IV passagem 2. Em Bunim, Irving, Ética del Sinaí. (Ética do Sinaí). 3 volumes. Edit. Yehuda. Buenos Aires. 1989

90. **Tausk, Juan** : “Nace un mito para iniciar el milenio, el best seller : ¿Quién se ha llevado mi queso?.” (“Nasce um mito para iniciar o milenio, o best seller: Quem mexeu no meu queijo?”) *Jornal Clarín*. Buenos Aires. 2001
<https://www.dropbox.com/s/eucc5fk8h5mc9fk/Nace%20un%20mito%202003.doc?dl=0>
91. **Tausk, Juan** : “ ¿Qué ha sido de Teresa Rodriguez?” (“O que foi de Teresa Rodriguez?”) em Tausk, Juan e Duer Eduardo compiladores. “La palabra por venir- Conversaciones en clínica Psicoanalítica” (“A palavra por vir – Conversações em clínica psicanalítica”). JCE Editores Buenos Aires 2016
<https://www.dropbox.com/s/m92bma2s1kh83e6/Aportes%20para%20una%20cr%C3%ADtica...%20Juan%20Tausk%2020Oct%202015.doc?dl=0>
92. **Tausk, Juan**. “El Oscuro Objeto del Deseo Una perspectiva psicológica de la mediación”. (“O obscuro objeto do desejo. Uma perspectiva psicológica da mediação”). Apresentação na 2ª. Conferência do Foro Mundial de Mediação. La Habana. 1998. Seção Psicologia. Página 12. 1999. Secretaria de Publicações. Faculdade de Psicologia. 2003.
<https://www.dropbox.com/s/2ayxw0dzpomr1ge/Oscuro%20objeto%20del%20deseo%20Juan%20Tausk.doc?dl=0>
93. **Tausk, Juan**: “La mediación Comunitaria no es autoayuda: dos mentiras al precio de una” (“A mediação comunitária não é autoajuda: duas mentiras ao preço de uma”). Entre Todos Ciudad. Año V N° 3. 2017 Dirección General de Justicia. Ministério de Justiça e Seguridade. Buenos Aires.
94. **Todorov, Tzvetan**: “Frente al límite” (“Frente ao limite”). Siglo XXI, México, 1993.
95. **Ulloa, Fernando**: Salud eleMental Con toda la mar detrás! (Saúde elemental Com toda a mar detrás!. Zorzal. Buenos Aires 2012
96. **Ulloa, Fernando** (1997) *Novela Clínica Psicoanalítica. Historial de una práctica.* (Novela clínica psicanalítica. Historial de uma prática) Libros del Zorzal. Buenos Aires. 1997.
97. **Urcola, Cecilia**: “El trabajo del dolor” (“O trabalho da dor”) em Tausk, Juan e Duer, Eduardo compiladores: “La Palabra por venir” (“A palavra porvir”). JCE Ediciones Buenos Aires 2016.
98. **Ury, William**. “Obtenga el sí consigo mismo” (“Obtenha o sim consigo mesmo”). Conecta. Buenos Aires 2015
99. **Van Gogh, Vincent**. “Cartas a Theo” *Goncourt*. Buenos Aires, 1980
100. **Valdebenito Larenas, Caterine**: “Mediación familiar en Chile. Un estudio sobre modelos y técnicas” (“Mediação familiar em Chile. Um estudo sobre modelos e técnicas”). Tese de Mestrado. www.master-mediación.com.ar
101. **Vezzulla, Juan Carlos**: “Teoría e Prática da Mediação” (Instituto de Mediação e Arbitragem do Brasil, 1998), “Mediación de conflictos con adolescentes autores de acto infractor” (“Mediação de conflitos com adolescentes autores de ato infrator”). (Universidade de Sonora e Instituto de Mediação de México, 2005)
102. **VVAA** “La experiencia del Pase” Libros I, II y III. (“A experiência do passe”. Livros I, II e III) Vários autores. Edit. Escuela Freudiana de Buenos Aires. 2005, 2006 y 2010. Buenos Aires.
103. **Wachtel, Nathan**; (2009) “La lógica de las hogueras” (“A lógica das fogueiras”). CFE edit. Argentina. 2014.
104. **Wachsmann, Nikolaus**, (2015) “Una historia de los campos de concentración nazis” (“Uma história dos campos de concentração nazis”). Edit. Planeta. Buenos Aires, 2016
105. **Wagner, Richard**. 1848. Última parte da Tetralogia: O Anel do Nibelungo.
106. **Yellow Submarine** é um filme de animação, de 1968, baseado na canção de The Beatles. Foi dirigida pelo animador canadense George Dunning, e produzida por United Artists y King Features Syndicate. Ver seção aos 35 minutos, em <http://www.fulltv.com.ar/peliculas/yellow-submarine.html> o <http://www.tu.tv/videos/the-beatles-yellow-submarine-pelicula-co> l

